

Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Centro de Pesquisas René Rachou
Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva

**DIÁLOGOS COM JOVENS E RESILIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA
HERMENÊUTICA GADAMERIANA**

por

Danielle Fanni Dias Knupp

Belo Horizonte
2015

DISSERTAÇÃO MSC – CPqRR

D.F.D.KNUPP

2015

DANIELLE FANNI DIAS KNUPP

**DIÁLOGOS COM JOVENS E RESILIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA
HERMENÊUTICA GADAMERIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Pesquisas René Rachou como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva - área de concentração Ciências Humanas e Sociais em Saúde.

Orientação: Profa. Dra. Celina Maria Modena

Coorientação: Profa. Dra. Maria José Nogueira

Belo Horizonte
2015

Catálogo-na-fonte
Rede de Bibliotecas da FIOCRUZ
Biblioteca do CPqRR
Segemar Oliveira Magalhães CRB/6 1975

K67d Knupp, Danielle Fanni Dias.
2015

Diálogos com jovens e resiliência: contribuições da hermenêutica gadameriana / Danielle Fanni Dias Knupp. – Belo Horizonte, 2015.

IX, 129 f.: il.; 210 x 297mm.

Bibliografia: f.: 77 - 81

Dissertação (Mestrado) – Dissertação para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Pesquisas René Rachou. Área de concentração: Ciências Humanas e Sociais em Saúde.

1. Resiliência Psicológica 2. Saúde Pública/tendências 3. Adolescente I. Título. II. Modena, Celina Maria (Orientação) III Nogueira, Maria José (Coorientação)

CDD – 22. ed. – 305.235

DANIELLE FANNI DIAS KNUPP

**DIÁLOGOS COM JOVENS E RESILIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA
HERMENÊUTICA GADAMERIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Pesquisas René Rachou como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva - área de concentração Ciências Humanas e Sociais em Saúde.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Celina Maria Modena (Fundação Oswaldo Cruz – Minas Gerais)
Presidente

Profa. Dra. Denise Nacif Pimenta (Fundação Oswaldo Cruz – Minas Gerais) Titular

Profa. Dra. Eloísa Lima (Faculdade Fead) Titular

Profa. Dra. Adryene Milanez Rezende (Fundação Oswaldo Cruz – Minas Gerais)
Suplente

Dissertação defendida e aprovada em Belo Horizonte, 27/03/15.

como ainda era possível rir como ela fizera havia pouco e mostrar curiosidade pelas palavras de Mefistófeles, achando-se ela mesma em tal horror. Porém, coisas da juventude! [...] A juventude ainda que um pinguinho meio sem rumo, é sempre magnânima.

Dostoiévski, 1876

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos jovens, que apostaram na importância do diálogo, me fazendo renovar a esperança em uma convivência mais autêntica entre as pessoas. Sou muito grata à minha orientadora Celina, que com sua postura empática me entusiasmou a buscar novas formas de pensar sobre as mesmas coisas, sempre repetindo meus limites e acolhendo meus questionamentos. Agradeço à minha coorientadora Maria José, que me apoiou durante todo o percurso da pesquisa. À Isabela Chimeli, companheira nas longas divagações sobre a construção do conhecimento e, fundamentalmente, sobre a vida. À professora Virgínia Torres Schall, referência constante, que me acolheu neste projeto acreditando no trabalho coletivo. Ao professor Sérgio Dias Cirino, que com suas preciosas contribuições na qualificação do projeto de pesquisa, direcionou meu olhar para questões essenciais. Ao Louis Allanic, pelas divertidas reuniões de discussão da pesquisa. Ao Artileu Bonfim, pela acolhida, parceria e modelo de dedicação às juventudes da cidade de Lagoa Santa. Às minhas amigas, em especial Aline, sempre acreditando em meu potencial nos momentos de incerteza. Aos meus queridos pais, mais presentes do que nunca, apesar da distância. Ao meu irmão Rafael e cunhada Ana, pela força e encorajamento, minha irmã Manoela e cunhado Murilo, pela torcida. Ao meu sogro Juarez, sogra Maria Helena, cunhados Frederico e Renata, pelo estímulo. À minha cadelinha Pretinha, companheira fiel, ao meu lado durante todo o tempo de estudo e escrita. Também agradeço a todos que mesmo não citados aqui, contribuíram para a conclusão deste trabalho. Finalmente, agradeço ao meu Daniel, por partilhar a vida, e à minha Catarina, que falta pouco para chegar e alegrar ainda mais meus dias.

Sumário

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	10
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1 RESILIÊNCIA: DISSENSOS E CONSENSOS EM TORNO DO CONSTRUTO	16
3.2 RESILIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM “RISCO”, “VULNERABILIDADE” E “PROTEÇÃO”	21
3.3 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA DE GADAMER PARA O ESTUDO DA RESILIÊNCIA.....	23
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	27
4.1 LOCAL E POPULAÇÃO DO ESTUDO.....	27
4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA	28
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	29
4.4 ASPECTOS ÉTICOS	30
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
5.1 “ESSAS PERGUNTAS NÃO ACONTECEM A TODO MOMENTO”: O DIÁLOGO COM JOVENS E A HERMENÊUTICA GADAMERIANA.....	31
5.2 RESILIÊNCIA E PROTEÇÃO: A DINÂMICA DA RECIPROCIDADE.....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICES	82
APÊNDICE 1	83
ROTEIRO PARA ENTREVISTA	83
APÊNDICE 2	84
QUADRO CATEGORIAL	84
ANEXOS	135
ANEXO 1	136
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	136
ANEXO 2	138
CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	138

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo analisar a potência do diálogo para o entendimento do processo de resiliência no cotidiano dos jovens e a dinâmica das relações de proteção, estabelecidas nas circunstâncias que eles experienciam como adversas. Ancorando-se no conceito de diálogo da hermenêutica gadameriana, foram analisados os relatos de 14 jovens, na cidade de Lagoa Santa-MG. As entrevistas foram realizadas entre maio e agosto de 2014, e os participantes de ambos os sexos, estudantes do Ensino Médio em escolas públicas, tinham idades entre 15 e 19 anos. As entrevistas em profundidade foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados apontam para obstáculos no estabelecimento de diálogos autênticos dos jovens em seu cotidiano, tanto por não encontrarem abertura em seus contextos quanto por uma dificuldade em se abrir para o outro. A rede de apoio dos jovens não é a mesma em todas as situações sociais. Para além da importância de receber suporte da família, dos amigos e dos dispositivos formais, o papel de oferecer suporte para o outro desponta como uma constante em seus relatos. Os processos protetivos são constituídos em acordos intersubjetivos, em que a *reciprocidade* é marcada como tendo um valor para a constituição da subjetividade dos jovens. Concluiu-se que as pesquisas sobre resiliência não podem prescindir da dimensão dialética, proposta pela hermenêutica. As instituições formais devem exercer sua potencialidade, estabelecendo uma agenda que valorize o diálogo e uma práxis cotidiana que se inscreva como suporte para as juventudes.

Palavras-chave: resiliência, saúde coletiva, jovens, diálogo, hermenêutica

ABSTRACT

This study aimed to analyze the power of dialogue for understanding the resilience process in the daily lives of young people and the dynamics of the relations of protection, established in the circumstances they experience as adverse. Reports of 14 young people of the city of Lagoa Santa-MG were analyzed based on the Gadamer's hermeneutics dialog concept. The interviews were conducted between May and August 2014, and the participants of both sexes, high school students in public schools, were aged between 15 and 19 years. The in-depth interviews were categorized according to Bardin content analysis (2011). The results point to obstacles in establishing authentic dialogues of young people in their daily lives, both for not finding opening in their contexts and by a difficulty to open up to each other. The youth support network is not the same in all social situations. In addition to the importance of receiving support from family, friends and the formal devices, the role of support to the other emerging as a constant in their accounts. The protective processes are made in intersubjective agreements, where reciprocity is marked as having a value for the constitution of subjectivity youth. In conclusion, the research on resilience can not be made without the dialectical dimension proposed by hermeneutics. Formal institutions must exercise its potential, establishing an agenda that values dialogue and a daily practice that you register as a support for the youths.

Keywords: resilience, public health, young, dialogue, hermeneutics

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A Organização Mundial de Saúde aponta que, de cada cinco pessoas no mundo, uma é adolescente, e 85% delas vivem em países em desenvolvimento, como o Brasil. Quase 2/3 das mortes prematuras e 1/3 do total das doenças em adultos estão associadas a condições ou comportamentos, que começaram na juventude, incluindo o uso do tabaco, a falta de atividade física, o sexo desprotegido ou exposição à violência. Consta-se que as taxas de mortalidade, que, ao longo dos últimos cinquenta anos, diminuíram em todas as faixas etárias; entre os jovens de 15 a 24 anos, diminuíram menos, superando a mortalidade infantil nos países de alta renda (OMS, 2011).

A esse preocupante cenário, interpõe-se o fato de que muitos jovens não têm acesso a informações e serviços, adequados ao atendimento de suas necessidades (CLARO *et al.*, 2006). Diante da timidez de ações em saúde, pautadas na autonomia e protagonismo dos jovens, alguns eixos de trabalho ligados ao projeto interdisciplinar “Adolescência e saúde: um estudo sobre comportamentos de risco no Município de Lagoa Santa MG”¹ estão em movimento. A pesquisa com a população jovem de Lagoa Santa pretende colaborar com estratégias, materiais educativos e discussões teóricas, subsidiando ações de promoção ao bem-estar dos jovens deste município, considerando-se os mesmos como agentes neste processo.

Esta dissertação é parte integrante deste projeto, que irá problematizar processos de resiliência junto a jovens da cidade de Lagoa Santa. O estudo do construto resiliência partirá das experiências cotidianas dos jovens, considerando-se a complexa trama entre contextos adversos, mecanismos de proteção (individual, social, familiar e institucional) e organização da rede de apoio, incluindo a percepção que eles sustentam sobre a presença de políticas públicas voltadas para a promoção de seu bem-estar nessa dinâmica.

¹ Vinculado ao Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA), em parceria com o Observatório da Juventude da Fundação João Pinheiro do Estado de Minas Gerais e Conselho Municipal de Juventude de Lagoa Santa (CONJUVE). Integra atualmente a seguinte equipe de pesquisadoras da Fiocruz-Minas: Dra. Virgínia Torres Schall; Dra. Celina Maria Modena, Dra. Maria José Nogueira, as mestrandas Isabela Vilela Chimeli e Danielle Fanni Dias Knupp e o pesquisador Louis Allanic da Fundação João Pinheiro.

Na literatura psicológica, a resiliência é um conceito atravessado por inconsistências tanto teóricas quanto metodológicas. Todavia, a complexidade de conceitualizações, métodos e considerações sobre o fenômeno, não encobre a concordância entre pesquisadores da área, sobre a relevância do enfoque no crescimento bem sucedido das pessoas, ao invés de insucessos ou desfechos negativos (LIEBENBERG & UNGAR, 2009).

Em meio a definições díspares de resiliência, Michael Ungar (2004), importante pesquisador canadense, que trabalha predominantemente com populações jovens, em diferentes contextos e culturas, orientado por um paradigma construcionista da resiliência, considera ser inapropriada uma única maneira de interpretá-la, já que há uma pluralidade de definições contextualmente relevantes e negociadas discursivamente pelos indivíduos para definir seu bem-estar. A definição que o autor propõe do termo estabeleceu-se como um guia no presente estudo. Para ele, resiliência:

Primeiramente é a capacidade de os indivíduos navegarem por recursos que mantêm bem-estar; em segundo lugar é a capacidade de os ambientes físicos e sociais oferecerem tais recursos, e em terceiro lugar, é a capacidade de os indivíduos, suas famílias e comunidades negociarem recursos culturalmente significativos a serem partilhados. É esse processo duplo de navegação através de recursos disponíveis, bem como a negociação por recursos a serem proporcionados de forma valorizada pelos adolescentes, envolvendo tanto o indivíduo e seus ambientes em um processo dinâmico, conduzindo a bem-estar (LIBÓRIO & UNGAR, 2010, p.483).

Essa formulação nos permite pensar no potencial de a resiliência fornecer ao campo da saúde uma prática, em que as negociações desses recursos, que conduzem os jovens ao bem-estar, possam se estabelecer por meio de um vínculo de confiança. As ações institucionais poderão contribuir para os processos de resiliência, desde que efetivadas por meio deste entendimento. No entanto, a promoção da resiliência nestes espaços microssociais:

não substitui a ação do Estado nas questões referentes às situações de risco à saúde e àquelas que interferem negativamente na qualidade de vida, tal como as situações de violência. Promover resiliência não implica abandonar as políticas voltadas para o enfrentamento dessas situações, seja em um sentido preventivo ou na assistência às necessidades e direitos da população. Lançar a responsabilidade sobre o indivíduo seria uma leitura estreita daquilo que os pesquisadores têm refletido acerca do conceito de resiliência (JUNQUEIRA & DESLANDES, 2003, p.233).

Neste sentido, a resiliência despontou como nosso objeto de estudo, sempre em relação aos diversos processos e fatores envolvidos em sua construção. As narrativas dos jovens foram encadeadas em um diálogo com a pesquisadora, em que o referencial da hermenêutica gadameriana operou como um horizonte para a compreensão deste fenômeno, na medida em que nos proporcionou uma abertura para “reconhecer o outro como uma questão séria, isto é, como autoridade e valor, abdicando da tentação de o tratar como coisa puramente presente ou disponível, [...] verdadeira condição de possibilidade, que [...] permite aprender com os outros” (SILVA, 1992, p.139-140).

Ao levar os jovens a sério, deparamos com o desconforto de tratá-los como adolescentes, com toda a conotação que essa palavra carrega. O recém publicado Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) considera jovem, a faixa etária de 12 a 29 anos e, em acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), trata como adolescentes os jovens que estão na faixa etária de 12 a 18 anos. Nesta dissertação, faremos uso do termo jovem, não por conta do enquadre em uma faixa etária específica. A escolha relaciona-se à percepção de que a noção de adolescência, na atualidade, tem sofrido um desgaste, sendo muitas vezes declarada de maneira depreciativa em nossa cultura, o que produz até mesmo neologismos como “aborrecentes”, ao se referir aos jovens e às juventudes.

Coimbra *et al.* (2005) também compartilham do mesmo incômodo, indicando que, na contemporaneidade, a figura do adolescente é vinculada a um modelo de estilo de vida, ditado pelos “*teens* estadunidenses”, que instaura o reconhecimento de uma única forma de ser adolescente. A naturalização do conceito pode ser constatada, sobretudo nos discursos oficiais, “que entendem essa construção como uma fase universal e a-histórica do desenvolvimento humano”. As autoras concluem que, “[...] ao se reafirmar a homogeneidade, nega-se a multiplicidade e a diferença.” (COIMBRA *et al.*, 2005, p.4-6).

Nessa investigação, em que os jovens são convidados a expressar suas opiniões, formas de vida e maneiras de estar no mundo, concordamos com a consideração de que:

subverter a noção de adolescência é uma ação política importante nesse momento, em que há tanta insistência em individualizar e interiorizar as questões sociais, e em psiquiatrizar e criminalizar os ditos desvios das normas impostas a todos nós. O conceito de juventude poderia permitir a abertura de espaços para a diferença

que existe nos processos e nos acasos dos encontros (COIMBRA *et al.*, *op.cit.*, p.7).

Os estudos atuais sobre juventude têm utilizado este termo no plural, como reconhecimento das singularidades e formas localizadas de estar no mundo: distintas maneiras de as “juventudes” se identificarem com as dimensões de gênero, cor da pele, classe, local de moradia, cotidiano e projetos de futuro (SILVA & SILVA, 2011). Portanto, ao falar sobre os jovens e as juventudes, bem como de seus processos de resiliência, parte-se do registro de que são noções construídas socialmente e normatizadas em uma cultura específica.

Certas de que os estudos sobre as juventudes devem ser empreendidos com as juventudes, sobretudo na área da saúde, herdeira de uma tradição epistemológica de distância pesquisador-participante, os diálogos empreendidos com os jovens, nesta pesquisa, ratificam a lógica do encontro e da abertura para o outro.

A dissertação foi estruturada, após esta introdução, em outros cinco tópicos: o segundo tópico define os objetivos da pesquisa; o terceiro, com três subdivisões, conta com uma breve explanação sobre o objeto de estudo resiliência, de acordo com uma revisão da literatura na área da Psicologia; o subtópico “3.1 *Resiliência: dissensos e consensos em torno do construto*”, apresenta as principais controvérsias apontadas pela literatura bem como os pontos de acordo sobre o objeto de estudo; o subtópico “3.2 *Resiliência e sua relação com 'risco', 'vulnerabilidade' e 'proteção’*” explana como o conceito de resiliência se conecta a outros conceitos, e as consequências metodológicas resultantes; em “3.3 *Possíveis contribuições da hermenêutica de Gadamer para o estudo da resiliência*” apresenta-se uma proposta de entendimento da resiliência, beneficiando-se da teoria hermenêutica de Hans-George Gadamer (1990-2002).

O tópico quarto descreve a trajetória metodológica da pesquisa de campo. A apresentação dos resultados e a discussão da investigação serão expostas em dois artigos: o primeiro – “5.1 *“Essas perguntas não acontecem a todo momento”: diálogos com jovens e a hermenêutica gadameriana*” — parte do conceito de diálogo em Gadamer para sugerir que a experiência do encontro autêntico entre jovens e pesquisadoras pode fazer avançar o estudo de fenômenos complexos, como a resiliência; o segundo – “5.2 *Resiliência e proteção: a dinâmica da reciprocidade* —

apresenta algumas categorias analíticas que emergiram das entrevistas, que remetem aos processos protetivos envolvidos na dinâmica da resiliência. As considerações finais contam com uma reflexão sobre o processo da pesquisa, e uma síntese parcial sobre as leituras propostas ao longo da dissertação.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a potência do diálogo para o entendimento do processo de resiliência no cotidiano dos jovens e a dinâmica das relações de proteção estabelecidas nas circunstâncias que eles experienciam como adversas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como o conceito de diálogo em Gadamer pode contribuir para a os estudos em resiliência com jovens
- Na perspectiva da hermenêutica gadameriana, analisar a importância que os jovens atribuem ao diálogo em seu cotidiano
- Compreender o que os jovens percebem como elementos protetivos ao seu bem-estar.
- Entender alguns aspectos das relações estabelecidas pelos jovens em sua rede de apoio pessoal e formal no enfrentamento de circunstâncias experienciadas como adversas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 RESILIÊNCIA: DISSENSOS E CONSENSOS EM TORNO DO CONSTRUTO

Trombeta & Guzzo (2002) apontam que, na literatura psicológica, a noção de resiliência é encontrada desde a década de 1960 para caracterizar a capacidade de resistir: força necessária para a saúde mental durante a vida. As autoras apontam a presença do termo no importante trabalho desenvolvido por Bowlby, em seu primeiro livro sobre a teoria do apego, publicado em 1969, em que considerava a resiliência como característica de personalidade, que pode aparecer sob condições adversas. Pinheiro (2004) destaca que em 1966 o termo já vinha sendo utilizado para descrever as forças tanto biológicas quanto psicológicas necessárias para enfrentar com sucesso as mudanças na vida.

A utilização da noção de resiliência foi precedida por termos como “invulnerabilidade” e “invencibilidade” diante do estresse (OLIVEIRA *et al.*, 2008). De acordo com Yunes (2003), o termo invulnerabilidade foi introduzido na psicopatologia do desenvolvimento em 1974 pelo psiquiatra infantil E.J. Anthony, com o intuito de descrever crianças que apresentavam “saúde emocional e alta competência diante de prolongados períodos de adversidades e estresse psicológico” (YUNES, 2003, p.77).

No entanto, nos anos posteriores, o debate sobre a aplicação do termo invulnerabilidade levou muitos pesquisadores a considerar o mesmo inapropriado, já que com o avanço das pesquisas na área, constatou-se que o estresse atinge cada pessoa de maneira distinta. Ou seja, diante de fatores de estresse, de diversas naturezas, cada indivíduo pode ser mais ou menos vulnerável (OLIVEIRA *et al.*, 2008).

Portanto, demonstrar resiliência diante das adversidades não pressupõe ser invulnerável a elas. A invulnerabilidade sugere a noção de ser uma característica intrínseca do indivíduo, e a resiliência é relativa: “suas bases são tanto constitucionais como ambientais, e o grau de resistência não tem uma quantidade fixa, e sim, varia de acordo com as circunstâncias (YUNES, 2003, p.77).

Os dois estudos longitudinais pioneiros e considerados marcos para a

investigação da resiliência, são citados em grande parte dos artigos de revisão e teorização sobre o construto². O primeiro estudo foi coordenado por Emmy Werner, que acompanhou por 32 anos uma coorte de 698 crianças, desde seu nascimento em 1955 até a idade adulta, avaliando, dentre outros aspectos, “as consequências, a longo prazo, das condições adversas sobre o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial dessas crianças” (SILVA *et al.*, 2003, p.148).

O segundo refere-se ao estudo conduzido por Michel Rutter que, de 1979 a 1989, acompanhou 125 crianças, filhos de pais portadores de doença mental. O fato de muitas dessas crianças não sucumbirem às adversidades “serviu de ponto de partida para a investigação, no sentido de compreender como elas conseguiram evitar os efeitos negativos da convivência com a doença mental, e identificar o que as protegia dos perigos potenciais a que estavam expostas” (SILVA *et al.*, 2003, p.148). Reppold *et al.* (2012) apontam que um aspecto comum, nesses estudos pioneiros, foi o enfoque em processos de adaptação positiva, diferentemente da tendência científica da época.

Liebenberg & Ungar (2009) apresentam o percurso das pesquisas na área da resiliência, demarcando quatro momentos com enfoques distintos. Eles apontam que inicialmente a atenção dos pesquisadores voltou-se aos resultados (jovens que subvertiam as probabilidades e sobreviviam à pobreza e doença mental de um dos pais) e às qualidades intrínsecas apresentadas por eles, como por exemplo, o temperamento. Em um segundo momento, a resiliência foi apreendida como a interação dinâmica entre pessoa e ambiente, contando com a investigação de mecanismos de proteção, envolvidos neste processo. Para os autores, mais recentemente, os pesquisadores se concentraram em populações de crianças e jovens, argumentando que o desenvolvimento positivo, o enfrentamento e a resiliência estão presentes entre aqueles que têm ambos os recursos, internos e externos. O quarto momento, em que Liebenberg & Ungar (2009) se consideram parte, com seus próprios estudos, visa ampliar a discussão da resiliência, argumentando que a forma como a entendemos é negociada discursivamente e influenciada pela cultura e contexto em que se encontram as pessoas.

Apesar de o conceito resiliência já estar presente nas publicações, desde a

² Ver: Zimerman e Arunkumar (1994); Cowen & Wyman (1998); Silva *et al.* (2003); Reppold *et al.* (2011); Omar *et al.* (2011)

década de 1960, Junqueira & Deslandes (2003) sinalizam um volume maior de publicações sobre o tema na década de 1990, em comparação com as décadas anteriores. No entanto, não há uma definição consensual para o construto, encontrando-se na literatura uma variedade de definições, que revelam que o conceito está em permanente construção e debate.

Brandão *et al.* (2011), citam que alguns autores organizaram as formulações sobre resiliência em três correntes: a corrente norte-americana, de cunho pragmático, centrada no indivíduo, considerando a resiliência como produto da interação entre o sujeito e o meio em que está inserido; a europeia, de cunho mais relativista e ético, que pontua a visão do sujeito como relevante para a avaliação da resiliência, considerando que a resposta deste às adversidades transcende os fatores do meio, e é tecida a partir da dinâmica psicológica da pessoa. Por último, a corrente latino-americana, de cunho comunitário, com enfoque nos aspectos sociais como resposta aos problemas do sujeito diante das adversidades.

Buscando a origem da palavra resiliência, no dicionário da língua portuguesa, a primeira definição descrita reporta-se ao seu significado na área da Física, dizendo ser a “propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica”. No sentido figurativo, ela seria a “capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”.³ (HOUAISS, 2001). Na literatura científica sobre o tema resiliência, deparamos com a mesma tentativa da maioria dos pesquisadores, principalmente em publicações mais recentes, de tentar compreender o sentido da resiliência, buscando suas origens, e a partir daí, desenvolver suas conceituações.

Neste momento, aparece então um primeiro dissenso apontado por Brandão *et al.* (2011). Eles observam que, na literatura psicológica dos países de língua latina, incluindo o Brasil, há um assentimento de que o termo resiliência foi tomado das ciências exatas. No entanto, advertem que pesquisadores ingleses e norte-americanos, incluindo os principais pesquisadores internacionais sobre o tema, podendo citar Michael Rutter, Norman Garmezy, Ann Masten, Emmy Werner e Ruth Smith, Michael Ungar, Edith Grotberg, Suniya Luthar, entre outros, não atribuem a

³ A palavra é originada do inglês “*resilience*” (1824) que remete ao sentido de “elasticidade, capacidade rápida de recuperação”. Há também a definição do adjetivo resiliente, originário do latim “*resilire*”, que é “saltar pra trás, voltar [...]”, sendo mencionada também sua origem inglesa “*resilient*” (1674) “elástico; com rápida capacidade de recuperação” (HOUAISS, 2001)

utilização da palavra pela Psicologia a esta origem.

Brandão *et al.* (2011) argumentam que o uso do termo resiliência na linguagem coloquial pode ter tido um peso muito maior na escolha do vocábulo por estes pesquisadores pioneiros, do que uma escolha baseada na definição atribuída ao termo pela Física, já que seu uso na língua inglesa é bem anterior às línguas de origem latina. Ou seja, a apropriação da expressão pode ter mais em comum com o que se dizia sobre as pessoas resilientes no cotidiano, do que propriamente uma metáfora emprestada da Física, sendo esta última uma conclusão no mínimo precipitada.

Outro dissenso seria um desdobramento do primeiro: ao atribuir o conceito ao termo emprestado da Física, as conceituações, que nos primeiros pesquisadores da resiliência eram de “adaptação” diante das adversidades, passaram a incluir o viés de “superação” das adversidades. Ou seja, o entendimento que os pesquisadores possuem das origens da resiliência influenciam em suas próprias concepções adotadas:

De modo geral, ingleses e norte-americanos entendem a resiliência como resistência ao estresse, enquanto brasileiros e pesquisadores falantes de línguas latinas têm uma concepção que entende a resiliência ora como resistência ao estresse, ora como associada a processos de recuperação e superação de abalos emocionais causados pelo estresse (BRANDÃO *et al.*, 2011, p.264).

Junqueira & Deslandes (2003) também indicam nessas publicações a presença dos dois enfoques: adaptação e superação frente aos traumas e adversidades. O primeiro diria respeito “à capacidade adquirida nas relações [...] como também seria proveniente das características pessoais dos indivíduos que lidam melhor com as adversidades e extraem algum 'aprendizado' diante do problema, conseguindo desenvolver comportamentos 'adaptados' ao que é esperado pela sociedade”. Nas definições que enfocam o caráter de “superação” do trauma vivido, “a experiência não seria 'apagada'; ao contrário, ela poderia ser 'elaborada simbolicamente', fazendo parte da biografia do indivíduo ou grupo e compondo um estoque de vivências que poderiam dar subsídios para seu fortalecimento diante de novas situações” (JUNQUEIRA & DESLANDES, *op.cit*, p. 229).

As mesmas autoras apontam algumas das implicações de se definir a resiliência como uma forma de adaptação. Uma delas seria a conformidade diante da violência e uma perspectiva individualista de lidar com o problema. Por outro

lado, consideram que definir resiliência por seu aspecto de “superação” de eventos estressores, também deve ser relativizado, levando-se em conta a dimensão contextual da resiliência, que “[...] não é um processo estanque nem linear, visto que um indivíduo pode se apresentar como resiliente diante de determinada situação mas, posteriormente, não o ser frente a outra” (JUNQUEIRA & DESLANDES, *op.cit*, p. 229).

Reppold *et. al* (2012) também marcam a complexidade do construto e apontam que, a despeito do indivíduo poder demonstrar diferentes graus de resiliência em diferentes períodos da sua trajetória de vida, em função, por exemplo, de mudanças contextuais significativas, um mesmo indivíduo pode demonstrar resiliência em relação a determinados tipos de risco, mas não em relação a outros, ou pode demonstrar padrões adaptativos positivos restritos a apenas determinados domínios do funcionamento humano. Nesse sentido, para Junqueira & Deslandes (2003) é inapropriado falar de “indivíduos resilientes”, mas sim de uma capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade, não sucumbindo a ela.

Além das definições como meio de superação e adaptação, é interessante notar no quadro das publicações sobre resiliência da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), apresentado por Junqueira & Deslandes (2003), que em um mesmo autor é possível encontrar diferentes definições para o construto. Kotliarenco *et al.* (1997), ora definem a resiliência como uma “habilidade para suportar a adversidade” ora como uma “capacidade humana universal para fazer frente às adversidades da vida” (KOTLIARENCO *et al.*, 1997 *apud* JUNQUEIRA & DESLANDES, 2003, p.230). Outras publicações, como Rutter (1987), definem resiliência como “competência e adaptação da pessoa para ultrapassar com sucesso o estresse e a adversidade, relacionando-a à vulnerabilidade e a fatores de proteção (RUTTER, 1987 *apud* JUNQUEIRA & DESLANDES, 2003, p.231).

Em meio a tantas definições, Pinheiro (2004) questiona “se é possível falar em resiliência, sempre que houver sobrevivência física e psicológica da pessoa diante dos fatores de risco, ou se seria resiliente o indivíduo que não só supera as adversidades, mas se sente feliz e em paz com a sua existência” (PINHEIRO, 2004, p.69). Para Silva *et al.* (2003), “a resiliência implica mais do que meramente sobreviver à situação adversa ou escapar de alguma privação. Representa uma

contraposição à ideia de que os sujeitos que crescem em ambientes adversos estão fadados a se tornarem adultos com problemas” (SILVA *et al.*, 2003, p.148).

Por outro lado, alguns autores ponderam que a resiliência não produz pessoas melhores, somente mais capazes de lidar com condições de vida difíceis, já que o jovem que se revela resiliente em determinadas circunstâncias, não tem, obrigatoriamente interesse em conceitos como empatia ou solidariedade. (JUNQUEIRA & DESLANDES, 2003)

Liebenberg & Ungar (2009) concluem que essa dificuldade de descrição objetiva da resiliência relaciona-se à dependência de sua definição de outros processos, como os riscos aos quais a pessoa está exposta e estratégias de enfrentamento que ela emprega. É, neste sentido, que assinalam que ironicamente, não podemos estudar a resiliência sem estudar risco. Para estes autores a resiliência é o pólo positivo do contínuo desenvolvimento que ocorre nas crianças, que sofrem tanto de uma exposição aguda quanto crônica, a estressores de toda ordem.

3.2 RESILIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM “RISCO”, “VULNERABILIDADE” E “PROTEÇÃO”

Falar então sobre processos de resiliência evoca outras formulações, como os processos de risco, vulnerabilidade e proteção. A fim de esclarecer a vinculação conceitual entre resiliência e risco, Yunes & Szymanski (2001) apontam a plasticidade tanto de um conceito quanto do outro, em que os processos da resiliência operam “na presença de risco para produzir consequências boas ou melhores do que aquelas obtidas na ausência de risco”. A característica processual dos conceitos não permite inferências do tipo causa-efeito. Isso se verifica, sobretudo, diante de riscos psicológicos. Nos estudos contemporâneos sobre risco, “o ingrediente central [...] está na sua ênfase no movimento dos fatos e não em fatos estáticos.” (YUNES & SZYMANSKI, 2001, p. 24-27).

Por sua vez, o conceito de vulnerabilidade, dimensão contínua do comportamento, também não é estático. Ele se refere mais precisamente ao indivíduo e às suas susceptibilidades a respostas ou consequências negativas. Assim como o conceito de resiliência, o de vulnerabilidade também é evocado, quando na presença do risco, e os processos protetivos têm influência constante no

dimensionamento do risco pelo indivíduo, que pode perceber-se mais ou menos vulnerável diante de determinada situação. Sendo assim, a resiliência é o processo final da proteção. O que não elimina o risco, mas encoraja o indivíduo a se engajar na situação de risco efetivamente (YUNES & SZYMANSKI, 2001).

Maia & Willians (2005), na revisão de estudos que contemplam fatores de risco e proteção no desenvolvimento infantil, concluem que, aos fatores de proteção, não é dada a mesma atenção que aos fatores de risco. Ponderam que as competências e recursos informais presentes na vida das pessoas, utilizados para promover o repertório de habilidades de resolução de problemas e aumentar a autoestima, podem tornar as pessoas mais resilientes.

As mesmas autoras apresentam algumas classificações presentes na literatura que definem três categorias de fatores protetivos: “a) atributos disposicionais da criança – atividades, autonomia, orientação social positiva, autoestima, preferências, etc; b) características da família – coesão, afetividade e ausência de discórdia e negligência; e c) fontes de apoio individual” (MAIA & WILLIANS, *op.cit*, p.97).

A ocorrência de bons resultados diante das ameaças ao desenvolvimento, é a definição de resiliência apresentada pela Associação Americana de Psicologia (APA), que lista alguns “fatores” que podem favorecê-la: relacionamento positivo com ao menos um adulto significativo (parente ou não); existência de uma âncora religiosa ou espiritual; expectativa acadêmica alta e realista; ambiente familiar positivo; inteligência emocional; e habilidade para lidar com o estresse (MAIA & WILLIANS, *op.cit*).

Para Libório & Ungar (2010), esses fatores não podem ser considerados a priori como protetivos, já que seu papel dependerá da qualidade dos recursos que têm maior relevância para a criança e adolescente. Ou seja, depende da construção social de cada fator e do significado a ele atribuído em uma cultura ou contexto específicos. É inócuo considerar, por exemplo, a alta expectativa acadêmica como fator de proteção para uma criança, em um contexto em que isso não é valorizado.

Portanto, estes fatores de proteção que compõem o curso da resiliência, não são “experiências positivas” ou “condições de baixo risco”. Por conseguinte, sem a presença do risco, não se pode falar em fator de proteção. Alguns autores introduzem em suas descrições, termos como “processos” ou “mecanismos” de

proteção, propondo que a importância das pesquisas está na identificação de processos protetivos diante dos riscos (YUNES & SZYMANSKI, 2001). Ralha-Simões (2001), complementa esta ideia dizendo que “o que importa mesmo é tentar reconstituir como é que as características protetoras se desenvolveram e como modificaram o percurso do indivíduo” (RALHA-SIMÕES, 2001, p.112).

Outro conceito muito presente nos estudos que enfatizam os elementos de proteção envolvidos na resiliência, é o *coping*. Ele se define como o conjunto de estratégias a que as pessoas recorrem para se adaptarem às adversidades. Partindo de diferentes posições teóricas e metodológicas, diversos modelos de *coping* são propostos na literatura psicológica.

Podemos destacar o modelo de *coping* de Folkman & Lazarus (1980), citado por Antoniazzi *et al.* (1998), considerado ser o mais abrangente dos modelos existentes, porque parte de quatro premissas principais: é um processo que se dá em interação entre o indivíduo e ambiente; possui a função de administrar a situação estressora ao invés de tentar controlá-la; pressupõe a noção de avaliação, ou seja, o fenômeno é interpretado cognitivamente, e requer esforço cognitivo e comportamental para administrar as demandas internas e externas da interação do indivíduo com o ambiente.

Há também outros modelos de *coping* que focalizam a emoção, o problema ou as relações pessoais. Independente do modelo, converge-se para um consenso de que as estratégias de *coping* também não podem ser consideradas intrinsecamente boas ou más, adaptativas ou não, sendo necessário levar em conta a natureza do estressor, a disponibilidade de recursos de *coping* e o resultado do esforço de *coping* (ANTONIAZZI *et al.*, *op.cit*)

Os estudos sobre resiliência, portanto, evidenciam a dialética do conceito. Ao mesmo tempo em que se aponta sua fragilidade, em virtude da dificuldade de produzir consensos, vislumbra-se a sua potencialidade em fazer frente às adversidades da vida.

3.3 POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA HERMENÊUTICA DE GADAMER PARA O ESTUDO DA RESILIÊNCIA

Diante da série de métodos e epistemologias, relativos ao conceito de

resiliência, a proposta desta dissertação é agregar ao estudo do conceito algumas contribuições da hermenêutica gadameriana, que não se restringem a uma ferramenta metodológica, mas apontam para “aquilo que é comum a todas as maneiras de compreender” (GADAMER, 2013, p. 18). Aqui a hermenêutica possui o status de referencial teórico-metodológico, porém, sempre tendo em vista a consideração de Gadamer de que o fenômeno da compreensão, apesar de possuir validade própria, também no terreno da ciência, atravessa todas as referências humanas ao mundo e resiste à tentativa de ser transformado em método da ciência (GADAMER, 2013).

Sendo assim, Gadamer (2011) aponta a hermenêutica não como uma disciplina auxiliar ou uma ferramenta metodológica adicional. Ela “se estende ao âmago da filosofia, a qual não é apenas pensamento lógico e pesquisa metódica, mas também obedece sempre à lógica do diálogo” (GADAMER, 2011, p.168). É, portanto, na perspectiva do diálogo e da abertura, que se ancorou a investigação descrita, pois “[...] na conversação nos colocamos no lugar do outro com objetivo de compreender seu ponto de vista. [...] O acordo na conversação implica que os interlocutores estejam dispostos a isso, abrindo espaço para acolher o estranho e o adverso.” (GADAMER, 2013, p.501).

A abertura para o outro, chave da hermenêutica de Gadamer, é um ponto destacado por Tavares (2001) que propõe a necessidade de novos arranjos tanto nas organizações – grande parte delas burocráticas, rígidas e centralizadas – quanto nas relações que estabelecemos com o outro. Para este autor:

o desenvolvimento de estruturas mais resilientes não deverá nunca encaminhar-se no sentido do fechamento mas da abertura ao outro, um dos distintivos essenciais da pessoa, reforçando assim, os laços, as relações intra e interpessoais em plataformas autênticas, verdadeiras, mais justas, em que a liberdade, a responsabilidade, a confiança, o respeito, a solidariedade, a tolerância não sejam palavras vãs (TAVARES, 2001, p.51).

Liebenberg & Ungar (2009) partilham de uma concepção afinada a essa noção de compreensão em suas pesquisas com jovens. Refletindo sobre o papel do pesquisador e das relações estabelecidas no campo, eles apontam a importância do cuidado em escolher os métodos e a maneira com que os jovens participantes serão incorporados à pesquisa. Para eles, parece ingênuo supor que pesquisadores adultos, que levam uma vida diferente dos participantes jovens, possam definir

critérios para uma adaptação bem-sucedida ao estudar a resiliência.

Estes autores consideram que nas pesquisas, somente autorizando as vozes dos jovens, podemos compreender a profusão de maneiras com que os mesmos conseguem sustentar suas vidas em ambientes complexos, partindo de suas próprias percepções sobre consequências positivas e negativas de comportamentos ou resultados, sem a fixação em pontos de vista dominantes sobre o risco e proteção (LIEBENBERG & UNGAR, *op.cit*).

Essas considerações permitem novamente invocar a contribuição que a hermenêutica de Gadamer pode oferecer às pesquisas em resiliência, considerando a tradição da qual as mesmas fazem parte, e permitindo que no encontro com os jovens, por meio da “fusão de horizontes”, haja a ampliação das possibilidades de sentido, dadas na situação dialógica. Para Gadamer, um horizonte “não é uma fronteira rígida, mas algo que se desloca com a pessoa, e que convida a que se continue a caminhar.” (GADAMER, 2013, p.330).

A hermenêutica apresenta ao pesquisador, portanto, a possibilidade de compreender cada vez mais suas conceituações, pois, como ressalta Gadamer, a compreensão do fenômeno “se dá como parte do acontecimento semântico, no qual se forma e se realiza o sentido de todo enunciado”. (GADAMER, *op.cit*, p. 231). Isso não quer dizer, no entanto, partir apenas das opiniões simples sobre o fenômeno, que emergem na situação dialógica, pois:

Pede-se razão sempre àquele que está falando até que acabe se mostrando a verdade daquilo sobre o que se fala. [...] A dialética, como arte de conduzir uma conversação, é ao mesmo tempo a arte de juntar os olhares para a unidade de uma perspectiva, [...] isto é, a arte da formação de conceitos como a elaboração da intenção comum (GADAMER, *op.cit*, p.480).

O conceito de diálogo, proposto pela hermenêutica de Gadamer, vai ao encontro à interindividualidade do discurso, indicada por Bakhtin, que evidencia que por meio do diálogo, cada um se define em relação ao outro e, em última instância, à coletividade. Para Bakhtin (2012), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2012, p.117).

E é nesse território comum, na tentativa de fusão dos diferentes horizontes presentes no diálogo com os jovens, que encontramos um solo fértil para investigar

um fenômeno tão complexo e multifacetado como a resiliência. O diálogo pode fazer avançar nossas conceituações, na medida em que ele nos chama à abertura, a considerar o dito e o não dito, possibilitando sempre novas sínteses.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa do fenômeno resiliência. Empreendeu-se uma investigação das percepções dos jovens, buscando a compreensão dos pressupostos das estruturas significativas da cotidianidade, a valorização da lógica de vida e dos seus comportamentos intersubjetivos (MINAYO, 2010).

4.1 LOCAL E POPULAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa de campo foi desenvolvida na cidade de Lagoa Santa, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, entre maio e agosto de 2014. Teve como participantes quatorze jovens, de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, cursando o Ensino Médio (EM) em quatro escolas públicas da cidade. Sete destes jovens (4 do sexo masculino e 3 do sexo feminino) foram entrevistados nas dependências de uma Organização Não-governamental (ONG)⁴, e frequentam três escolas distintas. Os outros sete jovens (4 do sexo feminino e 3 do sexo masculino) foram entrevistados em uma quarta escola pública local. Alguns dos jovens participantes também já haviam respondido ao “Questionário de comportamento de risco entre jovens”⁵ na primeira etapa do projeto “Adolescência e Saúde: um estudo sobre comportamentos de risco no Município de Lagoa Santa MG”.

⁴ Instituto sem fins lucrativos, de cunho sócio educacional, que oferece formação e capacitação profissional com vistas à inserção dos jovens no mercado de trabalho por meio de parcerias com empresas privadas da cidade de Lagoa Santa. Os jovens que foram entrevistados nesta instituição são inseridos em um programa de aprendizagem fundamentado na Lei Jovem Aprendiz, n. 10.097 de 2000. Os mesmos também realizam estágio em empresas parceiras do programa.

⁵ Versão nacional traduzida e validada do “*Youth Risk Behaviour Survey*” (BARCELOS *et al.*, 2010). Trata-se de um instrumento de autoaplicação, utilizado na pesquisa com o objetivo diagnóstico, de traçar um panorama geral dos “comportamentos de risco” da juventude de Lagoa Santa.

4.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA

A opção por entrevistas em profundidade relaciona-se à ideia de que os atores sociais experimentam e conhecem os fatos sociais cada um a seu modo. (MINAYO, 2010). O roteiro de entrevistas (APÊNDICE 1) foi construído de acordo com algumas dimensões, apontadas pela literatura especializada sobre resiliência, como sendo importantes para a avaliação do construto.

Foram realizadas entrevistas individuais em profundidade, com duração de cinquenta minutos, em média, que contaram com este roteiro de perguntas abertas. Com exceção da primeira pergunta: “*Qual a situação mais difícil que você já passou na vida?*”, com potencial de disparar as narrativas em meio à situação dialógica, não houve uma sequência rígida para as demais questões.

Nas primeiras entrevistas, os jovens reivindicaram falar sobre alguns pontos que foram incorporados às demais entrevistas, como a relação que eles possuem com as políticas públicas, percepções sobre a sociedade em geral, escola, mídia, equipamentos de saúde e suas propostas para a melhoria desses dispositivos. A questão nona do roteiro foi incorporada, após as primeiras entrevistas realizadas, pois os entrevistados expressaram desejo de opinar sobre o que acreditam ser importante para melhorar as condições de saúde da população jovem do município.

A lógica da amostragem representativa não se aplicou a esta pesquisa. Reuniu-se um *corpus* de maneira gradativa, até que o mesmo possibilitasse uma análise compreensiva, e indicasse sinais de saturação. Neste sentido, não foi o tamanho da amostra a garantia da relevância dos resultados, mas a riqueza do material agrupado (GASKELL & BAUER, 2005; MINAYO, 2010).

Alguns critérios de seleção foram previstos com o intuito de obter uma maior variedade de relatos: entrevistar jovens de diferentes instituições de ensino, de ambos os sexos. Os sete jovens entrevistados na ONG preencheram estes critérios, mas para evitar um viés de que apenas jovens inseridos no programa de capacitação profissional fossem ouvidos, duas escolas públicas foram convidadas a participar da pesquisa⁶.

⁶ Dentre as cinco escolas públicas e duas privadas que oferecem a modalidade EM na cidade, que participaram da etapa quantitativa do projeto interdisciplinar, selecionamos por conveniência, duas escolas públicas, que demonstraram maior abertura e disponibilidade na fase inicial, para o convite aos jovens.

Reuniões com a diretoria das escolas para apresentação da proposta (ANEXO 2) e discussão do procedimento foram realizadas em parceria com um representante do Conselho Municipal de Juventude (CONJUVE), que nos auxiliou durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Porém, as entrevistas foram viabilizadas em apenas uma das escolas contatadas por conta do cronograma apertado de uma das escolas e falta de espaço físico apropriado que garantisse o sigilo e privacidade das entrevistas. O convite foi realizado aos estudantes com a ajuda da direção da escola, de acordo com a disponibilidade de horários das turmas e interesse dos jovens em participar do projeto.

4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Doze das quatorze entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra. Duas delas não foram gravadas por falhas no áudio, não fazendo parte, portanto, do *corpus* de transcrições. Porém as impressões e observações das mesmas foram registradas no caderno de campo, não sendo desprezadas na análise geral, contribuindo para a compreensão contextualizada do objeto de estudo.

A análise ocorreu paralelamente à imersão no campo, permitindo adaptações com o surgimento de novas questões, considerando-se que o objeto na pesquisa qualitativa é construído progressivamente (MINAYO, 2010).

Empreendeu-se a análise temática transversal das entrevistas, com a construção de um quadro categorial (APÊNDICE 2) que reuniu as semelhanças e regularidades expressas nas falas. O referencial da hermenêutica gadameriana contribuiu tanto com o aspecto horizontal das análises, quanto com a compreensão do material, a partir do interior da fala de cada jovem. Bardin (2011) assinala que o nível de análise subjetiva, ou seja, pessoa por pessoa, pode evidenciar a arquitetura cognitiva e afetiva, trazendo o que é singular e contribuindo para o enriquecimento da análise temática das entrevistas.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa está inscrita no Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE)⁷ sob o número: 23339213.9.0000.5091. Todos os cuidados necessários à preservação da identidade e integridade de seus participantes foram seguidos. Os jovens maiores de dezoito anos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os com menos de dezoito anos levaram o termo para seus responsáveis assinarem antes das entrevistas. O TCLE foi elaborado para cada gênero, com o objetivo de uma maior aproximação e respeito aos participantes e responsáveis. (ANEXO 1) Foi exposto de forma explícita aos participantes que eles poderiam retirar seu consentimento em qualquer momento ou fase da pesquisa e a pesquisadora e orientadoras colocaram-se à disposição para qualquer esclarecimento ou suporte que se fizerem necessários, disponibilizando os contatos telefônicos, e-mails e endereços. Todo o material foi transcrito, preservando-se o sigilo da identidade dos entrevistados.

Prevê-se que os resultados da pesquisa sejam amplamente divulgados aos participantes e aos demais jovens de Lagoa Santa, em um seminário, com a presença dos jovens para o debate, previsto para acontecer no primeiro semestre de 2015. A discussão dos resultados com os jovens pode proporcionar uma “validação comunicativa dos participantes”, que poderão opinar e discordar da interpretação das pesquisadoras, demonstrando assim o respeito pela perspectiva dos mesmos (GASKELL & BAUER, 2005, p.486).

⁷ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Pesquisas René Rachou/ Fundação Oswaldo Cruz. Para mais informações sobre o projeto interdisciplinar, acessar ao site da Plataforma Brasil: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisa.jsf>

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa serão apresentados em dois artigos. O primeiro deles, intitulado “*Essas perguntas não acontecem a todo momento: o diálogo com jovens e a hermenêutica gadameriana*”, trata do encontro estabelecido com os jovens à luz do conceito de diálogo proposto por Gadamer em sua hermenêutica.

O segundo artigo, “*Resiliência e proteção: a dinâmica da reciprocidade*”, aponta que, para o jovem, ser apoio em sua rede social, é um aspecto relevante que pode fortalecer sua capacidade de lidar com as adversidades.

5.1 “ESSAS PERGUNTAS NÃO ACONTECEM A TODO MOMENTO”: O DIÁLOGO COM JOVENS E A HERMENÊUTICA GADAMERIANA

RESUMO

Pesquisas na área da saúde coletiva, que destacam a resiliência, podem favorecer estratégias de valorização da saúde que auxiliem os jovens em suas trajetórias de vida. Este artigo¹ objetiva explorar o conceito de *diálogo*, proposto pela hermenêutica de Gadamer, que desponta como um modo de compreensão que não se restringe a uma ferramenta metodológica, podendo contribuir para a compreensão de fenômenos complexos como a resiliência. Neste estudo qualitativo, foram entrevistados quatorze jovens, de 15 a 19 anos, matriculados em escolas públicas na cidade de Lagoa Santa, Minas Gerais. O referencial da hermenêutica gadameriana orientou a análise das entrevistas, que foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados, discutidos por meio das categorias analíticas, apontam para obstáculos no estabelecimento de diálogos autênticos dos jovens em seu cotidiano, tanto por não encontrarem abertura em seus contextos quanto por uma dificuldade em se abrir para o outro. Concluiu-se que

¹ Parte da dissertação de mestrado “*Diálogos com jovens e resiliência: contribuições da hermenêutica gadameriana*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Fundação Oswaldo Cruz – Minas Gerais, Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR).

as pesquisas sobre resiliência não podem prescindir da dimensão dialética proposta pela hermenêutica. As entrevistas indicaram a urgência de uma agenda com propostas que valorizem o diálogo com os jovens e o estabelecimento de uma práxis cotidiana que se inscreva como suporte para as juventudes.

Palavras-chave: hermenêutica gadameriana, pesquisa qualitativa, jovens

ABSTRACT

Researches in public health on resilience as subject can favor the development of strategies of valorization of health which helps young people through their lifetimes. This paper aims to explore the dialog concept proposed in the Gadamer hermeneutics, which is a way of understanding beyond a methodological tool and allows better understanding of complex phenomena like resilience. Fourteen young subjects were interviewed in this qualitative study. All of them were students of public schools in the city of Lagoa Santa, state of Minas Gerais. The analyses of the interviews was guided by the Gadamer hermeneutics, and Bardin analysis of content (2011) was applied in the categorization process. The results discussed through analytical categories, point to obstacles in establishing authentic dialogues of young people in their daily lives, both for not finding opening in their contexts and by a difficulty to open up to each other. It was concluded that the research on resilience can not ignore the dialectic proposed by the hermeneutic. Interviews indicated the urgency of an agenda with proposals to enhance the dialogue with young people and the establishment of a daily practice that you register as a support for the youths.

Key Words: Gadamer's hermeneutics, qualitative research, young

1 INTRODUÇÃO

Madel Luz (2009) considera a saúde coletiva um campo de conhecimentos que convive com paradigmas multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, reunindo diferentes referenciais teóricos, metodológicos, saberes e práticas. Tais paradigmas ou modelos guardam “propostas teóricas disciplinares assumidas como parâmetros discursivos e de intervenção”, que, em contínuo

processo, não estão livres de conflitos e disputas por “espaços discursivos”.

O recorte do estudo com os jovens, aqui apresentado, pretende contribuir para essa complexidade do domínio da saúde coletiva. Muitas pesquisas nesta área, cujo foco são os jovens e as juventudes, enfatizam desfechos negativos relativos à vulnerabilidade social, pobreza, comportamentos associados a contextos de uso de drogas, sexo desprotegido, exploração sexual, violência, conflitos com a lei, dentre outros. Salientamos, entretanto, a importância de pesquisas que destacam a resiliência e os desfechos positivos, pois estas podem favorecer o desenvolvimento de estratégias que auxiliem os jovens em sua trajetória de vida. Mas estudar o construto resiliência “pressupõe a presença de circunstâncias de vida adversas” exprimindo nesse sentido “um paradoxo, uma vez que é, justamente, na vigência de situações adversas, que o ser humano revela potencialidades extraordinárias” (SILVA *et al.*, 2003, p.151).

Este conceito, muito estudado no campo das ciências psicológicas, não é um construto de definição consensual. Nesta pesquisa, adotamos a noção processual da resiliência, em seu carácter contextual e histórico, considerando-se a complexa trama entre mecanismos de proteção (individual, social, familiar e institucional), contextos adversos e organização da rede de apoio, incluindo a presença ou ausência de políticas públicas, voltadas para a promoção do bem-estar dos jovens. Assume-se assim o posicionamento conceitual de que a resiliência relaciona-se à “possibilidade de superação num sentido dialético”, tratando-se de uma ressignificação do problema e não sua eliminação, constituindo parte da “história do sujeito” (JUNQUEIRA & DESLANDES, 2003, p.234).

A configuração apresentada neste momento volta-se para o diálogo estabelecido com os jovens no percurso da pesquisa. Adotaremos como chave de leitura deste encontro entre jovens e pesquisadoras, um dos conceitos fundamentais da hermenêutica de Gadamer, a saber, o *diálogo*. Este, entendido para além de um método utilizado nas ciências humanas e da saúde, mas como “aquilo que nos sustenta desde sempre” (GADAMER, 2013, p.24). No trecho que se segue, Gadamer enfatiza a importância do diálogo para o fenômeno da compreensão:

A arte de podermos ouvir-nos uns aos outros e a força de poder escutar o outro, isto é o novo, e nisso consiste o universal de toda a hermenêutica, que envolve e suporta nosso pensamento e nossa razão. Assim, a hermenêutica não é apenas uma disciplina auxiliar que representa para muitas disciplinas uma importante ferramenta

metodológica adicional. Ela mesma se estende ao âmago da filosofia, a qual não é apenas pensamento lógico e pesquisa metódica, mas também obedece sempre à lógica do diálogo (GADAMER, 2011 a, p.168)

Este é, portanto, um estudo qualitativo realizado com jovens na cidade de Lagoa Santa-MG, ancorado nesta perspectiva de compreensão dos fenômenos, em que o processo da resiliência, com todas as suas variáveis envolvidas, é tematizado na situação dialógica. Dentre as justificativas para este estudo, uma delas diz respeito à importância de se ampliar o olhar para as conexões e caminhos possíveis, traçados pelos jovens ao lidar com problemas e situações vivenciadas, para além de modelos explicativos. (LIBÓRIO& UNGAR, 2010)

Incluir aspectos e estratégias utilizadas pelos jovens em seu cotidiano, que só podem ser entendidas em sua relação com as dimensões sociais, situacionais e históricas, traz para o campo da saúde coletiva a perspectiva do que é singular, algo imprescindível para tornar as análises coletivas e macrossociais mais críticas, pois estas têm um peso importante no direcionamento de políticas e programas de saúde.

Por outro lado, a cotidianidade comporta dificuldades e adversidades, que recorrentemente precisam ser elaboradas e manejadas pelas pessoas. Investigar a resiliência, nesta dimensão, nos permite compreender as possíveis estratégias, reações e interpretações utilizadas pelos jovens, que podem auxiliá-los em situações mais extremas e também nas dificuldades do dia a dia. Nas entrevistas realizadas, as narrativas foram disparadas pela seguinte pergunta: “*Qual a situação mais difícil que você já passou na vida?*” A partir daí, do cenário introduzido por eles, o que cada um, em seu contexto pessoal, social e coletivo, interpretou como adverso, foi-se delineando um caminho, em que as perguntas do roteiro permitiram um balizamento da temática investigada e uma reconstrução do percurso estabelecido por cada um deles no diálogo com as pesquisadoras.

Mas o que o conceito de diálogo pode então representar para a pesquisa no campo da saúde coletiva? Ou ainda, o que ele pode nos ensinar das relações estabelecidas neste campo de saber e da práxis? A pesquisa com jovens neste sentido se mostrou reveladora. As entrevistas puderam evidenciar, para além da temática investigada, que o estabelecimento de uma abertura para o outro não é uma trivialidade, sendo imprescindível para o desenvolvimento de toda circularidade

hermenêutica. Mas afinal, o que há no diálogo de tão potente que faz com que ele seja pressuposto para qualquer compreensão?

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo integra um dos eixos do projeto “Adolescência e saúde: um estudo sobre comportamentos de risco no Município de Lagoa Santa-MG”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE) sob o número: 23339213.9.0000.5091, em sua segunda fase qualitativa².

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Lagoa Santa (Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais). A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio a agosto de 2014, tendo como participantes 14 jovens, de 15 a 19 anos, cursando o Ensino Médio em escolas públicas locais. Foram realizadas entrevistas individuais em profundidade, com duração de cinquenta minutos, em média, que contaram com um roteiro de perguntas abertas, correlatas ao tema resiliência, sem uma sequência preestabelecida, à exceção da pergunta primeira, com potencial de provocar as narrativas em meio à situação dialógica.

Nas primeiras entrevistas, os jovens reivindicaram falar sobre alguns pontos que foram incorporados ao roteiro, como a relação que eles possuem com as políticas públicas, percepções sobre a sociedade em geral e instituições como escola, mídia, equipamentos de saúde, etc.

A lógica da amostragem representativa não se aplicou a esta pesquisa, por se tratar da investigação de atributos desconhecidos, num sistema aberto, de múltiplas sequências possíveis. Optamos pela reunião de um *corpus* que permitisse uma análise compreensiva, sendo que sua construção foi processual e gradativa, de forma que o material reunido nos trouxesse certa evidência de saturação. Neste sentido, não seria o tamanho da amostra a garantia da relevância dos resultados (GASKELL & BAUER, 2005; MINAYO, 2010, p.198).

Alguns critérios de seleção foram previstos com o intuito de obter uma maior variedade de relatos: entrevistar jovens de diferentes instituições de ensino público,

² Vincula-se ao Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) da Fundação Oswaldo Cruz Minas Gerais, em parceria com o Observatório da Juventude da Fundação João Pinheiro do Estado de Minas Gerais e Conselho Municipal de Juventude de Lagoa Santa (CONJUVE).

de ambos os sexos. Sete jovens foram entrevistados nas dependências de uma ONG³, e preencheram estes critérios, mas para evitar um viés de que apenas jovens inseridos no programa de capacitação profissional fossem ouvidos, duas escolas públicas foram convidadas a participar da pesquisa⁴.

Reuniões com a diretoria das escolas para apresentação da proposta e discussão do procedimento foram realizadas em parceria com um representante do CONJUVE, que nos auxiliou durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Porém, as outras sete entrevistas foram viabilizadas em apenas uma das escolas contatadas. O convite foi realizado aos estudantes com a ajuda da direção da escola, de acordo com a disponibilidade de horários das turmas e interesse dos jovens em participar do projeto.

Realizamos uma análise de conteúdo, explorando de forma transversal as temáticas das entrevistas, com a construção de um quadro categorial, que reuniu as semelhanças e regularidades expressas nas falas. O referencial da hermenêutica gadameriana contribuiu tanto com o aspecto horizontal das análises, quanto com a compreensão do material a partir do interior da fala de cada jovem. Bardin (2011) assinala que o nível de análise subjetiva, ou seja, pessoa por pessoa, pode evidenciar a arquitetura cognitiva e afetiva, trazendo o que é singular, contribuindo para o enriquecimento da análise temática das entrevistas.

2.1 Quadro Conceitual

Resgatando o questionamento sobre a potência do diálogo para o processo de compreensão, e neste caso, para o estudo realizado com os jovens, Gadamer toca em um ponto que nos faz pensar que a pesquisa pautada no referencial hermenêutico, não só abre possibilidades de sentido para as experiências

³ Instituto sem fins lucrativos, de cunho sócio educacional, que oferece formação e capacitação profissional com vistas à inserção dos jovens no mercado de trabalho por meio de parcerias com empresas privadas da cidade de Lagoa Santa. Os jovens que foram entrevistados nesta instituição são inseridos em um programa de aprendizagem fundamentado na Lei Jovem Aprendiz, n. 10.097 de 2000. Os mesmos também realizam estágio em empresas parceiras do programa na cidade de Lagoa Santa.

⁴ Dentre as cinco escolas públicas e duas privadas que oferecem a modalidade Ensino Médio na cidade, que participaram da etapa quantitativa do projeto interdisciplinar, selecionamos por conveniência, duas escolas públicas, que demonstraram maior abertura e disponibilidade na fase inicial, para o convite aos jovens.

vivenciadas pelos jovens, mas promove o encontro de cada um consigo mesmo:

O diálogo com os outros, suas objeções ou sua aprovação, sua compreensão ou seus mal-entendidos, representam uma espécie de expansão de nossa individualidade e um experimento da possível comunidade a que nos convida a razão. [...] O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. [...] O diálogo possui uma força transformadora (GADAMER, 2011 b, p.246-247).

Este autor, por meio do modelo da dialética platônica, enfatiza a primazia hermenêutica da pergunta na conversação. No percurso da pesquisa, houve um cuidado para que o roteiro consistisse em um guia da temática a ser discutida. Porém, o curso do diálogo se daria no momento do encontro entre pesquisadoras e participantes. Isso permitiu que não se produzisse um interrogatório, mas um acordo, no sentido proposto por Gadamer, que facilitasse a expressão de ideias, opiniões e crenças, e que perguntas surgidas no próprio decurso da interação entrassem em cena. Para Gadamer, a dialética se dá nesse processo de pergunta e resposta:

[...] a dialética se concretiza na forma de perguntas, ou seja, todo saber acaba passando pela pergunta. Perguntar quer dizer colocar no aberto. A abertura daquilo sobre o que se pergunta consiste no fato de não possuir uma resposta fixa. Aquilo que se interroga deve permanecer em suspenso na espera da sentença que fixa e decide. O sentido do perguntar consiste em colocar em aberto aquilo sobre o que se pergunta, em sua questionabilidade. [...] Toda verdadeira pergunta requer essa abertura, e quando essa falta, ela é, no fundo, uma pergunta aparente que não tem o sentido autêntico da pergunta (GADAMER, 2013, p.474).

A compreensão, portanto, se dá no exercício do diálogo, mas só se torna possível quando balizada pela própria coisa em questão, pois “quem busca compreender está exposto a erros de opiniões prévias que não se confirmam nas próprias coisas” (GADAMER, *op. cit.*, p.356). Nossa concepção de resiliência trouxe consigo algumas antecipações consideradas relevantes de serem abordadas, como a importância do suporte familiar, social e institucional, características individuais e estratégias de resolução de problemas. No entanto, o grau de importância de cada um desses pontos e as conexões entre eles, seriam confirmadas no lastro do próprio fenômeno, ou seja, “nas coisas”, expressas nas falas dos participantes.

Neste momento o conceito de “fusão de horizontes” torna-se imprescindível

para o entendimento da proposta de Gadamer. Para que a compreensão aconteça, deve haver a supressão da distância, ou seja, a junção entre os horizontes envolvidos no diálogo, e para isso:

[...] não é necessário que se esqueçam todas as opiniões prévias sobre seu conteúdo e todas as opiniões próprias. O que se exige simplesmente é a abertura para a opinião do outro ou para a opinião do texto. Mas essa abertura implica sempre colocar a opinião do outro em alguma relação com o conjunto das opiniões próprias, ou que a gente se ponha em certa relação com elas (GADAMER, *op. cit.*, p.358).

A ancoragem “nas coisas”, o reconhecimento dos próprios preconceitos, imersos no horizonte de sentido ao qual nos movimentamos e a abertura para o outro por meio da “fusão de horizontes”, permitem a checagem e constante correção das opiniões prévias, fazendo com que o “empreendimento hermenêutico” ganhe um “solo firme sob os pés” (GADAMER, *op. cit.*, p.358). Na pesquisa em saúde coletiva, e nas ciências humanas em geral, esse posicionamento diante do fenômeno é tão fundamental, que não se pode restringi-lo a uma ferramenta de investigação metodológica. A hermenêutica, como proposta por Gadamer, nos dirige a uma possibilidade de abertura que diminui as distâncias entre pesquisador e participante, fazendo com que o fenômeno apareça e tome a proporção ditada por ele.

Os estudos atuais sobre juventude têm utilizado este termo no plural, como reconhecimento das singularidades e formas localizadas de estar no mundo: distintas maneiras de as “juventudes” se identificarem com as dimensões de gênero, cor da pele, classe, local de moradia, cotidiano e projetos de futuro (SILVA & SILVA, 2011).

Ao falar sobre os jovens e as juventudes, bem como de seus processos de resiliência, partimos do registro de que são noções construídas socialmente e normatizadas em uma cultura específica. Certas de que os estudos sobre as juventudes devem ser empreendidos com as juventudes, sobretudo na área da saúde, os diálogos empreendidos com os jovens ratificam a lógica do encontro e da abertura para o outro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui serão apresentadas duas das categorias⁵ que emergiram do processo de análise das entrevistas. Optamos por denominá-las com frases ditas pelos próprios jovens: 3.1. *“Essas perguntas não acontecem a todo momento”* e 3.2. *“Eu sempre acho que eu tô certo”*. A primeira sinaliza o conflito vivido pelos jovens, de anseio por relações mais autênticas, abertas e solidárias, muitas vezes não encontrando essa acolhida. A segunda, nos permite supor uma dificuldade dos jovens em se abrir para este processo, que se dá na cotidianidade do mundo da vida.

3.1 “Essas perguntas não acontecem a todo momento”

Gadamer, ao apontar o papel do diálogo no campo de experiência da arte médica, indica que ele cumpre a função de fazer com que médico e paciente encontrem um solo comum em uma relação reconhecidamente de distância e alteridade, para que seja inaugurado o tratamento. Ele ressalta que:

A fala somente é o que ela é, quando for diálogo, quando houver uma troca recíproca entre pergunta e resposta. A palavra diálogo já implica o falar com alguém, o qual responde a seu interlocutor. Esse tipo de interação é inseparável de seu significado. [...] Somente no diálogo a linguagem é o todo que ela pode ser (GADAMER, 2011 a, p.132-133).

O contexto da presente pesquisa não tratou de uma relação terapêutica. No entanto, as entrevistas oportunizaram a abertura recíproca ao diálogo, tanto da parte das pesquisadoras quanto dos jovens participantes. Pois falar sobre a situação mais difícil vivenciada – decepção e mágoa diante de preconceito sofrido, tragédias familiares, violência, situações de quase morte, morte de pessoas queridas, fragilidade da própria autoimagem – a partir da pergunta disparadora, pode muitas vezes ser desconcertante, mas também produzir efeitos aprazíveis. Alguns dos jovens associaram a conversa a um “desabafo”, sinalizando, em alguma medida, ter se expressado francamente sobre o tema ao qual nos debruçamos. Duas jovens comentaram: “acho que tudo que eu precisava de expressar eu... foi um desabafo,

⁵ Outras categorias, que serão apresentadas em outro momento, de alguma maneira também tangenciam a questão proposta neste texto. Para além dos apontamentos dos jovens de um aparato estrutural insuficiente no que se refere ao lazer, educação, saúde e oportunidades de trabalho, a relação estabelecida com as instituições, o diálogo com os profissionais nas escolas, nos centros de saúde, na assistência social, nas reuniões da juventude com o legislativo da cidade, também não são percebidos por eles como satisfatórios.

né!” (E9, 15 anos). “Gostei, gostei, achei que tirou um pouco... eu gosto de conversar sobre essas coisas” (E13, 15 anos)

Na filosofia hermenêutica de Gadamer, o diálogo possui “grande proximidade com a amizade” (GADAMER, 2011 b, p.247). Ele aponta que a palavra que designa amizade em grego é *philia*, que abrange “todas as formas de convivência do homem”, ou seja, a “totalidade da vida comunitária”. Ele cita uma antiga expressão pitagórica, que para ele, pertence à essência da amizade: “*koiná tâ tôn philon* – aos amigos tudo é comum”, apontando que “a amizade funda-se no sentimento da solidariedade”. E que a “convivência humana nunca se institui noutra base a não ser a de solidariedades vigentes” (GADAMER, 1983, p.106).

A jovem E9, ao mesmo tempo em que expressa seu desabafo, faz uma conexão entre o diálogo e a amizade, dizendo: “[...] Porque é a mesma coisa de tá falando, a minha vida, confiando, como se eu tivesse com uma amiga aqui, falando, acho que foi assim! (E9, 15 anos). Para Gadamer: “É no diálogo (e no “rir juntos”, que funciona como um entendimento tácito transbordante) que os amigos podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmos no outro.” (GADAMER, 2011 b, p.247).

A importância da vertente fenomenológica de Husserl é apontada pelo autor como fundamental para aprendermos um pouco da relação com o “olhar por si mesmo” também inaugurado no diálogo de tipo socrático, que “apenas faz com que o outro, sem que volte a se desorientar, vislumbre a possibilidade de despertar a sua própria atividade interna.” (GADAMER, 2011 a, p.142). Uma das jovens explicita esse ponto em sua fala: “eu acho que eu falei bastante coisa [...] foi bom! Falar tanta coisa assim... eu nunca tinha falado tanta coisa assim pra uma pessoa, tudo que eu penso! Todas as pessoas que convivem comigo não sabem que eu penso esse tanto de coisa! Foi bom, foi agradável!” (E12, 18 anos).

Partindo do “princípio dialógico do discurso”, que se fundamenta na “polifonia” das palavras e histórias contadas pelos indivíduos, Brockemeier & Harré (2003) nos propõe seguir o que eles chamam de alerta feito por Wittgenstein (1953) e Vygotsky (1934/1987) quanto à inadequação de conceber-se as narrativas como uma apresentação externa de entidades mentais particulares. Estes autores rejeitam a ideia de que estejamos lidando com um modo de representação, mas sim, com um

modo específico de construção e constituição da realidade. Ou seja, narrar, sob este prisma, seria então uma das maneiras pelas quais as pessoas tentam dar sentido às suas vidas (BROCKEMEIER & HARRÉ, 2003, p.531).

Um dos jovens, ao dizer sua impressão da entrevista, marca sua tentativa de aproximar o que diz do que vive. A situação de diálogo permitiu essa reflexão. Ele aponta também que o fato de se abrir para essa experiência pode fazer com que outras pessoas, com um pensamento parecido possam participar do diálogo, se identificarem e não terem medo de se expressar:

Eu acho que foi ótimo, porque eu consigo expressar minha opinião, da forma que eu vejo, da forma que eu vivo. Eu não só apenas expresso isso, eu vivo isso todos os dias! Então assim, é legal. Expor a minha opinião e também mostrar às pessoas. Que muitas vezes tem muitas pessoas que tem um pensamento parecido! Tem um pensamento idêntico talvez! Mas o que acontece? Elas se fecham em seus ambientes com medo de que a sociedade a reprima. E é uma coisa que eu falo a mim mesmo. Eu não vou me esconder por causa de ninguém! (E7, 19 anos).

Bakhtin, citado por Brockemeier & Harré (2003) concebia como “princípio dialógico do discurso”, sua “interindividualidade inerente: cada palavra, enunciado ou narrativa, carregam consigo os traços de todos os sujeitos, possíveis e reais, que já empregaram tal palavra, enunciado ou narrativa.”(BROCKEMEIER E HARRÉ, *op.cit*, p.529). Esse caráter “polifônico” do discurso nos remete então à indagação feita por Bakhtin sobre a quem pertence a autoria da voz. Brockemeier & Harré (2003) apontam que, para este autor, o significado de cada história e cada palavra é determinado por incontáveis contextos em que essas foram previamente utilizadas.

A situação de entrevista remete a essa dimensão contextual apontada por Bakhtin, em que “o processo da fala [...] é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório” (BAKHTIN, 2012, p.129,). Além do contexto exposto por Bakhtin, para a hermenêutica, “[...] levar adiante uma conversa significa voltar-se na direção do tema que orienta os interlocutores. Requer não abafar o outro com argumentos, mas ponderar realmente a importância objetiva de sua opinião” (GADAMER, 2013, p.479). Tanto a dimensão contextual quanto a orientação para o tema em discussão ficam claras na fala de um dos jovens:

Ah, foi interessante, porque é uma conversa que você pode ter sem

ser julgado, de certa forma. Que muita gente conversa com as pessoas mas no final acaba julgando logo depois! Aí de vez em quando é bom conversar com uma pessoa sem ser julgado pelo assunto que ela tá falando! (E10, 16 anos).

Para Gadamer, “nas conversações reais é o tema comum que une as partes entre si [...] essa elaboração de uma linguagem comum, [...] não representa a preparação de um aparato com vistas ao acordo, mas coincide com a própria realização do compreender e do acordo” (GADAMER, *op. cit.*, p.502). Sendo assim, para que se estabeleça um diálogo, as duas pessoas precisam ter filia pela coisa em questão e a expressão das opiniões visam a coisa e não a individualidade do interlocutor.

A conversação é um processo do acordo. Toda verdadeira conversação implica nossa reação frente ao outro, implica deixar realmente espaço para seus pontos de vista, e colocar-se no seu lugar, não no sentido de querer compreendê-lo como essa individualidade mas compreender aquilo que ele diz. Importa respeitar o direito objetivo de sua opinião, a fim de podermos chegar a um acordo em relação ao assunto em questão. Não relacionamos sua opinião, portanto, com sua própria individualidade, mas com nossa própria opinião e suposição (GADAMER, *op. cit.*, p.499).

Um dos jovens comenta sobre sua dificuldade de se expor, mas aponta que o fato da pesquisadora não ser uma pessoa próxima, contribuiu para que o “acordo”, no sentido proposto por Gadamer, fosse estabelecido. Esse apontamento nos faz questionar a abertura encontrada pelos jovens e também exercida por eles para o estabelecimento de diálogos autênticos no cotidiano:

Foi muito bacana! Pra jovens isso, eu acho, pra um jovem vir chegar e falar isso eu acho que é muito difícil, alguns jovens, se abrir com certas pessoas. Eu, por exemplo, é meio difícil pra mim, mas eu vejo o porquê, que é uma pesquisa, aí eu, não ligo porquê é uma pesquisa! Mas se fosse uma pessoa que eu conheço não... seria bem mais difícil! Mas você foi bacana! Não tem isso hoje em dia, é muito difícil isso acontecer, ainda mais no Brasil mesmo! Acho muito bacana! Eu gostei muito! (E11, 18 anos).

O jovem E2 sinalizou a importância das perguntas neste encontro. As mesmas abriram a possibilidade de ele falar sobre um acontecimento que o marcou. “Foi bom porque... tipo... essas perguntas não acontecem a todo momento, sabe? ” (E2, 17anos). Quanto a isso, Gadamer nos diz:

É essencial a toda pergunta que tenha um sentido. Sentido quer dizer, todavia, sentido de orientação. O sentido da pergunta é, pois, a única direção que a resposta pode adotar, se quiser ter sentido e ser

pertinente. Com a pergunta o interrogado é colocado sob uma determinada perspectiva. O surgir de uma pergunta rompe de certo modo o ser do interrogado. Nesse sentido, o logos que desenvolve esse ser assim aberto, já é sempre resposta, e só tem significado no sentido da pergunta (GADAMER, *op. cit.*, p.473).

Onoko Campos & Furtado (2008), fazem um convite aos pesquisadores da área da saúde coletiva a transformarem os estudos narrativos, geralmente descritivos, em ação política, envolvendo os próprios atores em várias retomadas de sua narração, salientando a reflexão de Julia Kristeva sobre a narrativa como uma atividade de ação social, próxima à dimensão da práxis, explicitada por Hannah Arendt, constituindo assim “um modelo político fundamentado na ação e na palavra, mas nunca uma sem a outra” (ONOKO CAMPOS & FURTADO, 2008, p.1094).

O jovem E7 expõe essa dimensão em sua fala: “Acho que o melhor método de alterar uma sociedade é ver exatamente o que a sociedade quer! Se quer melhorar a vida do jovem, pergunta ao jovem: o quê que você faz? O quê que você sente? Exatamente como essa conversa! Que é você poder mostrar exatamente como você pensa!” (E7, 19 anos). A palavra neste sentido é ação social, viabilizada pelo diálogo indicado por Gadamer.

Outro jovem denuncia uma realidade que ele aponta muitas vezes ser negada, mas que em sua percepção está estampada. Com sua fala, ele pode desnudar essa realidade:

Foi boa! Foi o que eu tava imaginando mesmo! [...] Tranquilo, já falo disso... muitas vezes né! [...] Porque a gente finge, tem gente que finge que isso aí não faz parte, mas tudo isso que eu falei faz parte! Todo mundo aqui sabe que tá de frente pra uma boca! [...] Você não percebeu não? Aqui na frente é ponto de droga, naquela esquina. Você pode ver que toda hora os moleque chega ali [...] a gente finge... a mídia, por exemplo, poderia mostrar também né! Tem gente aqui que não vê, mas faz parte! (E1, 18 anos).

O efeito duradouro das reflexões sobre as temáticas discutidas foi exposto por E11 de maneira surpreendente: “[...] Não é igual escola que é passageiro não. Isso aí vai ser pra sempre mesmo!” (E11, 18 anos). Gadamer considera que “um diálogo é, para nós, aquilo que deixou uma marca. [...] Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou.” (GADAMER, 2011 b, p.247). Isso nos permite pensar que o diálogo com os jovens permitiu a expansão dos horizontes de sentido dos envolvidos, e deixou marcas no caminho.

3.2 “Eu sempre acho que eu tô certo!”

Bauman (2013), ao falar sobre a juventude na atualidade, e no lugar ocupado pelos jovens neste cenário, aponta que “o problema dos jovens” está sendo considerado uma questão de “adestrá-los” para o consumo, concluindo que todos os outros assuntos relacionados à juventude são eliminados da agenda política, social e cultural (BAUMAN, 2013, p.53). Para ele, o entendimento mútuo entre culturas e gerações é um horizonte improvável de se alcançar: “A completa ‘fusão de horizontes’, que na visão de Hans-Georg Gadamer, é condição *sine qua non* de uma compreensão segura, é uma possibilidade distante, talvez inalcançável. A prática da comunicação intercultural é cheia de armadilhas, e as incompreensões são a regra, não a exceção” (BAUMAN, *op. cit.*, p.58). No entanto, ele assinala que “os esforços empreendidos para melhorar nossa compreensão mútua se mostraram uma fonte prolífera de criatividade cultural” (BAUMAN, *op. cit.*, p.58-60). Talvez o que Gadamer dissesse a esse respeito é que a fusão de horizontes é um horizonte, e os acordos são temporários, parciais, mas possíveis.

A questão da incapacidade para o diálogo refere-se, antes, à possibilidade de alguém abrir-se para o outro e encontrar nesse outro uma abertura para que o fio da conversa possa fluir livremente. [...] a pressuposição básica é que se saiba ver o outro como outro. E nesse caso os verdadeiros interesses do outro, que se contrapõem aos interesses próprios, e que corretamente percebidos podem conter possibilidades de convergência (GADAMER, *op. cit.*, p.244-249).

Os jovens, ao longo da entrevista, ao expor suas características pessoais, atitudes e maneiras de agir diante das situações, acabaram por nos reportar a uma dificuldade de abertura para o diálogo. Mas, por mais que remetam esse ponto a suas subjetividades e características pessoais, Gadamer já se perguntou sobre este fenômeno, que longe de se restringir a uma característica individual, “radica-se na estrutura de monólogo da ciência moderna e da formação teórica” (GADAMER, *op. cit.*, p.248). No segundo volume de Verdade e Método, ele faz a seguinte pergunta: “a arte do diálogo está desaparecendo?” (GADAMER, *op. cit.*, p.242) e lança o tema de uma “incapacidade para o diálogo que não se reconhece como tal” (GADAMER,

op. cit, p.250). Algumas falas nos sinalizam o incômodo com o ponto de vista do outro:

Eu num gosto de... sabe quando a pessoa não conhece do assunto e começa a falar? [...] Eu odeio isso véi! Odeio isso! Isso me deixa nervoso! A pessoa não conhece das coisas e começa a falar sobre aquilo! (E2, 17 anos).

Eu tenho [...] não vou dizer pavio curto, eu não sou pavio curto, mas é que certas coisas me irritam, tipo, uma pessoa que critica demais, assim! Critica até onde não tem necessidade de criticar! Eu me irrita com essa pessoa, se ela começar a botar defeito em tudo, eu irrita com essa pessoa, se ela começar, sei lá, falar coisa que não me agrada, eu me irrita com essa pessoa (E10, 16 anos).

Sou impaciente demais! A pessoa falou comigo alto, já fico assim... vontade de responder alto [...] a pessoa assim, faz alguma coisa com você cê sente aquela raiva, tipo um rancor, as vezes. Aí cê fica guardando aquilo lá. [...] Eu guardo, aí a pessoa vai me irritando eu vou guardando mais ainda! (E9, 15 anos).

Às vezes, a coisa que eu mais abomino é a ignorância e eu às vezes sou ignorante. [...] Tipo assim, as vezes a pessoa fala assim: ah eu não consigo, ah eu não gosto... se eu tiver conversando com ela... as vezes eu acabo sendo ignorante, não de raiva nem nada não... Eu não sei explicar... (E6, 17 anos).

É interessante notar que “impaciência”, “irritação”, “pavio curto”, “nervosismo”, “ignorância”, se referem a situações em que o diálogo se mostra difícil, em que o horizonte ancorado na “coisa mesma” se perdeu para dar lugar a uma individualidade que não reconhece o outro como capaz de apreender o meu ponto de vista. Para Gadamer:

É verdade que o entendimento torna-se difícil onde falta uma linguagem comum. Mas o diálogo pode tornar-se belo quando se procura e acaba encontrando essa linguagem. [...] mesmo onde parece faltar a linguagem, pode surgir entendimento pela paciência, pelo tato, pela simpatia e tolerância e pela confiança incondicionada na razão comum a todos. [...] A incapacidade para o “diálogo” parece-me ser mais a objeção que se lança contra aquele que não quer seguir nossas ideias do que uma carência real no outro (GADAMER, *op. cit*, p.252).

A dificuldade de se abrir para o ponto de vista do outro é evidenciada também em outras falas:

o meu problema, o meu defeito é... tipo... dizem né! Que eu sempre acho que eu tô certo! (E2, 17 anos).

[...] Vários defeitos! Um deles, por incrível que pareça, não a maioria das vezes, mas é achar que eu tô certo! Não é a maioria das vezes,

mas tem hora que eu sempre vou achar que eu tô certo, porque é aquela ideia que eu tô impondo e, vai ser aquilo e acabou! [...] É, aquela ideia vai ser a melhor de todas! (E10, 16 anos).

eu não me contento com poucas coisas, eu não me contento em simplesmente, é isso e ponto final, não me contento, por exemplo, com uma explicação muito fajuta, eu gosto que a pessoa, se existe forma de explanar aquilo ali um pouco mais, eu gosto que ela faça isso. Odeio respostas, por exemplo, porque tem que ser assim! (E7, 19 anos).

O que se pode verificar nas considerações dos jovens é que eles compartilham do mesmo embaraço que apresentam seus parceiros de diálogo. Não encontram abertura no outro para expor suas ideias, mas na mesma medida, também se voltam para si mesmos quando diante da opinião ou argumento do outro.

O nosso entendimento aproxima-se muito da conclusão exposta por Gadamer, de se tratar ou não de uma “incapacidade” para o diálogo”. Ele aponta que “Só pode fazer ouvidos de mercador ou ouvir erroneamente [...] quem possui os ouvidos tão cheios de si mesmo, buscando seus impulsos e interesses, que já não consegue ouvir o outro”. Porém, “em maior ou menor grau, esse é um traço essencial de todos nós” (GADAMER, *op. cit*, p.251).

Compartilhamos da posição otimista de que somos seres capazes do diálogo, longe de uma perspectiva romântica de que o caminho é fácil e a abertura para o outro seja apenas uma questão de boa vontade, mas “[...] a capacidade constante de voltar ao diálogo, isto é, de ouvir o outro, parece-me ser a verdadeira elevação do homem à sua humanidade” (GADAMER, *op. cit*, p.251).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde coletiva, assim como os outros campos de conhecimento, não estão livres da armadilha do “monólogo da ciência”, que muitas vezes posiciona o outro apenas como objeto de investigação, ignora pressupostos encobertos, e não se abre para a potência de diálogos genuínos, sustentados pelas coisas e não apenas por teorizações. Sem cair na condescendência ou assentimento do que o outro nos diz ou de nosso próprio manto de preconceitos, a circularidade hermenêutica se sustenta pelas coisas mesmas, e amplia as perspectivas e possibilidades de sentido, diminuindo a distância pesquisador-participante, tão encrustada em nossas práticas.

Consideramos que o aporte teórico da hermenêutica de Gadamer mostrou-se,

além de consistente com os objetivos do estudo, um horizonte otimista para a compreensão de fenômenos complexos como a resiliência. Se esse conceito relaciona-se a uma gama de fatores, incluindo, por exemplo, o suporte da rede social e estabelecimento de relações de confiança, em que muitas vezes o lugar de suporte é ocupado pelo próprio jovem em seu contexto relacional, podemos afirmar que a noção de resiliência também não pode prescindir da dimensão dialética proposta pela hermenêutica.

Os relatos dos participantes indicaram a urgência de se colocar em pauta propostas que valorizem o diálogo com os jovens. Eles não almejam um adestramento para o mercado de consumo, querem ser escutados em seus anseios. Concluimos, também, que eles querem aprender a se abrir para escutar os outros. Mas como esperar que eles tenham essa abertura em um contexto cada vez mais surdo? Como aprender a dialogar imerso em um monólogo, cujas fronteiras se interditam para a possibilidade de fundir-se? Essas respostas não serão promovidas sem a participação ativa dos jovens, sem o confronto de ideias e acordos estabelecidos com eles na cotidianidade.

A priorização do conceito de diálogo, como chave para a leitura do recorte aqui apresentado, não exclui a importância de outros conceitos propostos pela hermenêutica gadameriana, que integrou conceitos da tradição fenomenológica, filosófica e histórica, oferecendo um caminho de pensamento robusto para as ciências humanas e da saúde. Todavia, a conceituação de diálogo, proposta por Gadamer e seu status de alicerce para toda e qualquer compreensão ultrapassa a situação de pesquisa, e nos aponta a necessidade de uma práxis cotidiana em saúde, que tem um longo caminho a percorrer com relação ao suporte oferecido aos jovens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13 ed, São Paulo: Hucitec, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

- BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e Juventude: conversas com Riccardo Mazzeo* / Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. “Narrativa, problemas e promessas de um paradigma alternativo”. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*, 16(3): 525-535, 2003
- GADAMER, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.
- _____. *O caráter oculto da saúde*. Tradução de Antônio Luz Costa. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.a
- _____. *Verdade e Método II: complementos e índice*. Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão da tradução de Marcia Sá Cavalcante-Schuback. 6.ed Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. b
- _____. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. “Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade”. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes, Petrópolis, 4.ed, 2005.
- JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; DESLANDES, Suely Ferreira. “Resiliência e maus-tratos à criança”. *Cadernos de Saúde Pública*, vol.19, n.1, pp. 227-235, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000100025>
- LIBORIO, Renata Maria Coimbra; UNGAR, Michael. Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicologia Reflexão e Crítica*. vol.23, n.3, pp. 476-484, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000300008>.

MADEL LUZ, Terezinha. “Complexidade do campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas - análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática”. *Saúde soc.* v.18, n.2, pp. 304-311, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000200013>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ONOCKO CAMPOS, Rosana Teresa; FURTADO, Juarez Pereira. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 6, dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102008005000052>

SILVA, Mara Regina Santos da; ELSEEN, Ingrid; LACHARITE, Carl. Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, vol.13, n.26, pp. 147-156, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2003000300003>

SILVA, Roselani Sodrê; SILVA, Vini Rabassa. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Cad. CRH*, vol.24, n.63, pp. 663-678, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000300013>.

5.2 RESILIÊNCIA E PROTEÇÃO: A DINÂMICA DA RECIPROCIDADE

RESUMO

Neste artigo, objetivamos compreender o que os jovens percebem como elementos protetivos ao seu bem-estar. Analisamos como alguns desses processos se articulam de forma a contribuir com o enfrentamento de circunstâncias experienciadas como adversas, evidenciando seus processos de resiliência. A noção de resiliência, proposta por Michael Ungar, o referencial da hermenêutica gadameriana e alguns pressupostos da hermenêutica ricoeuriana guiaram a análise das narrativas dos jovens. Na perspectiva da pesquisa qualitativa, foram entrevistados quatorze jovens, de 15 a 19 anos, matriculados em escolas públicas na cidade de Lagoa Santa, Minas Gerais. As entrevistas foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011). Os resultados indicam que a rede de apoio dos jovens não é a mesma em todas as situações sociais. Para além da importância de receber suporte nas esferas familiar, de amigos e de dispositivos formais, o papel de oferecer suporte para o outro desponta como uma constante sem seus relatos. Concluiu-se que os processos protetivos são constituídos em acordos intersubjetivos, em que a *reciprocidade* é marcada como tendo um valor para a constituição da subjetividade deles. As instituições formais, incluindo os dispositivos de saúde, devem sair da condição de potencialidade, e exercer efetivamente proteção aos jovens.

Palavras-chave: resiliência, saúde coletiva, jovens

ABSTRACT

In this article, we understand that young people perceive as protective elements to their well-being. We look at how some of these processes are articulated in order to contribute to coping experienced circumstances such as adverse, showing their resilience processes. The notion of resilience, proposed by Michael Ungar, the framework of Gadamer's hermeneutics and some assumptions of Ricoeurian hermeneutics guided the analysis of the narratives of young people. From the

perspective of qualitative research, we interviewed fourteen young people, aged 15 to 19 years old, enrolled in public schools in the city of Lagoa Santa, Minas Gerais. The interviews were categorized according to Bardin content analysis (2011). The results indicate that the youth support network is not the same in all social situations. In addition to the importance of receiving support at familiar, friends and formal devices, the role of support to the other emerging as a constant without their reports. We conclude that the protective processes are made in intersubjective agreements, where reciprocity is marked as having a value for the constitution of their subjectivity. Formal institutions, including health services, should leave the potential condition, and effectively engage youth protection.

Keywords: resilience, public health, youth

1 INTRODUÇÃO

Este artigo¹ pretende colaborar para expandir o entendimento do processo de resiliência dos jovens, diante das adversidades cotidianas, considerando-se a complexa trama entre mecanismos de proteção, contextos adversos e organização da rede de apoio, incluindo a percepção dos jovens sobre políticas públicas, voltadas para a promoção do seu bem-estar.

No contexto das ciências psicológicas, a resiliência tem sido mais frequentemente estudada em situações de catástrofes ou desastres, pois nestes casos o processo se torna mais evidente:

A literatura mostra que a resiliência tem sido examinada junto a populações expostas a adversidades de natureza diversa, como a guerra (Davis, 2000; Sigal, 1998; Valent, 1998); a pobreza extrema (Garmezy, 1991; 1993); a convivência com a doença mental (Rutter, 1994), os maus tratos (Kolbo, 1996), a prematuridade do bebê, as restrições nutricionais, as longas rupturas com as pessoas significativas, as limitações físicas e mentais, a institucionalização prolongada, entre outros (Rutter, 1995; Vinay, Esparbés-Pistre & Trap, 2000) (SILVA *et al.*, 2003, p.151).

Dentre os estudos nacionais, citados em artigos da área, boa parte trabalhou

1

Parte da dissertação de mestrado “*Diálogos com jovens e resiliência: contribuições da hermenêutica gadameriana*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Fundação Oswaldo Cruz – Minas Gerais.

com pessoas vivendo em situações consideradas previamente como adversas. De Antoni & Koller (2000), por exemplo, utilizando o método de grupo focal, buscaram conhecer a visão de adolescentes, que sofreram maus tratos intrafamiliares, e identificaram como fatores de resiliência: apoio emocional, práticas disciplinares, atividades em conjunto e presença de rede de apoio.

Yunes (2001), estudando famílias de renda baixa, concluiu que, quando se trata de riscos psicológicos, a pobreza não pode ser considerada como fator de risco a priori. É preciso identificar os mecanismos que associam risco à consequência, em um determinado ponto da história do indivíduo. Rutter (1993), citado por Pinheiro (2004, p.72), também alerta que, para compreender a resiliência, o importante é tentar conhecer como as características protetoras se desenvolveram, e de que modo modificaram o percurso pessoal do indivíduo.

O estabelecimento do processo resiliente, no dia a dia do jovem, com todas as suas variáveis, fatores e contingências envolvidas, é entendido aqui como comum àquela pessoa e não a outra; porém nos remete a muitos pontos de encontro entre os participantes da pesquisa, evidenciados em suas falas. A cotidianidade comporta dificuldades e adversidades, que recorrentemente precisam ser elaboradas e manejadas pelas pessoas, e investigar a resiliência nesta dimensão nos permite compreender as possíveis estratégias, reações e interpretações usualmente utilizadas pelos jovens, as quais podem auxiliá-los em situações mais extremas e também nas dificuldades diárias.

Pequenas e constantes dificuldades cotidianas que atingem crianças e adolescentes podem ser tão ou mais importantes para gerar sofrimento emocional que grandes problemas ou catástrofes. Conflitos familiares ou escolares habituais podem provocar reações que mobilizam todo o aparato psicológico do adolescente, promovendo desgaste e sofrimento, com frequente repercussão sobre a saúde física (ASSIS *et al.*, 2008, p.27).

Neste artigo, objetivamos compreender o que os jovens percebem como elementos protetivos ao seu bem-estar. Como alguns desses processos se articulam de forma a contribuir com o enfrentamento de circunstâncias experienciadas como adversas, evidenciando seus processos de resiliência. A noção de resiliência proposta por Michael Ungar (2008), que parte de um paradigma construcionista da resiliência, o referencial da hermenêutica de Gadamer (2013) e a perspectiva ética de Paul Ricoeur (2014), nos auxiliaram na tentativa de compreender alguns desses

pontos que emergiram na situação dialógica.

As dificuldades nas situações vivenciadas foram identificadas pelos próprios jovens. O que cada um, em seu contexto pessoal, social e coletivo, interpretou como adverso, foi reconstruído no diálogo estabelecido com as pesquisadoras. Não foi objetivo da pesquisa concluir se os jovens são ou não resilientes, ou se um ou outro o é, mas revelar o desenrolar desse processo na percepção deles, diante de suas dificuldades cotidianas. A resiliência surge nas entrelinhas, nas conexões e desconexões estabelecidas, na articulação dos diversos processos apontados, pelos jovens e também pelas pesquisadoras.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo empreendido com os jovens integra um dos eixos do projeto “Adolescência e saúde: um estudo sobre comportamentos de risco no Município de Lagoa Santa-MG”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE) sob o número: 23339213.9.0000.5091, em sua segunda fase qualitativa².

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Lagoa Santa (Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais). A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto a outubro de 2014, tendo como participantes 14 jovens, de 15 a 19 anos, cursando o Ensino Médio (EM) em escolas públicas locais. Foram realizadas entrevistas individuais em profundidade, com duração de cinquenta minutos, em média, que contaram com um roteiro de perguntas abertas, correlatas ao tema resiliência, sem uma sequência preestabelecida, à exceção da pergunta primeira, com potencial de disparar as narrativas em meio à situação dialógica.

Nas primeiras entrevistas, os jovens reivindicaram falar sobre alguns pontos que foram incorporados ao roteiro, como a relação que eles possuem com as políticas públicas, percepções sobre a sociedade em geral e instituições como escola, mídia, equipamentos de saúde, dentre outros.

A lógica da amostragem representativa não se aplicou a esta pesquisa. Optamos pela reunião de um *corpus* que permitisse uma análise compreensiva,

² Vincula-se ao Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) da Fundação Oswaldo Cruz Minas Gerais, em parceria com o Observatório da Juventude da Fundação João Pinheiro do Estado de Minas Gerais e Conselho Municipal de Juventude de Lagoa Santa (CONJUVE).

sendo que sua construção foi processual e gradativa, de forma que o material reunido oferecesse certa evidência de saturação. Neste sentido, não foi o tamanho da amostra garantia da relevância dos resultados (GASKELL & BAUER, 2005; MINAYO, 2010).

Dois critérios de seleção foram previstos com o intuito de obter uma maior variedade de relatos: entrevistar jovens de diferentes instituições de ensino, de ambos os sexos. Sete jovens foram entrevistados nas dependências de uma ONG³ e preencheram estes critérios, mas, para evitar um viés de que apenas jovens inseridos no programa de capacitação profissional fossem ouvidos, duas escolas públicas foram convidadas a participar da pesquisa⁴. Reuniões com a diretoria das escolas para apresentação da proposta e discussão do procedimento foram realizadas em parceria com um representante do CONJUVE, que nos auxiliou durante todo o trabalho de campo. As outras sete entrevistas, porém, foram viabilizadas em apenas uma das escolas contatadas. O convite foi feito aos estudantes com a ajuda da direção da escola, de acordo com a disponibilidade de horários das turmas e interesse dos jovens em participar do projeto.

Realizamos a análise temática transversal das entrevistas, com a construção de um quadro categorial, que reuniu as semelhanças e regularidades expressas nas falas. O referencial da hermenêutica gadameriana contribuiu tanto com o aspecto horizontal das análises, quanto com a compreensão do material, a partir do interior da fala de cada jovem. Bardin (2011) assinala que o nível de análise subjetiva, ou seja, pessoa por pessoa, pode evidenciar a arquitetura cognitiva e afetiva, trazendo o que é singular, contribuindo para o enriquecimento da análise temática das entrevistas.

2.1 Quadro conceitual

³ Instituto sem fins lucrativos, de cunho sócio educacional, que oferece formação e capacitação profissional com vistas à inserção dos jovens no mercado de trabalho por meio de parcerias com empresas privadas da cidade de Lagoa Santa. Os jovens que foram entrevistados nesta instituição são inseridos em um programa de aprendizagem fundamentado na Lei Jovem Aprendiz, n. 10.097 de 2000. Os mesmos também realizam estágio em empresas parceiras do programa na cidade de Lagoa Santa.

⁴ Dentre as cinco escolas públicas e duas privadas que oferecem a modalidade Ensino Médio na cidade, que participaram da etapa quantitativa do projeto interdisciplinar, selecionamos, por conveniência, duas escolas públicas, que demonstraram maior abertura e disponibilidade na fase inicial, para o convite aos jovens.

A hermenêutica proposta por Gadamer, ancorada no diálogo e na abertura para o outro, oferece ao pesquisador a possibilidade de refinar cada vez mais suas conceituações, pois, como ressalta este autor, a compreensão do fenômeno “se dá como parte do acontecimento semântico, no qual se forma e se realiza o sentido de todo enunciado” (GADAMER, 2013, p. 231).

A contribuição, que a hermenêutica de Gadamer pode oferecer às pesquisas em resiliência, considerando a tradição da qual as mesmas fazem parte, é a possibilidade de que, no encontro com os jovens, por meio da “fusão de horizontes”, haja a ampliação das possibilidades de sentido, dadas na situação dialógica. Para Gadamer, um horizonte “não é uma fronteira rígida, mas algo que se desloca com a pessoa e que convida a que se continue a caminhar.” (GADAMER, *op.cit.*, p.330).

Sendo assim, Gadamer (2011) aponta a hermenêutica como um modo de compreensão que obedece sempre à lógica do diálogo. E é na perspectiva do diálogo que se ancorou a investigação descrita, pois “[...] na conversação nos colocamos no lugar do outro com objetivo de compreender seu ponto de vista. [...] O acordo na conversação implica que os interlocutores estejam dispostos a isso, abrindo espaço para acolher o estranho e o adverso.” (GADAMER, 2013, p.501).

Liebenberg & Ungar (2009) partilham de uma concepção afinada a essa noção de compreensão em suas pesquisas com jovens. Refletindo sobre o papel do pesquisador e das relações estabelecidas no campo, eles apontam a importância do cuidado em escolher os métodos e a maneira com que os jovens participantes serão incorporados à pesquisa.

Estes autores consideram que nas pesquisas, somente autorizando as vozes dos jovens, podemos compreender a diversidade de maneiras com que eles sustentam suas vidas em ambientes complexos, partindo de suas próprias percepções sobre consequências positivas e negativas de comportamentos ou resultados, sem a fixação em pontos de vista dominantes sobre o risco e proteção (LIEBENBERG & UNGAR, 2009).

A resiliência nesta perspectiva, portanto, é negociada nas relações estabelecidas na dinâmica tensão entre indivíduos, famílias, comunidades e culturas, não sendo considerada um estado permanente do ser (LIBÓRIO & UNGAR, 2010). Logo, não se pode partir de comportamentos normativos para a

definição do que seria um “resultado positivo” ou “saudável”, ou desconsiderar a gama de elementos culturais e contextuais envolvidos no processo. Por exemplo, os problemas estruturais e a escassez de políticas públicas que auxiliem as famílias e comunidades a enfrentar as adversidades. Conclui-se, portanto, que:

[...] resiliência, longe de se referir unicamente a traços individuais, associa-se igualmente com as características do lugar social e político, ocupado pelas crianças, adolescentes, suas famílias e comunidades. Essa forma menos individualizante de conceber resiliência minimiza a tendência de atribuir ao sujeito a responsabilidade por seu insucesso (LIBÓRIO & UNGAR, 2010, p.478).

Michael Ungar (2012), partindo de um paradigma construcionista da resiliência, a define como um conjunto de comportamentos ao longo do tempo, que refletem as interações entre as pessoas e seus ambientes, em especial, as oportunidades de crescimento pessoal que estão disponíveis e acessíveis. Para este autor, a probabilidade de que estas experiências promovam o bem-estar diante das adversidades, depende de pelo menos dois pontos: o significado dado a essas oportunidades pelas pessoas envolvidas e qualidade dos recursos fornecidos. Conclui ainda que esta compreensão da resiliência distingue o que podemos considerar como pontos fortes de uma comunidade e o que de fato desempenhou um papel relevante, quando indivíduos famílias ou comunidades estiveram sob estresse.

A perspectiva de compreensão da resiliência, neste estudo, considera sua construção imersa em uma tradição específica, que deve ser analisada em interação e contexto. Consideramos que o aporte teórico da hermenêutica de Gadamer é consistente com os objetivos do estudo, pois, sendo a resiliência apreendida em relação a outros processos, sua dimensão dialética invariavelmente estará presente nos acordos estabelecidos.

As contribuições de Paul Ricoeur, por outro lado, também sustentam algumas análises das entrevistas, no sentido de enfatizarem a dimensão ética das relações intersubjetivas. Onoko-Campos *et.al* (2013) concluem, no entanto, que este autor nos adverte da importância de não se iludir com uma compreensão intersubjetiva imediata, nem tampouco com uma análise dos signos isoladamente. Os textos, e por conseguinte as narrativas “tem sempre a pretensão de fazer emergir um mundo, quer seja uma experiência ou uma forma de viver e nele estar – algo já existente e

que pede passagem à linguagem.” (ONOCKO-CAMPOS *et.al*, 2013, p.2850). É neste sentido que concluem que se deve sempre levar em conta a dialética entre o compreender e o explicar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente artigo, iremos apresentar três categorias que emergiram no diálogo com os jovens, que, para além de recursos protetivos, apontam para uma dinâmica no processo de resiliência que denota a reciprocidade entre os envolvidos e o movimento de seus contextos. Utilizamos para a construção das categorias, trechos das falas dos próprios jovens. São elas: 3.1 *rede de dispositivos de apoio formal*: “a família que cuida de si mesma”; 3.2. *relação de amizade*: “o suporte da família e amigos”; e 3.3. *a intersubjetividade do apoio social*: “cada um fazendo a sua parte tudo vai dar certo”.

3.1 Rede de dispositivos de apoio formal: “a família que cuida de si mesma”

Os equipamentos disponíveis na comunidade, como por exemplo os Conselhos Tutelares, as Escolas, os Centros de Saúde, os serviços de Assistência Social, além da rede de suporte familiar e de amigos, “podem representar vínculos que protegem os indivíduos, quando estes se encontram em situações adversas” (LISBOA & KOLLER, 2002). Entretanto, os mesmos dispositivos, que possuem o potencial de auxiliar as famílias e jovens diante das adversidades, podem não cumprir seu papel de rede de apoio, ou mesmo representar barreiras às pessoas que buscam auxílio.

Em vista disso, marca-se a importância de uma análise contextualizada dos mecanismos de risco e proteção, e não de fatores estáticos, pois o que pode funcionar como sistema de proteção em uma situação, em outra pode operar como risco (YUNES & SZYMANSKI, 2001). As falas de três jovens sobre o apoio de alguns desses dispositivos diante das situações difíceis relatadas (uma delas de auxílio ao irmão, que enfrentava um quadro depressivo e ideação de autoextermínio; outra a tarefa da família e do jovem de cuidar dos sobrinhos órfãos após a perda de

seu irmão, em meio a dificuldades financeiras; e uma terceira, diante da violência do racismo sofrido na infância) sinalizam essa dinâmica:

Minha mãe também ficava muito preocupada... mas não teve nenhum apoio... tipo... público assim! Minha mãe procurou psicólogo pra ele, mas... demorou muito... o atendimento público. [...] Até ele ir na psicóloga demorou muito! Minha mãe ficou muito preocupada que ele não dormia, emagreceu... minha mãe ficou com medo que ele fizesse alguma coisa. Porque ele fugia... então, tipo... não tinha como falar com ele... aí ela ficava muito nervosa (E4, 16 anos).

Nós tivemos um problema, um tempo atrás, relativo ao Bolsa Família.[...] minha mãe tentou resolver... aí falou, ah, tá resolvido. Aí o benefício não veio! Então minha mãe tentou novamente, o benefício não veio. [...] Ah, procura direto a assistente social da cidade! A qual falou que não era com ela, era com as secretárias dela, então ficou naquele jogo, vai pra um lado, vai pro outro. [...] Aí no momento, igual a gente fala, a gente tá deixando, brandar né, a gente tá conseguindo levar a nossa vida tranquila, mas se eu for parar pra pensar, de instituições, a ajuda é zeeero! [...] O que eu gosto de falar é que é aquela vida bem medieval. É a família que cuida de si mesma sem ajuda da coroa, digamos assim (E7, 19 anos).

[...] Não tanto [...] porque, eu acho que... por exemplo, nas escolas... não abordam muito esses temas, sabe! Igual quando surgiu aquela época lá que tava falando muito sobre o *bullying* nas escolas... (E2, 17 anos).

Sabe-se que recursos de saúde vão muito além da assistência em momentos de crise. Porém, quando se tematiza a “saúde”, o que se evoca em primeiro plano é justamente a doença, que para Gadamer é “o lançar-se contra”, “o importuno”, e portanto, mais acessível à objetivação. Para ele, “saúde não nos é algo permanentemente consciente, e ela não nos acompanha de forma preocupante como a doença. Não é algo que nos advirta ou convide ao contínuo autotratamento. Ela pertence ao milagre do autoesquecimento” (GADAMER, 2011, p.103).

Ao longo da conversa, a maior parte dos jovens pontuaram ter “boa saúde”, esclarecendo imediatamente que esta condição se dá por nunca ter precisando recorrer à assistência: “[...] Eu, graças a Deus passo muito pouco mal” (E6, 17 anos); “[...] eu até que tenho uma saúde de ferro! Eu acho que a última vez que eu tive que passar no hospital faz uns quatro anos! (E7, 19 anos); “[...] eu nunca fui no posto assim por causa de saúde não, porque sempre foi bom, machucado também nunca fui não.” (E8, 15 anos); “[...] Sobre isso eu não vou saber falar, porque eu nunca precisei assim, recorrer ao hospital assim, de um jeito muito urgente.” (E10,

16 anos). Nos momentos, porém, em que os jovens relatam ter precisado, alguns indicam não ter se sentido acolhidos nos serviços aos quais buscaram ajuda:

Tava com uma dor muuuito forte [...] de cabeça, tonteira [...] Fui duas vezes embora da escola por causa disso. Fui no posto duas vezes, não tinha médico! Fui em outro posto, no PAM, não tem médico! O hospital fecha, não tem médico em Lagoa Santa! [...] Voltei lá de novo, que a dor tinha permanecido. Só tinha enfermeiro! O enfermeiro falou que não podia atender [...] ! Aí fiz no particular, tive que fazer exame e tal (E9, 15 anos).

[...] nos postinhos de saúde [...] tem umas pessoas que atendem bem, outras atendem horrorizadamente! No posto [...] tem um médico, que se você vai lá, ele nem te examina [...] outro dia eu cheguei lá, eu tava passando mal [...] ele olhou pra minha cara, ele falou que não ia me atender, que eu tava sozinha. [...] Aí ele chamou uma enfermeira [...] pra ficar junto! Aí [...] eu tô lá e ele conversando com a enfermeira, falando que o povo tava falando alto lá fora, que ele tava passando mal, e que ele não deveria tá ali, que se ninguém importa com ele, ele não importa com ninguém! [...] me atendeu com dois minutos! E me deu um ibuprofeno e me mandou embora! (E14, 16 anos).

Verifica-se, portanto, que na percepção dos jovens, o acesso ao atendimento de suas necessidades de saúde, nos momentos em que se viram doentes ou vulneráveis, não está efetivamente disponível. O “potencial de proteção que uma comunidade pode oferecer às suas crianças e adolescentes é inestimável, quando é capaz de prover serviços públicos como educação, saúde, segurança e habitação de qualidade. Na realidade brasileira [...] esse papel protetor ainda não passa de uma promessa e em algumas sequer existem esses serviços básicos” (ASSIS et. al, 2008, p.48).

Além de alguns dos jovens não perceberem os serviços de saúde como um ponto de acolhida e proteção, a maior parte deles também relatou experiências de pessoas próximas que não foram exitosas ao recorrer aos serviços disponíveis na comunidade:

[...] minha mãe, [...] começou a fazer o psicólogo lá, aí começou a tomar uns florais, pra acalmar. [...] só nessa parte! Porque, fora, o resto, sabe! [...] ela precisava de mastologista. Só que o mastologista foi sair esse ano! É igual a gente falou, se fosse esperar! Teve até erro da prefeitura! [...] A médica falou que não tinha nada! [...] Como foi erro dela, a prefeitura teve que repor. [...] Quimioterapia, a prefeitura que tava levando de carro. Aí nesse ponto aí teve apoio! [...] porque, minha mãe começou a fazer ameaças, que ia levar pra justiça, que sei lá o quê! Aí, pra evitar barulho, aí ajudava lá! [...] saúde aqui tá precário demais! Médico aqui, nem no PAM, que eles dizem que é o hospital agora, não tem! Pra você fazer

um trem eles te mandam lá pra Belo Horizonte! Igual meu tio, precisava fazer uma cirurgia de apendicite, não tem. Teve que mandar ele lá pra Santa Casa de Belo Horizonte! Então assim, eu acho que aqui tá horrível! (E9, 15 anos).

Mesmo muitas vezes não sendo uma situação vivenciada pelos jovens diretamente, muitos indicaram ser um problema: a falta de “empatia” dos profissionais de saúde. Assis *et al.* (2008) apontam que para o profissional ser visto como um suporte, capaz de estabelecer uma relação de confiança com as pessoas e comunidades, os profissionais precisam, além de condições de trabalho e gestão favoráveis, estar aberto a isso. Algumas falas dos jovens compartilham do desamparo que percebem em sua rede, ao tentar acessar apoio em alguns desses dispositivos:

[...] eu vejo o pessoal que quando passa mal [...] e vai lá... buscar né, ajuda do hospital e tal... eu acho assim, que a empatia que o pessoal tem é muito ruim! O pessoal não se preocupa. Porque não é com eles, né? Agora, se todo mundo fosse olhar assim: não; poderia ser comigo, eu tenho certeza que seria diferente! [...] eu acho ruim, porque tipo assim, não é uma segurança que cê tem! (E6, 17 anos).

[...] minhas sobrinhas, quando adoecem, muitas vezes eu vou levar, eu vejo, por exemplo, uma garota de 17 anos que tá grávida. Ela vai tentar conversar, o quê que eles fazem? Eles tratam ela como uma adulta. [...] Não tem um profissional pra conversar, perguntar a ela o quê que tá acontecendo... o quê que se passa na mente dela! Psicólogos aqui na cidade, [...] públicos, digamos assim, eles não tão pra conversar com a pessoa, diretamente. [...] Eles estão mais pra poder dar uma dica, as dicas genéricas que eles passam pra pessoa. Eles não conseguem perceber que cada um é um! [...] aqui a gente não tem esse profissional capacitado. Profissional aqui tá preocupado com o idoso, tá preocupado com a gestante, mas não tem preocupado com o jovem! (E7, 19 anos).

[...] no caso da minha avó, que precisou uma vez, um médico simplesmente falou assim: ah, não tá no meu turno, espera aí que o próximo médico vai chegar daqui a vinte minutos (E10, 16 anos).

Um dos jovens, que presenciou ao assassinato de colegas, por outros jovens, menciona a importância de haver a disponibilidade de um suporte a todos os envolvidos: “[...] Acho que não só pra mim, mas quem praticou isso, por exemplo! [...]. Quem possivelmente no futuro não praticaria. Se tivesse esse atendimento desde novo, duvido que ele teria feito isso, se soubesse o quê que é a vida!” (E1, 18 anos).

O conceito de resiliência no campo da saúde tem despontado como uma

orientação para intervenções desenhadas de forma contextualizada, enfatizando as potencialidades das pessoas, famílias e comunidades. Para Silva *et al.* (2003), ela representa a possibilidade do exercício de uma assistência ética em saúde, já que pressupõe a desconstrução de crenças atreladas à negatividade do processo saúde-doença. No entanto, nota-se que a percepção que os jovens possuem desses equipamentos está distante da suposta potencialidade de atuação desse setor como um elemento de proteção.

A potência do conceito na área da saúde não é a produção de rótulos (resiliente ou não resiliente), mas o estabelecimento de um encontro satisfatório que permita aos envolvidos se utilizar de seus recursos, e pensar em possibilidades até então não aventadas.

Os serviços e os profissionais que dele fazem parte devem operar como um catalisador para esse processo. A probabilidade de que o profissional venha a ter sucesso, relaciona-se à abertura ao outro, a aposta no diálogo autêntico, que transforma ambos os envolvidos. “A capacidade de resiliência significa encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação” (ASSIS *et. al*, 2008, p.49), e o diálogo pode abrir um leque de possibilidades de atuação tanto para o jovem como para o profissional.

A falta da oferta de atividades de lazer e cultura na cidade também foi mencionada como uma barreira, tanto no dia a dia como nas situações adversas: “É igual mesmo no meu bairro [...] muita gente assim fica doido pra jogar bola e não tem uma quadra, entende? Construíram mesmo lá na praça uma pista de skate que ninguém usa! Eles fizeram ela, tipo errado, e lá daria uma quadra enorme!” (E6, 17 anos); “[...] quando eu procurava uma coisa dessa aqui, era muito difícil [...] se eu fosse olhar pela cidade, eu teria ficado... eu teria entrado em depressão. [...]” (E7, 19 anos).

Em meio à falta de recursos, alguns jovens se organizam para construir seus próprios espaços de lazer: “[...] Tem porque a gente mesmo forma, vai pro meio do mato lá, tem muito mato no meu bairro, aí nós vai pro meio do mato e forma o nosso campo, capina, forma direitinho o nosso campo lá! Aí fica bom pra nós! [...] A gente que fez o campo lá! [...] de terra mesmo, nós foi lá e capinamos, colocou trave...” (E8, 15 anos).

3.2 Relação de amizade: “o suporte da família e amigos”

O apoio de pelo menos uma figura significativa do círculo familiar é apontado pela literatura como sendo um fator importante no processo de proteção e favorecimento da resiliência. Com relação aos jovens entrevistados, diversos deles apontam a mãe como figura principal deste suporte, mas figuras como o pai, avô, tia, para alguns deles, exercem um papel central. A família extensa é pouco citada como suporte direto, sendo a família nuclear a referência em muitos momentos:

[...] a minha família, eu considero, mas não converso tanto [...] o foco... o foco é minha mãe. Eu tenho minha mãe e minha irmã. Elas são minha família pra mim! [...]. Minha mãe sempre me ajudou em tudo! Minha mãe foi quem me criou, minha mãe que, tipo assim, é ela que me ensinou tudo! Então a pessoa assim... que eu confio, minha melhor amiga, que eu confio, é a minha mãe! (E6, 17 anos).

[...] todo dia ela pergunta: como que foi seu dia? Que de vez em quando eu tô estressada, se aconteceu alguma coisa aí eu fico estressada, aí minha mãe pergunta: quê que aconteceu? [...]. Minha mãe principalmente [...] É um suporte pra mim!” (E14, 16 anos).

[...] É o que mora junto comigo família, né... mãe, padastro e vó. [...] É...que eu conto mesmo, e um primo que é muito próximo meu” (E1, 18 anos).

[...] Ah, eu não sou muito ligado à minha mãe não. Porque eu [...] sou mais garrado à minha tia! [...] Aí sempre que acontece alguma coisa ela [...] tenta acalmar eu. Aí... é bem mais calmo com ela! [...] Ela me dá altos conselho! Procuo mais minha tia! Minha mãe, ela fica trabalhando. [...] Sempre eu recorro à minha tia mesmo! (E8, 15 anos).

[...] A relação com o meu pai é muito excelente! Meu pai pra mim não é meu pai, é meu amigo! É meu irmão! [...] Eu não trato ele como pai, eu trato ele como aquele assim, eu respeito ele, mas é um respeito diferente. Não é aquele respeito de pai e filho, que é só: oi filho, oi pai! Não é só isso não! Eu chego, converso, posso conversar tudo com ele, qualquer coisa! Ele chega, conversa comigo qualquer coisa também! Não tem restrição de nada! (E11, 18 anos).

[...] Meu vô, era tudo cara! [...] ele era tudo pra mim! Ele falava que só ia morrer depois que eu formasse na faculdade. [...] Ele sempre se preocupou muito com o meu bem-estar. [...] minha mãe foi perfeita comigo, mesmo estando na mesma situação que eu! [...] Eu falei dos amigos, mas não falei da minha mãe! Que ela também me ajuda com tudo e tem... deixa claro que eu posso falar qualquer coisa com ela! [...] tenho total liberdade com ela! (E13, 15 anos).

Pelo menos um familiar próximo é apontado pelos jovens como um apoio

frequente. Mas em muitas situações, como por exemplo, a perda de um membro da família, pode fazer com que a figura significativa não esteja em condições de exercer suporte aos demais membros. Mesmo assim, o que parece importante indicar é que o jovem circula entre as possibilidades de suporte disponíveis em cada situação específica. O fato de, em uma determinada situação não haver o suporte desta figura significativa, não quer dizer que em outras situações ele não possa acessar esse apoio. A fala de um dos jovens descreve esse processo:

[...] uma família fechada, então falar sobre isso [...] traz aquele clima, tristeza, abate. E eu busquei esse suporte, digamos, alternativo. [...] Mas da família em si, não muito. A pessoa que, digamos, que eu mais teria uma conversa é o meu primo, né, porque ele tem 20 anos, então a nossa idade é mais próxima, só que a gente, ele... não sei, talvez ele ficava sem jeito. Ele tentava evitar o assunto, também. Acho que é porque ele também não sabe tratar isso, né? [...] em outras situações sim, né! Por exemplo, [...] atualmente... com a perda do meu irmão, a gente tomou... a minha mãe, tomou partido dos 3 filhos dele. [...] Então assim, o apoio da família nesse momento é ótimo (E7, 19 anos).

Esta fala aponta a dificuldade em lidar com a perda do irmão no meio familiar. Mas apesar de não encontrar o suporte emocional necessário neste ponto da rede, a família possibilitou outros tipos de suporte, fazendo com que ele buscasse conforto em livros, músicas e amigos virtuais (que ele denominou de “suporte alternativo”). Por isso o processo da resiliência é tão dinâmico e deve ser analisado de maneira não apenas subjetiva, pois negociações são necessárias a todo o tempo para que os problemas sejam enfrentados de maneira satisfatória.

As relações estabelecidas com figuras significativas e com os pares apresentam para os jovens, nesta pesquisa, um estatuto de amizade. Paul Ricoeur aponta que o dar e o receber da amizade é regido pelas relações interpessoais. A amizade, ele diz, não é como a justiça, que rege as instituições, envolvendo numerosos cidadãos. Por isso, conclui que a amizade “tolera um pequeníssimo número de parceiros”, mas que somente ela “pode visar à intimidade de uma vida compartilhada” (RICOEUR, 2014, p.202). Alguns relatos dos jovens sobre o suporte da rede de amigos vão ao encontro a essa noção:

[...] Com amigos... mas é... tem amigos que eu não tenho. Mas é, igual mesmo, eu não vou procurar [...] manga em pé de goiaba, né! É saber procurar os lugares certos também. Mas tem, quando eu procuro. [...] Amigos da igreja, que é os que nó, me ajuda muito! (E6, 17 anos).

[...] Se eu for falar de pessoa, especificamente, eu acho que foi mais amigos que na verdade eu não conheço nem pessoalmente. Amigos virtuais, pessoas aí... Rio, São Paulo, essas coisas. [...] Por eles não conhecerem eles iam direto no que eu falava e me dava uma ajuda.[...] Eu gosto de ter uma boa relação com todas as pessoas, mas eu tenho uma escolha muito restrita às pessoas que eu vou levar como amigos.” [...] Eu tenho uma amiga, por exemplo, que ela foi exemplar pra mim, né. Foi ela que me levantava nos momentos mais difíceis! Ela era aquela pessoa que eu podia contar com ela a qualquer momento. [...] eu tenho, digamos assim, um círculo de relacionamentos muito fechado, muito pequeno (E7, 19 anos).

[...] Ter a gente tem, né, mas assim, não que a gente pode confiar! Confiar eu só tenho assim duas mesmo, que não estudam aqui [...] Elas ficavam me apoiando, e tal. Elas iam lá pra casa, ficavam conversando com a minha mãe também (E9, 15 anos).

[...] tipo assim mentira [...] alguém tem que saber! Algum amigo! Aí eu contava pra uma amiga minha, e ela também tinha alguns, certos problemas, eu contava pra ela e aí só ela só também, mais ninguém! [...] ela foi minha salvação mesmo! Quando eu contei pra ela, já foi suficiente! [...] Escolho bem minhas amizades! Eu tenho amigos, mas assim, sempre sou um pé atrás. [...] Saio pouco, muito pouco! [...] Mesmo assim eu escolho com quais eu saio. Não é qualquer um não! [...] sou seletivo nisso! (E11, 18 anos).

[...] tenho poucos, que são amigos mesmo são poucos! Tenho acho que umas quatro meninas que eu converso bastante, duas são daqui da escola. E [...] tenho um amigo que não é daqui, mas ele é de outra cidade e é da igreja também (E12, 18 anos).

[...] os meus amigos são essenciais, eles também são meus portos seguros, e também me ajudam a enfrentar todos os problemas com apoio moral, incentivo. [...] Bons amigos! [...] Tenho dois amigos que estudam aqui, aliás, meu melhor amigo, que eu conheço ele há oito, nove anos, que ele veio pra cá porque eu vinha pra cá! [...] Eu tenho uma outra amiga também, que eu conheço ela há pouco tempo, uns três anos, que ela veio pra cá também! (E13, 15 anos).

[...] Amigos, amigos, a gente tinha né? Mas a gente se decepciona com as pessoas [...] Atualmente eu tenho, duas, que são até da minha sala, que tem desde quando eu tô aqui, duas não, são 3 [...] que eu confio, de verdade! Só elas! [...] colegas a gente tem mas nem todo mundo a gente pode confiar, ainda mais hoje em dia, né?(E14, 16 anos).

Importa dizer que a construção da identidade do jovem se dá nesta relação estabelecida com esses outros significativos, e acontece no plano da ação. Neste momento a hermenêutica ricoeuriana também pode nos ajudar na leitura deste fenômeno:

Para Ricoeur, a vida verdadeira, caracterizada como o resultado da busca de sentido, unidade e coerência das ações individuais por

meio da narrativa, deve se desdobrar em direção à intersubjetividade e para as relações sociais: “Visar à vida boa com e para o outro em instituições justas” (LISBOA, 2013, p.105).

Por conseguinte, pode-se concluir que a resiliência também se ancora mais do que em subjetividades, nas relações intersubjetivas estabelecidas no plano da ação. Libório & Ungar (2010) afirmam que a resiliência "não é um estado psicológico interno de bem-estar, nem um conjunto de comportamentos aceitáveis socialmente que ocorrem após a exposição ao risco, nem uma condição que resulta de qualidades inatas tais como: temperamento positivo ou capacidades latentes" (LIBÓRIO & UNGAR, 2010, p.478).

Os relatos dos jovens, sobre o suporte recebido dos amigos e familiares e também do suporte oferecido por eles, comungam com a noção de “atividade”, pressuposto para a caracterização das relações de amizade, que para Paul Ricoeur, “não é primordialmente da alçada de uma psicologia dos sentimentos de afeição e apego pelos outros, [...] mas sim de um ética: a amizade é uma virtude – uma excelência –, em ação em deliberações escolhidas e capaz de elevar-se à categoria de *habitus*, sem deixar de exigir um exercício efetivo, sem o que ela deixaria de ser uma atividade (RICOEUR, 2014, p.199). Para ele, portanto, a amizade é uma atividade que, evidentemente, é um “devir” (RICOEUR, *op.cit.*). Lisboa (2013) conclui que o sujeito ético, para este autor, “é aquele que se reconhece como autor de suas ações e cuja existência e implicações estão entrelaçadas nas vidas de outras pessoas que, por sua vez, constituem o tecido social e as instituições” (LISBOA, 2013, p. 110). Portanto, a resiliência acontece neste devir, sempre regida pelas situações sociais e contextos dos quais os jovens fazem parte.

3.3 A intersubjetividade do apoio social: “cada um fazendo a sua parte tudo vai dar certo”

Há pelo menos três tipos de proteção que atuam desde a infância: capacidade individual de se desenvolver de forma autônoma, com autoestima positiva, autocontrole e características de temperamento afetuoso e flexível; provimento pela família de estabilidade, respeito mútuo, apoio e suporte; e o apoio oferecido pelo ambiente social, através do relacionamento com amigos, professores e com outras pessoas significativas que têm papel de referência, reforçando o

sentimento de ser uma pessoa querida e amada (ASSIS *et al.*, 2008).

Sendo assim, o autoconceito positivo e uma estima positiva por si mesmo são elementos recorrentemente associados a resultados favoráveis diante das adversidades (PEREIRA, 2001). Reppold & Hutz (2002) explanam que a autoestima refere-se ao juízo relativo aos próprios atributos, implicando em um julgamento de valor afetivo sobre os predicados pessoais, e é considerada o principal indicador de saúde mental.

Considerando-se que a resiliência deve ser analisada partindo-se da noção de processos e não fatores, quando o autoconceito é tematizado no diálogo com os jovens, nota-se que este se entrelaça ao que eles percebem que podem fazer e que fazem pelo outro, como um fazer por si mesmo. Ao mesmo tempo, este autoconceito o remete à capacidade de comunidade. Neste sentido, o autoconceito não pode então ser analisado como um fator. Seu caráter remete ao que é compartilhado, ou seja, a capacidade de ação solidária ressaltada por Gadamer, que conclui que “a constituição íntima do homem e a sua capacidade de comunidade são, no fundo, a mesma coisa (GADAMER, 1983, p. 107).

O apoio social, de acordo com Pereira (2001), pode ser compreendido em conexão com as redes de ligações sociais, de amigos, colegas e família, podendo reduzir o estresse, e proteger os indivíduos contra seus potenciais efeitos negativos. Nesta investigação, um aspecto marcante na questão do apoio da rede social do jovem, na dinâmica da resiliência, é a reciprocidade. Não se trata de uma rede de suporte externa operando em favor de uma solução bem sucedida para ou pelos jovens, mas uma intersubjetividade que permite ao jovem reconhecer-se nesta dinâmica, estabelecida no vínculo social.

A importância de contar com uma rede de apoio que seja percebida pelo indivíduo como significativa é amplamente relatada na literatura sobre resiliência. No entanto, pouco se fala da importância de pertencer a esta rede também como suporte e referência para o outro nos momentos difíceis. Nesta pesquisa, uma categoria que se mostrou pujante foi a importância que os jovens participantes expressaram de exercer um papel de apoio em sua rede de amigos, família e em outros espaços coletivos.

Alguns tipos de suporte citados por eles foram:

1. *Participar e auxiliar nas tarefas domésticas*: “[...] quando eu chego, tipo, chegar da escola agora, eu arrumo casa pra minha avó. Aí quando a casa tá toda arrumada, aí eu saio pra casa dos meus amigos, chamo eles pra jogar bola” (E8, 15 anos); “[...] comecei a ficar sozinha em casa a partir dos nove anos. [...] Aí dos treze pra cima já comecei a lavar roupa, passar, ter que fazer comida, arrumar a casa.” (E9, 15 anos); “[...] quando eu era pequena, minha mãe me acostumava a arrumar a casa [...] ajudava ela no serviço, que ela [...] dava faxina, aí me levava pra ajudar, arrumava a casa, tinha que fazer tudo! Aí se eu ficar em casa eu não aguento ficar parada! [...] Desde cedo, tenho que fazer tudo, faço comida.. tem que fazer tudo!” (E14, 16 anos).

2. *Responsabilizar-se e ser exemplo para as crianças*: “[...] meu irmão, ele gosta muito de mexer comigo, sabe? E ele é o caçula e a culpa assim, cai mais grande em... eu tenho que dar o exemplo, quando ele mexe comigo, pra mim não fazer alguma coisa com ele, bater nele, que eu sou o mais velho, eu vou lá pra casa da minha tia, fico lá pra não ter nenhum tipo de ignorância com ele e machucar ele.” (E8, 15 anos); “[...] Lá em casa, o lado escolar sou eu que pego mais força com eles! [...] porque uma coisa que eu posso garantir a qualquer um é que os meus sobrinhos não faltam de aula! [...] Só falta realmente por causa de doença.” (E7, 19 anos).

3. *Ajuda financeira*: “[...] Eu procuro a maioria das vezes ajudar a outra pessoa. Ainda mais quando eu tenho muito. Eu, por exemplo, o meu salário aqui. Meu salário todo vai mais pros outros do que comigo. Eu sempre pago as coisas pros outros quando não tem dinheiro. Eu já vivi nessa situação de não ter dinheiro nenhum, de ter que depender de amigo meu pra pagar as coisas. E agora que eu trabalho eu sempre pago pros outros.” (E1, 18 anos); “Minha família é uma família muito solidária, a gente pode ter pouco, mas o que a gente tem, se der pra ajudar alguém a gente ajuda.” (E7, 19 anos).

4. *Engajamento político*: “[...] Eu acho que o maior partido que a gente possa ter é a solidariedade uns com os outros. E, gosto muito de ajudar naquelas questões... por exemplo, sociedade, né. Eu quando entrei no Conselho Municipal da Juventude, foi

exatamente com essa... eu evito de entrar... de ir prum meio político, porém dando suporte a ele, digamos assim. Dando suporte do lado da sociedade.”(E7, 19 anos); “aqui em Lagoa Santa, não tem muito... não se interessa muito pela política! Porque também não tem incentivo, né! Aí a gente tenta fazer umas comissões pra ir nas reuniões que tem na prefeitura, a gente, a menina, até montou um grupo, lá no Instituto, pra gente trazer mais jovens, não só do Instituto, mas de fora, pra gente poder discutir essas coisas! Porque os meninos falam: ah, pra quê, votar pra quê? Votar em ninguém não, votar pra quê? “[...] Se cada um falar assim, eu não vou votar, acabou! Todo mundo, cada um tem que fazer sua parte, cada um fazendo a sua parte tudo vai dar certo!” (E14, 16 anos).

5. *Oferecer suporte emocional*: “[...] Quando elas tem problemas eu ajudo elas, vou na casa delas, converso com elas. [...] a gente tenta ajudar resolver, quando tá precisando de ajuda lá, a gente dá um chute, coisa assim! Um empurrãozinho! (E9, 15 anos); “[...] a pessoa tá com problema, eu vejo a hora que a pessoa tá com problema e pergunto, sento, procuro saber porque, ajudo a resolver, apesar de não contar os meus, eu ajudo a resolver os deles! Assim, eles me veem como, um amigo mesmo!” (E11, 18 anos); “[...] minha mãe, [...] como ela tem diabetes, quando aconteceu, ela teve crise com a doença, então [...] uma coisa que eu sempre faço é tentar privar ela de todo quanto... o que eu posso evitar pra trazer tristeza a ela eu faço.” (E7, 19 anos); “ Quando minha mãe tá meio nervosa assim, triste com alguma coisa, eu chego perto dela e começo a rir. Aí ela ri também e esquece até do negócio! [...] quando eu tô com os meus amigos assim, que eles começam a xingar os outros que tá do meu lado eu começo a rir, brincar com eles... falo os negócio com eles pra descontrair mesmo! [...] tirar um pouquinho da tensão deles pra eles pararem de xingar uns aos outros.” (E8, 15 anos).

Mesmo valorizando o papel de também oferecer algum tipo de suporte em sua rede de relações, muitos jovens apontam a dialética desta dinâmica, que envolve a mobilização de emoções e posicionamentos, muitas vezes difíceis de manejar:

[...] Minha mãe chega lá, nossa! É barulho só! Aí assim, eu procuro me empenhar pra tá ajudando ela! Então, acaba que a mente da gente. Igual eu falo, o tanto de coisa que eu tenho que fazer, tenho que te ajudar. [...] Ela quer que eu gravo a senha do cartão dela, do meu pai, meu, e o trem fica só acumulando (E9, 15 anos).

[...] eu sinto mais como apoio de outras pessoas. Tem gente na minha sala que vem pedir ajuda, pedir dica, pedir conselho... [...] que eu sou mais velha também [...] Eu sei lá, eu me vejo mais como sendo o suporte (E12, 18 anos).

[...] eu sirvo meio que de aconselhadora. E aí as pessoas: [...] tá acontecendo isso, isso e isso, aí eu tomo as dores todas, os problemas todos, olha, vamos ajudar, a passar isso com você, e tal, e às vezes eu acabo misturando os meus problemas com os problemas dos outros [...] eu não tô conseguindo pensar no que dizer mais, porque, eu preciso de alguém que diga pra mim! (E13, 15 anos).

Ano passado, mais eu que tive que dar apoio pra minha família, porque minha mãe teve câncer de mama. [...] Aí a gente teve que dar apoio assim, à minha mãe. [...] Tem que botar a moral dela lá em cima! [...] na hora que a gente via assim ela daquele jeito, a gente chorava por dentro, mas como que chora na frente dela? Não tinha como! A gente ficava rindo! Aí quando a gente saía que a gente começava a desabafar (E9, 15 anos).

Para Ricoeur, “um si chamado de volta à vulnerabilidade da condição mortal pode receber da fraqueza do amigo mais do que lhe dá, haurindo em suas próprias reservas de força” (RICOEUR, 2014, p. 211). O fato de ser suporte para outrem em seu “padecimento”, que para este autor não é “definido unicamente pela dor física, nem mesmo pela dor mental, mas pela diminuição ou até mesmo pela destruição da capacidade de agir, do poder-fazer”, (RICOEUR, *op.cit*, p.210) pode colaborar para que este jovem se aperceba de sua própria condição de “fragilidade”, ou melhor, “mortalidade”, compartilhada com o outro. Se a resiliência relaciona-se em alguma medida à “superação” deste padecimento, a autêntica reciprocidade estabelecida diante da dificuldade do outro, pode fazer com que este jovem renove sua potência de agir diante de seus próprios infortúnios.

Talvez seja esta a visada que os jovens, nesta pesquisa, marcam como sendo de fundamental importância para a consideração de aspectos protetivos, riscos e vulnerabilidades para os estudos da resiliência: essa construção não é possível sem o outro:

Nós não podemos e não devemos simular à nossa juventude um futuro de conforto abundante e de crescente comodidade, mas lhe proporcionar uma alegria na responsabilidade compartilhada e na real convivência e solidariedade dos seres humanos. Sem dúvida, falta isso na nossa sociedade e no convívio de muitas pessoas. Os jovens, precisamente sentem isso. Há um provérbio antiquíssimo sobre isso: a juventude tem razão (GADAMER, 2011, p.90).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, a resiliência foi analisada não como um atributo ou traço de personalidade dos jovens participantes, mas como um acontecimento dinâmico, em que riscos, vulnerabilidades e proteção, em todas as possíveis dimensões, se articularam nas narrativas produzidas, confirmando sua característica de fluidez, contextualidade, historicidade e sem sombra de dúvida, dialogicidade. É fluida, pois não é um atributo fixo do indivíduo que o faz “superar” as dificuldades em todas as áreas da vida, sendo contextual por mudar com os múltiplos encadeamentos possíveis, imersos na temporalidade e tradição da qual os sujeitos participam. É dialógica, pois se constrói nas perguntas que as coisas fazem aos envolvidos e nas possíveis respostas formuladas, dando sentido ao todo do processo.

Neste artigo a ênfase dada aos processos protetivos serviu para demonstrar seu caráter intersubjetivo e de intercâmbio, em que a *reciprocidade* é marcada como tendo um valor para a constituição da subjetividade desses jovens.

A amizade, que para Gadamer é fundada no sentimento da solidariedade, e pressupõe a convivência; e considerada por Paul Ricoeur como um “devir”, em que a constituição do sujeito, o si-mesmo, só é possível com um outro que o convoque à responsabilidade, mostrou-se um conceito relevante a ser considerado nas investigações da resiliência. Nosso objetivo aqui não foi aprofundar na análise de como isso se dá, nem mesmo discorrer sobre esses conceitos tão caros à filosofia, mas indicar a importância de se considerar esse aspecto que está por detrás da constituição de fatores, como autoestima e autoconceito, por exemplo, tão invocados nas pesquisas sobre o construto resiliência.

Concluimos que as instituições formais, incluindo os dispositivos de saúde, devem sair da condição apenas de potencialidade para oferecer proteção efetiva aos jovens, pois o que se percebe é que estes recursos, em muitos momentos, acabam contribuindo para o desamparo dos jovens, suas famílias e comunidades, em situações de vulnerabilidade, que muitas vezes não podem prescindir deste ponto da rede para constituir seus processos de resiliência. Mesmo família e amigos sendo

um ponto de acesso indicado pelos jovens, os contextos são dinâmicos, e o lugar ocupado pelas instituições deve ser de abertura, acolhida e respeito, sendo imprescindível que políticas públicas de valorização das pessoas que ali estão e das que chegam sejam implementadas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, SIMONE GONÇALVES DE. Resiliência na adolescência: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades/ Simone Gonçalves de Assis; Joviana Quintes Avanci; Renata Pires Pesce; Kathie Njaine, Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/ CNPq, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Revista Estudos de Psicologia*, v.5, n.2, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/261/26150204.pdf>

GADAMER, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.

_____. *O caráter oculto da saúde*. Tradução de Antônio Luz Costa. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. "Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade". In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes, Petrópolis, 4.ed, 2005.

LIBORIO, Renata Maria Coimbra; UNGAR, Michael. Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.23, n.3, pp. 476-484, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000300008>.

LIEBENBERG, Linda; UNGAR, Michael. *Researching Resilience*. Toronto, CA: Univeversity of Toronto Press, 2009

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo, KOLLER, Silvia Helena. Considerações éticas na pesquisa e na intervenção sobre violência doméstica. Em: HUTZ, Cláudio Simon. *Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LISBOA, Marcos. O conceito de identidade narrativa e a alteridade na obra de Paul Ricoeur: aproximações. *Impulso*, Piracicaba 23(56), 99-112, 2013 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v23n56p99-112>

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa et al. Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamim e da antropologia médica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 10, p. 2847-2857, 2013.

PEREIRA, Anabela M.S. Resiliência, Personalidade, Stress e Estratégias de *Coping*. Em: TAVARES, José. *Resiliência e Educação*, São Paulo: Cortez, 2001

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*. v.9, n.1, pp. 67-75, 2004. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000100009>

REPPOLD, Caroline Tozzi, HUTZ, Cláudio Simon. Adoção: fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. Em: HUTZ, Cláudio Simon. Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. pp. 88-130

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Tradução de Ivone C. Benedetti. 1 Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014

SILVA, Mara Regina Santos da; ELSEEN, Ingrid; LACHARITE, Carl. *Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. Paidéia (Ribeirão Preto)*, vol.13, n.26, pp.147-156, 2003. Em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2003000300003>

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. Em: TAVARES, José. *Resiliência e Educação*, São Paulo: Cortez, 2001

TROMBETA, L.H. & GUZZO, R.S.L. Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes. Campinas/SP: Alínea, 2002.

UNGAR, Michael. The social construction of resilience among "problem" youth in out-of-home placement: A study of health-enhancing deviance. *Child and Youth Care Forum*, 30 (3), 137-154, 2001

_____. A constructionist discourse on resilience multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth & society*, v. 35, n. 3, p. 341-365, 2004.

_____. Resilience across cultures. *British journal of social work*, v. 38, n. 2, p.218-235, 2008. Disponível em: <http://bjsw.oxfordjournals.org/content/38/2/218.short>

_____. *Social ecologies and their contribution to resilience*. Springer New York,

2012.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. Em: TAVARES, José (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 13-42). São Paulo, SP: Cortez, 2001

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos estudos, apesar de considerarem o caráter processual da resiliência e sua dependência de outros mecanismos, como o risco e proteção, partem de situações ou contextos previamente considerados arriscados, ou, pelo menos potencialmente adversos, para, a partir daí, investigar processos de resiliência. No estudo empreendido com os jovens, na perspectiva hermenêutica, a própria identificação da situação adversa partiu da percepção do jovem, o que ele atribuiu naquele momento como sendo “a situação mais difícil de sua vida”. O dimensionamento do risco, portanto, é dado, partindo do que o jovem aponta ser significativo em sua experiência para mobilizar seus recursos internos e externos. O que ativou e ativa sua vulnerabilidade e o que ele faz diante disso.

Os recursos protetivos, por sua vez, não possuem este estatuto até que se integrem à narrativa e se apresentem como tal naquele contexto específico, localizado, pois em outros momentos eles podem não ter tido efeito algum ou mesmo terem funcionado como barreiras para o processo resiliente do jovem.

As situações apontadas por eles vão desde acontecimentos ocorridos na infância a problemas atuais que ainda estão em curso. Independentemente de serem situações pregressas ou mais recentes, elas se fazem presentes e se atualizam nas narrativas dos jovens por meio do diálogo, em que o pesquisador, parte de um horizonte e reconhece seu manto de preconceitos, mas se abre para o que a coisa tem a dizer sobre ela mesma. Por outro lado, a experiência de se abrir para o diálogo com o pesquisador, que ativa o movimento dialético da pergunta e resposta, proporciona ao jovem a elaboração de uma narrativa que integra elementos até então não suspeitados. E isso vale para ambos os envolvidos.

O recorte apresentado nesta dissertação, mesmo sendo uma leitura parcial do fenômeno da resiliência, pretendeu marcar alguns pontos: os jovens participantes desta pesquisa demonstraram ter muito a dizer, mas poucos espaços para se expressarem, e ao mesmo tempo, uma dificuldade em escutar o outro; o diálogo, apesar de difícil de ser estabelecido na cotidianidade, deve ser um horizonte, na medida em que proporciona aos envolvidos uma profusão de novas possibilidades, a constituição de singularidades e relações autênticas de reciprocidade, que permitem aos mesmos construir resiliência diante de inúmeras adversidades

experienciadas na cotidianidade.

Infelizmente muitas outras categorias reunidas neste estudo ficaram de fora de nossas análises nesta breve dissertação. No entanto, o trabalho não se encerra aqui. Diríamos que ele está apenas começando, pois compartilhamos da premissa de que estudar as potencialidades das pessoas, famílias, comunidades e instituições, pode indicar à saúde coletiva novos caminhos para a construção de uma práxis mais próxima aos anseios e necessidades dos jovens e das juventudes.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estud. psicol.* (Natal), vol.3, n.2 , pp. 273-294, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>.

BAKHTIN, M.M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13 ed, São Paulo: Hucitec, 2012.

BARCELOS, Samuel M. ; SCHALL, Virginia T. ; KÖPTCKE, LS ; Lyra, J ; NOGUEIRA, Maria José . Youth risk Behavior Survey: Validação do Instrumento e estudo multicêntrico para Análise anual de comportamento de Risco entre Adolescentes Brasileiros. Em: III Congresso nacional de Educação para a Saúde e I Congresso Luso-Brasileiro de Educação para a Saúde, 2010, Covilhã. Psicologia e Educação. Covilhã: Departamento de Psicologia e Educação, 2010. v. IX. pp. 62-63

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 21, n. 49, p. 263-271, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/14.pdf>.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

BRASIL. Lei 12.852 de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda e NASCIMENTO, Maria Livia do.

subvertendo o conceito de adolescência. *Arq. bras. psicol.*, vol.57, n.1, pp. 2-11, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100002&lng=pt&nrm=iso.

COWEN, Emory L.; WYMAN, Peter A. Resilience in children: the nature and the importance of the concept. *Psicol. Esc. Educ.*, vol.2, n.3, pp. 247-256, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000300004>.

CLARO, Lenita Barreto Lorena et al. Adolescentes e suas relações com serviços de saúde: estudo transversal em escolares de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública.*, v.22, n.8, pp. 1565-1574, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006000800005>

DE ANTONI, Clarissa; KOLLER, Sílvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Revista Estudos de Psicologia*, v.5, n.2, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/261/26150204.pdf>

GADAMER, Hans-Georg. *Elogio da Teoria*. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1983.

_____. *O caráter oculto da saúde*. Tradução de Antônio Luz Costa. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer; revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. Em: GASKELL, George; BAUER, Martin W. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes, Petrópolis, 4.ed, 2005

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Ed.1, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001

JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva; DESLANDES, Suely Ferreira. "Resiliência e maus-tratos à criança". *Cad. Saúde Pública*, vol.19, n.1, pp. 227-235, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000100025>

MAIA, Joviane Marcondelli Dias; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas de Psicologia* v.13, n.2, pp. 91-103, 2005.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Marileide A. de; REIS, Verônica Lima dos; ZANELATO, Luciana Silva e NEME, Carmem Maria Bueno. Resiliencia: análisis de las publicaciones en el período de 2000 a 2006. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol.28, n.4, pp.754-767, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400008&lng=pt&nrm=iso

OMAR, Alicia; PARIS, Laura; DELGADO, Hugo Uribe; DA SILVA JUNIOR, Sergio Henrique Almeida; DE SOUZA, Marcos Aguiar. Un modelo explicativo de resiliencia en jóvenes y adolescentes. *Psicologia em Estudo*, v.16, n.2, pp.269-277, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a10v16n2>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). World Health Organization. Young people: health risks and solutions. Fact sheet n.345, 2011. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs345/en/>

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*. v.9, n.1, pp. 67-75, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000100009>

- RALHA-SIMÕES, Helena. Resiliência e Desenvolvimento Pessoal. Em: TAVARES, José (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 95-113). São Paulo, SP: Cortez, 2001
- REPPOLD, Caroline Tozzi; MAYER, Jeferson Charles; ALMEIDA, Leandro Silva e HUTZ, Claudio Simon. Avaliação da resiliência: controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.25, n.2, pp. 248-255, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722012000200006>.
- SILVA, Mara Regina Santos da; ELSEEN, Ingrid; LACHARITE, Carl. *Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. Paidéia (Ribeirão Preto)*, vol.13, n.26, pp.147-156, 2003. Em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2003000300003>
- SILVA, Maria Luísa Portocarrero F. – “Da fusão de horizontes ao conflito de interpretações: a hermenêutica entre Gadamer e Ricoeur”, *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 1, n.º 1, Março de 1992, pp. 127-153. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/14681>
- SILVA, Roselani Sodrê; SILVA, Vini Rabassa. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Cad. CRH*, vol.24, n.63, pp. 663-678, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000300013>.
- TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. Em: TAVARES, José (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 43-75). São Paulo, SP: Cortez, 2001
- TROMBETA, Luisa Helena Albertini Padula; GUZZO, Raquel Souza Lobo. *Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002
- LIBORIO, Renata Maria Coimbra; UNGAR, Michael. Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicol. Reflex. Crit.*, vol.23, n.3, pp. 476-

484, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000300008>.

LIEBENBERG, Linda; UNGAR, Michael. *Researching Resilience*. Toronto, CA: Univeversity of Toronto Press, 2009

UNGAR, Michael. The social construction of resilience among "problem" youth in out-of-home placement: A study of health-enhancing deviance. *Child and Youth Care Forum*, 30 (3), 137-154, 2001

_____. A constructionist discourse on resilience multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth & society*, v. 35, n. 3, p. 341-365, 2004.

_____. *Social ecologies and their contribution to resilience*. Springer New York, 2012.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. Em: TAVARES, José (Ed.), *Resiliência e educação* (pp. 13-42). São Paulo, SP: Cortez, 2001

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, v. 8, n. 1, p. 80-95, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>

ZIMMERMAN, Marc A.; ARUNKUMAR, Revathy. Resiliency Research: Implications for Schools and Policy. Social Policy Report Society for Research. *Child Development*. Vol. VIII, n. 4, 1994. Disponível em: <http://www.srcd.org/sites/default/files/documents/spr8-4.pdf>

APÊNDICES

APÊNDICE 1
ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Qual a situação mais difícil que você já passou na vida?
2. Como é que você se sentiu diante dessa dificuldade e o que você fez para lidar com ela? O que passou pela sua cabeça naquele momento?
3. Que estratégias te ajudaram a lidar com problemas como esse que você me contou?
4. Se isso acontecesse hoje com você (ou se for uma coisa recorrente no cotidiano), você acha que lidaria da mesma forma (faria igual, diferente...). Caso isso aconteça no futuro, como pretende lidar com isso?
5. Teve algum suporte/ apoio da família, rede social e institucional – você recorreu a alguém para te ajudar? Essas pessoas te ofereceram ajuda? Nessa situação você encontrou o suporte necessário? Você costuma encontrar suporte sempre que precisa?
6. Fale-me um pouco sobre você (autoconceito) – expectativas com relação a si mesmo: como se percebe e como acha que os outros o percebem, potencialidades, pontos fortes, fracos. Acha-se capaz de lidar com situações difíceis?
7. O que você considera que mais te ajuda (te protege) a enfrentar problemas no seu dia a dia, como o que você relatou?
8. De que forma você acha que isso tudo interfere na sua saúde mental?
9. O que você acha que precisaria ser feito para a melhoria da saúde dos jovens?
10. Tem mais alguma coisa que você gostaria de me contar? Como foi para você falar sobre essas coisas?

APÊNDICE 2
QUADRO CATEGORIAL

Legenda - Caracterização da amostra

Local da entrevista	Participante	Sexo** F/ M	Idade (anos)	Escola (Ensino Médio)
ONG	E1	M	18	EE1
	E2	M	17	EE2
	E3	F	18	EE3
	E4	F	16	EE3
	E5	F	17	EE3
	E6	M	17	EE2
	E7	M	19	EE4
Escola (EE2)*	E8	M	15	EE2
	E9	F	15	EE2
	E10	M	16	EE2
	E11	M	18	EE2
	E12	F	18	EE2
	E13	F	15	EE2
	E14	F	16	EE2

* EE: Escola Estadual; * *F: feminino/ M: masculino

TEMA: Situação adversa
<p>INFERÊNCIAS: As situações difíceis relatadas podem ser mais antigas, recentes ou até mesmo ainda estarem em curso: há dificuldades relativas ao incômodo com as críticas de outras pessoas, quando estas se relacionam à autoimagem do jovem; situações de violência envolvendo o próprio jovem ou alguém próximo: assassinato, racismo, tentativa de suicídio, assalto, negligência. Algumas situações envolvem a morte de pessoas próximas ou ameaça à integridade do próprio jovem ou de pessoas de seu convívio; ainda há o relato de sobrecarga de trabalho e estudo. As situações não podem ser analisadas isoladamente. Outros aspectos do contexto são fundamentais, além da interpretação da situação pelo jovem.</p>
<p>CATEGORIAS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Violência: “sobrevivi, sou um sobrevivente” 2. “Aprendi a dar mais valor às coisas mais simples” 3. Ameaça à autoimagem: “é difícil até hoje pra mim”
FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
<p>“(…) foi difícil (…) é difícil ainda, eu passar uma imagem minha, não é uma imagem de futilidade. É uma imagem minha de que eu mudei e de que, o que isso fez comigo! Eu falo na questão de ter me convertido! (…) Me converti a Jesus, entende? (…) Acho que esse é um dos maiores... dificuldade também. É eu viver o que eu falo! O que eu sou (…) não é tão radical (…) Mas as pessoas veem como radical. Digamos assim, é... eu tô lá fazendo... eu falo: não cara, eu vejo a vida dessa forma, tal tal tal. Aí eu (…) às vezes eu faço... na inocência de tá conversando com alguém, brincando, aí talvez a pessoa... olhe com maus olhos. Ah, o A. cê num falou que cê fazia isso... ou seja, eu ainda sou o mesmo! Mas é aos olhos da pessoa (…) Às vezes nos meus erros, eles veem superficialmente e já me julgam assim, entende? Mas não me conhecem. Ou seja, eles veem esse A., é aquele ali. Ele é isso, isso e isso, mas não me conhecem! (…) Esse é o maior problema, esse é o maior problema. É que eu sou de uma forma... eu sempre, eu não mudo! Digamos assim. Mas eu também erro, e quando eu erro, a pessoa vê uma coisa que não é verdade. Mas vê, digamos assim, só o meu lado ruim! Que não é... é uma coisa pequena. Todos nós fazemos. Se a pessoa for lá conhecer, o A, é isso, isso e isso, é completamente diferente, entendeu? (E6)</p> <p>“A situação mais difícil que eu já passei na vida? Bom, pelo enorme fato de eu ser um tanto quanto tímido, é conseguir chegar perto de uma garota e falar: gosto de ti, e tudo mais. (…) A situação mais difícil é quando eu fico com o coração na mão mesmo, assim, tipo, e agora, o quê que vai dar? Se eu vou sair ileso, não sei. Aí é, bem difícil isso pra mim. (…) a mais difícil foi na minha quinta série, quando, no meio da sala eu fiz um discurso, que eu tava saindo do colégio quando eu vim pra cá, é que... eu tava saindo, eu tava me mudando. Ia vir pra cá pra Minas Gerais (…) e quando eu terminei meu discurso eu saí, só que quando eu saí, eu pedi pra falar com uma menina específica. Aí eu falei que eu gostava dela, e tudo mais! Só que assim, foi muito, muito difícil, que eu já tava nos prantos! Aí, a única coisa que</p>

ela fez foi me dar um beijo no rosto e falou boa sorte pra mim! (...) Aí eu saí de lá, vim pra cá e tô estudando. (...) a parte mais difícil foi tentar imaginar o quê que viria depois! E qual que seria a reação dela e depois ainda, a minha reação” (E10)

“A situação mais difícil que eu já passei na minha vida? Nossa, foi eu ter repetido de série! (...) Foi há 3 anos atrás. Eu escondi isso dos meus pais, muito tempo, e pra mim contar pra eles foi muito difícil! (...) Escondi isso, bem dizer, um ano! (...) contar pra eles foi muito difícil, sabe? (...) Eu tava no primeiro ano. (...) Foi a situação mais difícil que já aconteceu comigo! Foi falar isso pra eles! (...) E conviver com isso também! (...) Primeiro que foi uma mentira muito grande que eu contei pra eles. Eu não contei mentira, não disse nada, simplesmente não disse nada.(...) Porque eles nunca precisaram vir à escola por causa de nada! O meu currículo é limpo! Não tem nada, nunca fiz nada de errado na escola! (E11)

“Que eu quase morri (...) é,baleado! (...) Eu tava indo comprar refrigerante, e eu morava lá num bairro muito perigoso, né? Aí eu tava indo, pra chegar no bar tinha que passar por um beco (...) E tava uns colegas meus que participavam do movimento de drogas, mas... eu sempre conversei com todo mundo. Aí eu passei, cumprimentei todo mundo e pá... aí eu... os meninos me falaram pra eu ficar lá pra continuar conversando, eu falei que não dava, que tinha que comprar um refrigerante que eu ia jantar. Aí eu continuei seguindo reto. Na hora que eu virei a esquina eu ouvi o barulho das motos e dispararam 25 tiros ...pá... pá...pá...(...) Mataram 3 colegas meus e balearam outro. (...) tem um tempo já... questão de 2 anos... tava com 16 na época! (E1)

“Difícil? Difícil não? Só quando, eu morava em (...), minha família foi assaltada. Só isso aí. Aí nós tivemos que mudar de lá. Que os ladrão tipo errou de casa. Eles errou de casa, assaltou foi minha casa. Aí, chegou lá, eles só parou de assaltar quando eles viu o namorado da minha mãe (...) aí eles pararam de assaltar e foram embora. Só esse... negócio que marcou, só. Aí depois disso eu não voltei em (...) mais não (...). Eu tinha uns 6 anos. (...) Tava, de noite. Os meus tio tinha acabado de sair pra ir embora, ai eles foram lá e entraram. Aí todo mundo começou a esconder, mas só que eles foram lá, arrombaram a porta e entraram dentro. (...) eles estavam atrás de alguém! (...) Matar alguém! (...) tava procurando algum cara. Aí confundiu e entrou lá! Mas depois eles foi embora. Aí a polícia foi lá e achou eles. (...) minha mãe me colocou debaixo da cama. (...) o ladrão deu uma coronhada na cabeça da minha tia e enfiou um parafuso no braço do meu tio. (...) Aí eles foram embora a polícia foi lá e pegou eles. Depois disso nós não voltou lá mais não!” (E8)

“Foi quando minha tia foi assassinada.(...) Dia trinta e um agora acho que faz dois anos, três anos, que ela foi assassinada em casa, pelo filho dela (...) meu primo. Foi dentro de casa, botou fogo nela, e na casa...(...) No quarto, só no quarto, e trancou ela dentro do quarto, quebrou as duas pernas dela... (...) Foi muito difícil de viver, porque não deu em nada, né! Todo mundo sabia que foi ele que... tinha provas, e até hoje, não deu em nada! (E14)

“(...) Quando o meu irmão tava com depressão. (...) Porque... quando o meu

irmão ficou, ele ficou com depressão... aí foi, tipo, ele, a gente chegou... um amigo encontrou ele com... uma laminazinha (choro)... aí tipo, eu não sabia como lidar (voz embargada, chora). (...) na época ele meio que se afastou um pouco... ele não conversava muito com a gente, e parou de conversar comigo (choro)” (E4)

“(....) eu acho que foi um racismo (...) Mas eu não entendi porque não. Porque, tipo, eu entrei numa loja né! Aí, sabe quando você é menino sabe, você brinca assim... Aí no caso de menino, eles não ligam muito pro que cê tá ...e tudo mais. E... eu tinha acabado de sair do campo, fui na padaria assim véi... de boa assim... dinheiro meu! Sabe?... aí eu fui caçar assim... aí o moço tá assim... é... tipo assim, até esqueci como que é. Falou desse jeito! O quê que cê tá olhando aí menino? Tipo assim, sabe... tipo com... medo de... de roubar sabe? (E2)

“Acho que foi uma vez que eu fui tomar uma vacina, aqui em Lagoa Santa mesmo. E eu fiquei um tempão na fila, pra tomar a vacina, que eu fui mordida por um cachorro, fui tomar vacina contra a raiva (....) Só que morreu um cara no banheiro e passaram com o cara morto na minha frente, eu fiquei meio assim, sabe? (...) Foi o ano passado. (...) o cara já tava no banheiro há muito tempo e não se tocaram. Ele chegou, tava na fila pra ser atendido. Não sei, trocou o turno, foi bem na hora que, acharam o cara bem na hora que não tinha médico no hospital. O cara passou e estavam tentando reanimar o cara, mas não conseguiram, porque ele já tava morto já tinha muito tempo! Aí depois, a hora que eu sai, foi rápido né, o cara passou, entrei já pra tomar a vacina, e eu voltei, no que eu voltei, a família do cara já tava lá na porta. Todo mundo preocupado, xingando o hospital, um monte de coisa”. (E12)

“(....) Olha, na minha vida em geral, assim, o que eu posso falar, foi quando eu perdi o meu irmão. (...) foi uma parte mais difícil pra mim, porque, em simples palavras, eu não tinha muito com quem conversar. (...) Porque eu não tinha nada na cidade que me animasse”. (E7)

“ A morte da minha avó (...) tem uns 3 anos”. (E4)

“A morte do meu avô há pouco tempo.(...) Eu sempre morei com ele a vida toda, ele me criou, era meu pai. E há pouco tempo eu mudei, (...) e ele ficou muito, muito triste com isso! Ele ficou com saudade, mesmo eu indo lá todo dia, depois da escola, ainda tava sentindo muita falta porque eu era tudo pra ele! (...) Eu morava no centro, com meu avô e minha mãe. E minha avó, que é casada com meu avô. E aí eu mudei, ele ficou triste e acabou que, como ele é idoso, ele fez setenta e nove anos, ele passou mal de pressão alta e teve um AVC. Aí ele ficou 3 meses no hospital e acabou falecendo”. (E13)

“Eu acho que tá sendo agora! Que eu tô estudando de manhã, trabalhando a tarde e fazendo curso a noite.(...) Chego muuuito cansada. E dia de sábado, fazendo curso também! (...) e faço crisma a tarde. Só tenho a noite do sábado e domingo, pra mim descansar. Acho que tá sendo agora o momento mais difícil! (...) o serviço (...) é bem longe da escola. Aí, como a aula termina meio dia e meio, eu tenho que sair pra lá pra pegar serviço uma e meia, pra sair cinco e meia e seis horas estar dentro do curso (...) Aí vai pesando, vai carregando. (...) Aí eu acho

que tá sendo isso. O tempo pequeno pras coisas.” (E9)

TEMA: Interpretação da situação adversa

INFERÊNCIAS: Com relação ao incômodo com as críticas, que denotam uma vulnerabilidade, há a tentativa de preservação da própria autoimagem por meio de justificativas; não demonstrar um suposto “fracasso”; torcida para que tudo dê certo e tentativas de relativizar o problema que vão desde o polo da culpabilização até a vitimização; análise dos prós e contras (pontos positivos e negativos da situação). Com relação à violência há relatos que indicam uma certa banalização da violência, outros que apontam para uma resignificação da vida a partir do acontecimento adverso e possibilidades de seguir em frente. As interpretações associam-se às estratégias utilizadas pelos jovens.

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

“(…) o problema, eu me sinto incomodado sabe porque? Por causa que um erro meu cobre tudo, toda a dificuldade que eu tive, pra conquistar algo, e um erro desmancha tudo! E por isso que eu não posso errar, entendeu? Não! Aos olhos deles! (...) alguém que tá até do meu lado, que fala que é como eu e me julga do mesmo jeito. Então... é por isso que tem que ter essa (...) excelência mesmo, entende? Todo mundo tá te observando. Cê pensa que não, mas todo mundo tá te observando. (...) todo mundo erra. (...) Agora, o saber... o saber, é... você saber isso e falar... invés de você julgar, falar assim: não, pô a pessoa fez isso de errado! É melhor você falar assim: poderia ser você! Porque ela... a pessoa erra igual a você! (...) Me incomoda a ignorância!” (E6)

“(…) É que veja não que eu sou melhor... não, não é eu! Não é o A. É que vejam o que Deus fez comigo, entendeu? Esse é o negócio! (...) Eu sou um exemplo, mas quem é a razão, é ele! Entende? E vamos supor, se ele falar assim... você me serve, você é meu... eu tenho que ser diferente, entendeu? É como... um exemplo assim, é... não, esse é o meu objetivo, é pra isso, entendeu?” (E6)

“(…) E a família também nunca teve caso assim que, uma tia minha que formou até hoje, que eu sei assim. Nem minha mãe e meu pai, minha mãe chegou só até a oitava série! Meu pai foi só até a quarta! Isso nunca tinha acontecido na família não, chegar tão longe assim, a não ser a minha tia. (...) eu não queria fracassar! Não queria mostrar pra eles que eu fracassei!: E isso foi muito difícil, mostrar isso foi muito difícil! É difícil até hoje pra mim, sinceramente! É a única dificuldade que eu tenho, sinceramente, é a única dificuldade que eu tenho com eles é isso, mostrar o meu fracasso! (...) Eu não considero isso uma situação normal, isso não é uma situação normal! Esse negócio de fracassar pra mim, eu não consigo colocar isso na minha cabeça! (...) Nossa, eu pensava como que isso aconteceu, como que isso aconteceu comigo! Tipo assim, acontecia com todo mundo e pra mim é comum acontecer com todo mundo, mas quando acontece com a gente não é normal, né?” (...) eu não queria colocar culpa na greve, porque eu não gosto de colocar a culpa em ninguém por erro meu. E eu coloquei como, realmente foi muito difícil, eu considerei um fracasso muito grande! Não como erro dos outros! Mais como um erro meu! (...) Um fracasso pessoal (...) Coloquei tudo nas minhas costas, sem envolver ninguém, é lógico! Como sempre, não envolvo ninguém! (E11)

“(...) Ah, eu pensei que ela ia me jogar longe, porque, lá é um pouquinho diferente! (...) A gente tem mais tradição, digamos assim, ao chegar em uma menina! A gente tem um pouco mais de, suposto romantismo, e a gente torce pra tudo sempre dar certo!”(E10)

“(...) Eu sinto que eu não tenho espaço pra nada! Então, eu fico cansada, mas eu preciso da minha família, da atenção, e tudo mais, porque antes eu ficava só dentro de casa, arrumando, varrendo. Aí chega em casa, minha mãe: cê não fez nada? Aí cê passa roupa, lava casa, lava vasilha, arruma tudo, faz comida, cê não fez nada! Aí eu falei, quer saber, agora então eu vou começar a fazer um tanto de curso! Igual esses dias, que minha mãe é meio chata, aí eu falei com ela que eu comecei a fazer o curso, de dez horas, ai ela falou assim: mas cê tá chegando agora! Eu falei: é mãe! Aí ela começou a falar: a que, sei lá o quê, que tem que arrumar a casa, que a casa tá bagunçada, que você tá fazendo curso. É, agora eu vou arrumar um de dez a meia noite que eu chego cê tá dormindo já! (E9)

“(...) E eu acho que eu poderia ser o cara mó frustrado, e tal. Poderia ser mó triste... por causa que... dos motivos, mas só que eu tento passar a imagem, mesmo eles às vezes não vendo, esses negócio (...)” (E6)

“(...) tem gente que sofre coisas piores aí! Tem gente que liga muito pra isso, mas eu não ligo não! No começo... isso aconteceu comigo... mas se acontecesse comigo hoje... (risos) não sei como eu iria reagir não! (...) eu acho que eu tenho uma vida muito boa, sabe? Eu acho que eu tenho uma vida muito boa mesmo! E por que que eu vou parar e deixar de ter uma vida muito boa pra pensar nisso como uma situação ruim? Não quero trazer mal pra minha vida não!” (E2)

“(...) Se eu tivesse ficado questão de alguns segundos eu teria morrido, provavelmente (...) E aí sempre eu comecei até a dar mais valor pras coisas, pra vida e tudo mais”. (E1)

(...) É num pensar no que aconteceu! Esquecer! (...) Saber que passou. Aconteceu! Não tem como voltar! (...) eu penso nele como uma coisa que aconteceu... e que não tem volta né. E que... eu tô feliz por ter sobrevivido. Mesmo que eu tenha perdido amigo com isso mas. do mesmo jeito. (E1)

(...) Eu sou uma pessoa que, depois que eu perdi o meu irmão, eu comecei a viver mais. Eu falei, eu vi o reflexo na vida dele e parei pra pensar: poxa, meu dia pode ser amanhã. Então assim, não que eu sou como muitos falam, vida louca, sair. Mas só que agora eu aprendi a dar mais valor às coisas mais simples. (E7)

“(...) vontade de sumir, largar tudo, descansar e depois voltar, devagarzinho... (...) A gente fala da boca pra fora. Mas na hora que vai pensar, porquê sumir. Porque que eu vou sumir? Eu tenho tudo! Aí fico pensando... (E9)

“(...) foi mais pra eu me qualificar, porque eu ficava a toa. Antes eu lavava uma vasilhinha, sentava na frente da televisão, ficava até cinco horas assim. Na hora que minha mãe tava chegando pegava o caderno e ia fazer dever. Aí minha mente

já tava toda retardada, não lembrava nada mais da matéria nem nada.” (E9)

“(…) Mas, tô tentando até hoje, se Deus quiser eu consigo! (…) eu acho que existem muitas coisas negativas mas também as positivas. E eu deixo, eu não deixo elas me influenciarem, mas assim, eu deixo a minha percepção sobre essas, positivas e negativas, de assim, julgar o caminho certo!”(E10)

“(…) Uma frase que minha mãe disse que era, que eu acho que eu acredito muito, que foi, quando as pessoas falecem, a alma dela continua com a pessoa que ela mais amava, por um tempo. E eu vi isso, tipo, meu vô ainda tá comigo, não vou ficar sofrendo e chorando tanto, que agora eu vou fazer as coisas pra dar orgulho pra ele! (…) Pra ele me ver e falar: olha, tá tudo bem com ela! (E13)

“(…) Porque a gente não pode dar muita bobeira nesse mundo de hoje. A vida não vale nada! (…) eu já passei por muitos problemas assim, desde novo já tô acostumado com isso! (…) Isso acontece toda vez... todo dia tem jovem morrendo por causa de besteira. (…) Nada tem valor não... as pessoas (…) se matando por causa de besteira.(…) Por exemplo... droga né! A droga né! Dinheiro, capitalismo! É isso que manda no mundo hoje! Dinheiro! (…) a vida não tem muita importância. Por exemplo, um cara brigou um com o outro aqui. Aí... hoje ficou por isso mesmo e na hora pensa que... ah... queimou meu filme, acabou com a minha moral, vou ter que dar o troco! Hoje em dia o troco é morte, ninguém briga mais hoje em dia. Tiro! Qualquer um consegue uma arma! (…) Agora as coisas se resumem em vida e morte. (…) Se colocar a minha vida em risco ou de quem eu gosto aí a história muda. (…) porque pagar pra ver e deixar as coisas acontecerem não pode! (E1)

“(…) Todo mundo tá acostumado com esse tipo de coisa no lugar de onde eu vim (…) é normal. (…) E pra tratar um assunto simples desse, que eu tô acostumado a ver todo dia, todo dia passa no Jornal Nacional. (…) Acabou que com o tempo eu fui calejando, fui ficando desse jeito”. (E1)

“(…) Era pra. eu não culpo os caras que atirou nos meus amigos! (…) Com certeza eles receberam isso de outras pessoas.,do mesmo jeito que meus amigos poderia ter atirado neles! (…) Como eu já vi isso também!” (E1)

“(…) Eu pensei que ia morrer né!” (E8)

“(…) Eu não tenho crença. Então, assim, pra mim foi carga maior. Porque normalmente as pessoas se apegam a Deus, então conseguem aquilo ali. (…) Minha mãe sofrendo também, obviamente... e minha família vem de uma família muito fechada! Então a gente não é muito de ficar comentando as coisas (…) então assim, foi um momento em que eu precisava conversar com alguém, não tinha com quem conversar! E quando eu olhava à minha volta não tinha nada que me fizesse descansar a cabeça, né. Eu, por exemplo, aqui na cidade a gente tem muita coisa, por exemplo, quando cê vai falar de festa, show, essas coisas, artista, funk, sertanejo universitário, coisas que não me animam. Então pra mim esse foi o período mais difícil.” (E7)

“(…) Isso foi simplesmente a pior coisa que aconteceu comigo, e eu fico, meio,

até... sem chão, de falar que isso foi a pior sensação que eu já tive!” (...) Perdi meu pai! (...) Não tenho mais a proteção que eu tinha.(...) eu falei com minha avó: olha vó, eu não quero mudar não, porque se eu mudar eu sei que meu vô vai ficar muito triste! E ela hoje em dia tem uma culpa muito grande comigo, porque eu falei assim pra ela: vó, se eu mudar o meu avô vai morrer! (...) E ela falou: não, eles vão se adaptar, e não sei o quê, vai ser melhor. E hoje em dia ela tem uma culpa do tamanho do universo comigo! (...) ele deixava isso muito claro: olha L, eu tô vivo por você! Ele falava isso. Porque seria muita coincidência dois meses depois que eu saí de casa ele ter um AVC. E os médicos me disseram que isso também tem muito a ver com o psicológico dele! Que ele já era muito idoso, setenta e nove anos. Nem tão idoso assim, mas já tava”. (E13)

“(...) Nossa, eu nem sei. Eu fiquei meio chocada, assim! Eu não imaginava o estado que tava a saúde aqui em Lagoa Santa! Pra mim tava tudo bem! Faz propaganda, que o prefeito agora é médico! Falei assim: ah, deve tá tudo bem, vou lá tranquila, tomar a vacina e vai acontece isso. Eu nunca mais fui! (...) eu falei assim: quê isso! Nunca tinha acontecido antes! (...) o cara entrou, tava esperando, começou a passar mal na fila de espera pra ser atendido, foi pro banheiro e ninguém achou o cara! Ninguém procurou saber: ah, tinha uma senhor aqui esperando pra ser atendido... simplesmente” (E12)

“(...) A gente fica meio que, com um ódio assim dentro da gente, da pessoa né, que, eu fiquei muito, parece que ele até fugia da minha família, que nem, a gente nem via ele mais!” (E14)

“(...) Eu pensei que..ele ia se matar (voz embargada, chora), medo... de que acontecesse alguma coisa com ele”. (E4)

“(...) Porque..eu era menor né, tinha 11 anos, na época! Aí... eu fiquei meio assustado assim, porque tipo assim o quê que cê tá pegando aí menino? Uai? É diferente né? Acho meio assim... é... se fosse outra pessoa eu não sei se ele reagiria dessa forma, sabe? Porque eu entrei... a loja deve ter um balcão de frente e depois quando eu saí de perto do balcão não dava pra ele me ver! Aí eu acho que ele não deve ter me visto entrando, sabe? Porque... o quê que cê tá mexendo, dentro de uma loja? Cê tem que pegar os trem pra passar lá! Quê que cê tá mexendo aí? Uai... não entendo essas coisa assim não! (...) Eu fiquei meio.... não... eu era pequeno eu nem sabia o que era racismo! Mas eu fiquei meio assustado! Mas hoje, eu acho que isso foi chato. Foi chato, muito chato! Tipo... nada contra a pessoa, nada contra (...) mas tirando essa situação, nunca teve nada pior não... mas foi chato! (...) quando eu descobri né! (...) Deve ter uns dois anos.... acho que eu descobri isso assim, descobri pela tv, né! Quando surgiu esse negócio de bullying, sabe, eu não sabia nem... tipo assim, diferenciar o quê que era racismo e o quê que era bullying, na época, mas eu descobri mais pelo programa do A., sabe pela cor... por causa desses trem assim. (...) a gente fala muito sobre preconceito, esses negócio! (...) Então, eu achei que... eu não sabia quê que era isso! Eu achei que ele era nervoso! Pensei assim... nó o dono da loja é nervoso né! Só isso! (...) Porque pra mim véi, o Barack Obama é o cara mais poderoso do Planeta Terra! E o cara é negro véi! Cê tá é doido véi! Pra mim aquela mulher... a Oprah véi, ela é a

melhor apresentadora do planeta também! E ela é negra! (...) quê isso véi! Não pode ter isso véi! Porque... tá todo mundo junto véi!” (E2)

TEMA: Estratégias de Enfrentamento

INFERÊNCIAS: Variedade de estratégias: busca de conforto espiritual; busca de espaços de acolhida, desabafar com alguém da confiança; tentativa de se distrair para alívio das emoções aflitivas (música, leitura, esportes, lazer); estratégias de controle cognitivo e emocional (tentar manter a calma, pensar antes de tomar uma decisão, analisar as possibilidades), estabelecer/ planejar as ações para atingir os objetivos; busca de modelos para resolver o problema; aconselhamento; recorrer ao humor (descontrair); buscar resolver os conflitos por meio do diálogo. As estratégias utilizadas no dia a dia são também acessadas nos momentos de crise, diante das adversidades.

CATEGORIAS:

1. “Pensar antes de fazer”
2. “São os exemplos que as pessoas me dão”
3. “Procuro acalmar e pensar na situação”
4. “Quando eu tô no campo eu esqueço de tudo”

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

“(...) Estratégia que eu uso? Cara, estratégia que eu uso... são várias! Eu tenho... um consolador. Que é Deus! E uma das coisas que eu mais faço é conversar com ele! E... digamos assim, que ele... ah! Melhor! Ele enviou uma coisa pra me ajudar! Que é a bíblia. E lá a gente encontra tudo... toda a estratégia que a gente tem que... que a gente deve fazer e não deve. Mas na verdade, tipo assim... não é ah, eu não devo, eu não posso fazer! Não! Eu não quero! Eu posso fazer tudo! Mas... nem tudo me convém. Eu escolho... e a minha estratégia... é tipo assim, é mudar o meu... é mudar a minha vontade! Que às vezes eu quero fazer alguma coisa... mas, não é errado, mas o pessoal... não vão ter uma... é porque eu vou parecer como eles! Não que eles estejam errados! Não que eles estejam errados, mas se eu falei que eu tenho isso de diferente... não melhor! Mas tenho isso de diferente, eu tenho que mostrar isso! E se eu não mostrar isso, não vai... eles vão ter uma visão...(...) eu lembro que o único que pode me julgar é Deus! Entendeu? Porque da mesma forma... uma pessoa que erra igual a mim... não é melhor e nem pior do que eu. E talvez ela me julgue e eu não aceito... eu aceito o julgamento e tento melhorar. Mas não é a última palavra (...) eu vou à igreja pra buscar um maior... maior fluxo de Deus, entendeu? Um lugar onde pessoas vão poder me dar opiniões... Pessoas que são como... que tem a mesma visão... a minha mesma visão.” (E6)

“(...) não liguei sabe? Eu nunca fui desses menino de (...) mas eu fui lá e fiz o que eu tinha que fazer e fui embora! (...) Fiquei chateado! Mesmo sabe... eu nem sabia o que era racismo! Mas do jeito que foi... eu fiquei assustado do jeito que foi!(...) Acho que eu tava num dia bom! Porque... talvez porque eu era pequeno né, eu não ia ficar nervoso porque eu não sabia o quê que era. Eu fui... e continuei sabe? Foi espontâneo! Continuei a fazer o que eu fui pra fazer! Fui comprar um biscoito fui e comprei um biscoito véi!” (E2)

“(...) Nunca falo, pô véi... tipo triste... pô véi fiquei triste de eu ter sofrido racismo... nossa!... Não. Já falei sim (...) contei o caso! Nunca conversei sobre isso, só contei o caso! (...) Nó, foi paia heim! É, foi! Pronto! Não fiquei rendendo assunto, não fiquei triste... não!” (E2)

“(...) Ah... eu tipo... como eu posso falar...? Eu não sei se eu posso dizer... sangue frio, tipo... não perder a cabeça... assim... sabe? Pensar antes de fazer! Nessa situação no caso eu pensei antes de fazer! Que eu era pequeno! (...) Mas... nos problemas do dia a dia... procurar... no caso de emprego: se eu quero emprego numa área, eu vou tentar me capacitar nela pra conseguir” (E2)

“(...) Não sei... (...) eu acho que assim... conversar com alguém... na escola. (...) Foi... amigo. Conversando. (...) Eu acho que é conversar”.(E4)

“(...) Costumo erguer a cabeça e seguir em frente ué... sobrevivi ué... sou um sobrevivente.(...)Ter foco nessas coisas... foco em coisas boas... família, amigos... se divertir e esquecer desse tipo de coisa, porque ficar guardando isso... num alimenta nada.” (E1)

“Ah... eu sou ateu! (...) Eu não acho que um Deus pode me ajudar. Eu acho mais que eu mesmo posso me ajudar. A ver o que aconteceu, procurar a melhor saída e aplicar ela (...)Eu preciso definir o que tá acontecendo, vejo quais são as coisas que eu posso fazer pra resolver isso, da melhor forma, da melhor forma pra mim, e faço. (...) É natural... eu não criei isso! Eu já vim com isso! (...) Eu sempre achei que eu era meio estranho (...) eu já via as coisas de outro jeito. Minha opinião normalmente é diferente dos outros! (...) É... eu sempre não gosto de tal coisa...” (E1)

“(...) eu acho que eu posso falar que o que me salvou foi porque eu gosto de ler. Então eu perdi... eu gastava aquela tristeza, aquele tempo, lendo. (...) minha estratégia foi a leitura, né. Eu gosto muito de casos... de livro de ficção policial, de livros que retratam... tudo aquilo que... como eu posso dizer, não vou falar suspense, mas ação, (...) aquele que me puxa... pôxa, o quê que aconteceu? Então a minha estratégia foi essa! (...) Se eu for falar a verdade, a pessoa que eu busquei não está entre nós! Né, que foi as músicas do Raul! (...) Porque é um artista que pra mim, ele falou muito sobre a vida, apesar da vida dele ter sido uma vida difícil! Louca, digamos assim! Mas as músicas dele são músicas que me faziam refletir, né! Uma música que me ajudou muito foi aquela "Ouro de tolo", que falava: eu não vou ficar sentando esperando a morte chegar! Eu tenho que mudar, tenho que levantar, fazer alguma coisa! Então me baseei na leitura e na música. (...) Eu acho que é a minha tranquilidade. Porque eu paro, penso, se é uma coisa que eu preciso de um resultado mais rápido, aí a gente tem que partir pra aquele velho jeitinho brasileiro, de criatividade, né (...) Mas eu acho que realmente é a minha tranquilidade, de parar e pensar o que eu posso fazer nesse assunto. (...) Muitas vezes, você me passa um problema em cima da hora e eu não tenho... eu posso estar tranquilo o tanto que for, mas eu não vou ter o tempo pra pensar, pra fazer alguma coisa. Então eu acho que os meus problemas são resolvidos com a tranquilidade pra pensar. (...) “Eu sou uma pessoa assim, que muitos chamam de

pessimista, mas eu falo que eu sou realista em muitos pontos, né. Eu até, muitas vezes, eu sei que eu já fui pessimista, mas acho que uma visão realista me dá um pouco mais de... como posso falar assim, me permite planejar melhor as minhas ações. Porque eu consigo ver o que realmente vai acontecer, o realmente pode acontecer e me preparar pra aquilo.” (E7)

“(...) (risos) Eu só fechei o olho, só, é esperei acabar só! (...) eu só abracei a minha mãe só. E fechei os olhos! (...) Só isso! (...) senti mais seguro... quando abraça a mãe, né? (...) Bem mais seguro!” (E8)

“(...) quando eu tô no campo eu esqueço de tudo! (...) Todo dia eu jogo no campo que tem lá perto de casa!” (E8)

“(...) Quando eu tô muito nervoso mesmo eu deito na cama e coloco o fone de ouvido e começo a ouvir música. Ouvir música acalma um pouco. (...)Triste assim, da minha vida, eu nunca fiquei não, porque quando eu começo a ficar triste eu começo a rir, eu coloco o fonezinho no ouvido e começo a ouvir música, fecho o olho e fico pensando no que aconteceu. (...) Ouvir música e acalmar um pouquinho (...) Quando eu tô me sentindo incomodado, como eu falei, é a música mesmo! A música e o futebol. Eu jogo muito bola ouvindo música! É bem mais divertido! (...) É importante pra mim. Eu gosto muito de jogar bola, ficar correndo. (...) Jogar bola pra mim é uma coisa muito importante na minha vida!” (E8)

“(...) Quando eu tenho um tempo, eu pego e leio um livro. Na hora que eu vejo que tá chato eu já largo ele pra lá. Dormir eu não gosto de dormir de dia. O que eu mais gosto é ver filme. (...) em casa” (E9)

“(...) a gente chorava por dentro, mas como que chora na frente dela? Não tinha como! A gente ficava rindo! Aí quando a gente saía que a gente começava a desabafar. (...) la conversando, elas me apoiavam (...) Meu coração ficava apertado assim, eu queria botar pra fora, mas ninguém te perguntava, quê que era. Aí só elas mesmo”.(E9)

“(...) Aí aos poucos eu fui me acostumando também, é normal as piadinhas, tudo mais. A gente vai levando na brincadeira, na esportiva. (...) Eu senti nervosismo, que é normal de todo mundo, mas eu senti, sei lá, uma espécie de, como é que eu vou dizer, uma espécie de calma. (...) Porque, a pessoa, na minha opinião, a pessoa tem que falar do fundo do coração dela, que tem que ser a pessoa mais sincera nisso. E eu tava sendo. E essa sinceridade tava controlando o meu nervosismo, pra não chegar de cara, aos prantos: eu gosto de você, meu Deus, e, não, cheguei assim na calma, tipo: quer ficar comigo? Tipo, na calma! Tipo assim, na gentileza! (...) Uma outra coisa que eu gosto de usar bastante é escutar uma música que eu goste ou uma música, digamos assim, relacionada ao tema. (...) Ah, se eu estiver com raiva, eu, bom, eu tenho duas maneiras de lidar com a raiva: se eu tiver na casa de um amigo, (...) e tiver realmente muito estressado, a gente começa a treinar (judô). Se eu tiver em casa, eu procuro, ou escutar música, no meu quarto, ou, de certa forma eu procuro meditar. Fico encolhido, num canto, pensando no dia, como é que foi, quê que teve de ruim, quê que teve de bom”.

(E10)

“(…) Aí é aquela hora de a pessoa contar até 10, e não para mais de contar, vai até o 100, até acalmar! (...) no caso, eu desabafei com minha mãe, porque ela até me ensinou um pouco, as situações podem acontecer. E depois, quando eu cheguei em casa eu dormi escutando música, e acordei super bem hoje. E tô aqui”. (E10)

“(…) Ah, eu procuro me acalmar e pensar sobre a situação! Ah, o professor pediu, sei lá, digamos que seja dez horas da noite, e eu esqueci de fazer uma atividade que são, sei lá, 60 questões, vamos supor. E essa questão vale, sei lá, os pontos do bimestre inteiro, vamos supor (risos) Aí, eu ia tá numa pressão gigante! Porque teria que fazer, vai valer ponto. Aí eu procuraria me acalmar e fazer. Nem que eu tenha que passar a noite fazendo!” (E10)

“(…) Uma coisa que me ajuda é o conselho que nossos pais dão. Uma coisa que ajuda muito, porque eles tem mais experiência de vida que nós jovens, então eles sempre vão ajudar! E uma coisa que ajuda, com qualquer coisa, pessoalmente, é lembrar que eu vou tá vendo todo dia a menina que eu gosto. (...) Eu sempre me acalmo quando eu penso nisso!” (E10)

“(…) eu fiquei muito tempo, eu não sabia como eu ia contar! Por isso que demorou tanto tempo! (...) Aí eu fui omitindo, omitindo, omitindo, eu não sabia como eu ia contar! (...) eu contava pra uma amiga minha, e ela também tinha alguns, certos problemas, eu contava pra ela e aí só ela só também, mais ninguém! (...) isso aí já me aliviou bastante”. (E11)

“(…) Se eu tô com algum problema, o problema é meu. Não conto pra ninguém, eu resolvo, faço o possível pra mim resolver sem pedir a ajuda de ninguém! (...) Quando eu tô com algum problema, normalmente eu jogo, fico, jogo muito videogame, computador, eu fico muito assim, eu jogo videogame, eu me desestresso com aquilo! (...) Busco outras coisas pra me distrair (...) nunca fugindo, mas fico me distraindo! (...) Prefiro não me abrir, não divido com eles não! (...) Por exemplo, até uma amiga me perguntou hoje: nó cê tá sempre alegre? Eu preciso ficar sempre alegre! Eu num sou daquela pessoa de ficar triste, não consigo ficar muito triste com as coisas! Nem nervoso!” (E11)

“(…) Não tenho o hábito de buscar suporte não! Com ninguém! (...) Eu prefiro deixar pra mim mesmo, porque eu consigo pensar numa maneira mais fácil, sem pedir a opinião de ninguém! Não que eu não queira a opinião de ninguém, eu acho, adoro conselho, conselho é muito produtivo pra mim, mas tem hora que eu preciso, preciso eu mesmo tentar resolver sozinho, pra depois pedir alguma coisa, pra depois pedir algum conselho! (...). Eu simplesmente paro e penso! Aquele modo que você para, sem fazer nada e só fica pensando só. E sempre funciona! Nunca deixou de funcionar não! (...) estratégia mesmo, eu não tenho estratégia nenhuma mesmo, eu tento buscar mais é, eu assisto muitos desenhos e eu tento

buscar nesses desenhos, esses desenhos me ajudam muito! Eu tento buscar meio que neles. Como eu assisto muito desenho, muito mesmo, e jogo muito videogame, eu tento buscar por exemplos deles, tento ver o exemplo deles! Eu não peço conselho de ninguém, mas eu vejo o exemplo que aconteceu com a pessoa e uso, utilizo a meu favor! É, utilizo ao meu favor, sempre. (...) Me coloco no lugar e vejo uma solução, rápida e simples! (...) utilizo de modelos. (...) eu sempre guardo pra mim mesmo! Eu prefiro não colocar isso na cabeça das pessoas! (...) Que mais me ajuda? São os exemplos que as pessoas me dão! Amigo meu, parente meu mesmo chega: nó fui fazer isso, não deu certo e tal. E eu fico guardando aquilo, eu não esqueço disso! Que eu sou muito esquecido, mas tento sempre lembrar daquilo! (...) Aprendo, com os erros dos outros! (...) Que eu não gosto de fazer nada de errado, não gosto de... sempre vejo o que eu vou fazer antes, penso o que eu vou fazer, eu viso muito, é até demorado algumas coisas que eu faço”. (E11)

“(...) Eu não fiz nada. Continuei sentada, fiquei olhando, assim, assustada. (...) Nada, nem sei qual que foi a minha reação. Eu lembro que eu fiquei quieta. Não tinha o que fazer na hora. E fiquei na minha! Não fiz nada! (...) depois eu comentei com minha mãe, contei só, o que tinha acontecido! Ela também ficou assustada e, foi só isso! (...) Procuo sempre pensar antes de agir, pra não fazer alguma coisa muito errada, assim. Eu tento ter tipo, uma vida de oração, pra não me deixar afetar muito por essas coisas que acontecem, e ir levando”. (E12)

“(...) eu acho que tudo é na base do diálogo, que eu acho que tudo se resolve na conversa! Então as vezes as pessoas me chamam de trouxa, porque eu corro muito atrás das pessoas. Mas não é isso, é a vontade de resolver mesmo! Aí cê pega: oh, não tô feliz assim, o quê que tá acontecendo? Quê que a gente pode fazer pra melhorar? (...) Eu não acho que isso seja, entre aspas “trouxice”(...) eu acho que eu tenho uma mente mais evoluída pra esse trem de resolver problema, porque eu consigo lidar com isso!” (E13)

“(...) Eu vejo ele, nossa, me dá uma raiva! Nó, eu sinto um trem ruim! Nem, finjo que nem conheço! É melhor! (...) Eu fico calada, fico quieta. Se eu ficar ouvindo música, fone alto, quieta, pensando... fecho até o olho. Aí vai perguntar: cê tá estressada! Ou então meu tom de voz, pelo telefone, meu tom de voz. Se eu der uma resposta assim, que não é de costume eu dar, já sabe: olha, ela... tá acontecendo alguma coisa! Depois: o quê que aconteceu? Aí eu vou e falo, assim. Ultimamente não tem muito estresse mais não! (...) Agora eu tenho muita coisa pra fazer, não tenho que estressar não! Porque quando a gente tem muita coisa pra fazer, a gente trabalha, ficar estressando cê xinga todo mundo no serviço, pra quê? A gente pode resolver tudo conversando! Bem melhor!” (E14)

“(...) É, não vale a pena! Mesma coisa de brigar com o namorado. Com namorado, na mesma hora resolve, porque cê briga hoje, cê sabe que cê gosta da pessoa, e vai ficar brigado pra quê? Resolve as coisas, eu gosto de resolver tudo assim, conversando! (...) Não gosto de deixar nada pra resolver depois, prefiro tudo assim, conversado! Se vai deixando, deixando, deixando... acabou a vida! (...) se me tratam mal, eu já deixo de lado. Pra evitar confusão, que eu nunca fui de

confusão, graças a Deus! Nunca gostei de confusão! (...) eu não gosto de muito estresse, com pessoas. (...) Não gosto de ficar, igual todo mundo, tem suas briguinhas de namorinho (...)" (E14)

TEMA: Como imagina que lidaria com a situação no futuro

INFERÊNCIAS: Relatos de que ter passado pela situação pode servir de aprendizado para lidar melhor com as situações futuras; procurar utilizar estratégias que não utilizou ou não estavam disponíveis diante da situação relatada; buscar "fazer melhor".

CATEGORIAS:

1. "Mais fácil, eu já teria passado por isso"
2. "Procuraria fazer diferente, só que melhor"
3. "Acho que no futuro vai ser a mesma coisa"

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

"(...) A essência é a mesma, mas só que... o meu praticar... tá melhorando! Porque, vamos supor... é como você começar um esporte. Cê vai melhorando ao ponto que você vai praticando! E... mudou, por causa que...tipo assim, depois do dia que aconteceu... eu não sabia nada! Digamos assim, que é quando a gente tem que esquecer tudo e nascer de novo, digamos assim. Então, quando você nasce de novo, você é uma criança e não sabe de nada. (...) Você ainda tem que aprender... o que é certo. Então foi um recomeço pra mim. E como é que eu vou sair se eu não sei ainda? Então eu tive que aprender e até hoje eu tô aprendendo! E quanto mais tempo, melhor! Que quanto mais tempo, significa que eu aprendi cada vez mais. (...) Na verdade, eu lido melhor porque eu sei um pouco mais. Mas a dificuldade parece que ainda é até maior! Porque eu sei mais coisas! Então, quanto mais... quanto mais eu melhora, mais a dificuldade vem, entendeu?" (E6)

"Eu acho que eu ia ficar nervoso... porque, assim... não pode existir isso mais não! Não tem base não! (...) Primeiro oh, eu tenho certeza que... se fosse no caso, eu ia pagar em dobro, eu ia xingar a pessoa muito véi! Muito! Toda! Ia xingar... sei lá... eu não sei se eu ia tipo: ah isso não pode existir! Não! Eu acho que não ia ser desse jeito! (...) Ia ser do jeito grosso véi. Eu ia ser muito grosso com a pessoa, véi! Ia xingar muito ela! Porque... ah, eu não sei!" (E2)

"(...) eu acho que a dificuldade ia ser parecida... sendo uma pessoa importante pra mim... da mesma forma." (E4)

"(...) Não. (...) Eu acho que eu ia ficar com medo. Com medo dele fazer alguma coisa... não sei! (...)Procurar conversar com ele mais!" (E4)

"(...) Ah... da mesma forma. Ou então bem mais fácil... pra mim né! (...) Eu já teria passado por isso! E depois disso eu já presenciei outros esquemas desse (...). Não com a minha vida em risco, mas de ter visto amigo meu morrer assim na minha frente... coisa assim." (E1)

"(...) Ah, não sei, na hora? Fica confuso, o quê que vai fazer". (E8)

“(…) Eu procuraria fazer diferente, só que melhor! Eu procuraria, sei lá, conversar mais, antes de tudo. (…) Aí eu falaria com ela isso, de novo! (…) fazendo tudo isso seria um pouco mais fácil. Porque a gente já teria conversado bastante, já teria, conhecido um pouco mais, e seria mais fácil. Isso seria uma coisa que eu faria”. (E10)

“(…) se isso acontecer comigo hoje, hoje eu já tô mais preparado pra isso já, já estou com meu estado emocional melhor pra receber isso! Hoje em dia eu já, hoje em dia eu levaria super bem! (…) Como se fosse uma situação normal! Que nunca tinha acontecido e foi inesperado demais! Mas hoje em dia eu, hoje eu levaria super bem!” (E11)

“(…) Nossa, se fosse um parente meu eu ia ficar com muita raiva! Porque tá dentro do hospital, tá lá e ninguém faz nada! Eu ficaria com muita raiva! (…) É fácil falar antes de acontecer, mas na hora, a gente nunca sabe o quê que vai acontecer! Porque cê fica tão assim, a gente tem algumas reações que a gente mesmo não consegue controlar. Se acontecesse, talvez eu ficaria com raiva, pode ser que eu fique muito calma e consiga levar numa boa, não sei! (…) Com calma, pra não me precipitar, não prejudicar, assim, muito as pessoas e fazer o certo, né! Não quero passar por cima de ninguém e tentar correr atrás do que foi perdido ali. Se for a vida, cê não vai conseguir recuperar uma vida, mas pelo menos alertar alguém pra não acontecer de novo!” (E12)

“(…) com o tempo vai amenizando, né, eu acredito nisso, e eu acho que no futuro vai ser a mesma coisa. Tem uma foto pregada dele, que todo dia eu olho, e falo: olha vô, mais um dia! E eu espero que seja assim por muito tempo, ver ele com orgulho, que era meu avô!” (E13)

“(…) Nossa, ah... eu não consigo me imaginar lidando com isso de novo porque foi tão... pra chegar a acontecer isso na minha família, acontecer de novo deve ser bem chocante, né! Acho que seria muito complicado conviver com isso tudo de novo! (...) Hoje eu tenho mais consciência, eu acho que eu poderia tentar, depois todo mundo deixou assim também porque não ia acontecer nada, que é incentivar mais a minha família a tentar... porque tinha provas! Alguma coisa poderia acontecer! (...) Ah, ultimamente eu costumo falar!” (E14)

TEMA: Impacto na saúde mental/ bem-estar

INFERÊNCIAS: Interferência na motivação para ir à escola, dificuldade de concentração nas atividades, queda no desempenho escolar, isolamento, sintomas físicos, emoções aflitivas (tristeza, ansiedade, raiva), necessidade de desabafar; anestesia afetiva; impacto amenizado pela tentativa de flexibilização/ interpretação da situação.

CATEGORIAS:

1. “Pra mim é como se não tivesse acontecido”
2. “É muita coisa que cê vai juntando... ficava só com aquilo na cabeça”
3. “Existem muitas coisas negativas, mas também positivas”
4. “Eu vi e não senti nada... não senti nenhum remorso por isso”

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

“(…) Ah... eu acho assim. (...) os meus pensamentos, tudo que eu quero pra minha vida (...) é a minha saúde mental, é claro! Sobre como eu vejo as coisas, como eu penso... e, eu acho que é o que você busca. E aonde você está. Onde você está. Eu não posso procurar uma coisa boa num lugar ruim, entende? Minha saúde mental eu acho assim, particularmente, eu acho que... é boa! Em questão de felicidade, essas coisas, sabe porque? Porque eu não busco coisas que eu posso perder. Eu não dou valor pra coisas que não merecem valor. Mas eu falo em questão de, digamos assim, material. Acho que isso é um dos pontos da minha saúde mental, não é? (...) E... saúde mental é sobre o que eu penso, né? Nossa, é isso. Deus me passa um estado mental de confiança, entende?: E que eu posso se eu acreditar! Não só como acreditar, tem gente que acha assim, que Deus tá comigo e vai andar com minhas pernas, vai me proteger! Não, tem que fazer por onde. Porque... né? Tipo assim, cê colhe o que planta, entende?” (E6)

“(…) Pra mim não interfere... não interfere em nada (...) Não interfere não.(...) Porque... nunca... que... sabe, eu não ligo pra isso! Não ligo não! Pra mim é como se não tivesse acontecido mesmo! Foi só... você me perguntar o que acho de chato eu te respondi, porque eu achei chato, mas eu não ligo não!”(E2)

“(…) Nesse momento, de certa forma não. Porque eu acho que existem muitas coisas negativas mas também as positivas. E eu (...) não deixo elas me influenciarem, mas assim, eu deixo a minha percepção sobre essas, positivas e negativas, de assim, julgar o caminho certo!” (E10)

“(…) Acho que interfere na saúde mental, porque as coisas que eu posso tá fazendo hoje, talvez eu possa fazer no amanhã. Mas talvez não, porque eu posso seguir um caminho diferente sempre. Eu vou falar destino, mas não era a palavra que eu queria. Mas o nosso destino, nós mesmos traçamos. Não é uma estrada em linha reta. É uma estrada com vários caminhos, norte, sul, leste, oeste. Várias possibilidades, então pode me afetar, como pode não me afetar.” (E10)

“(…) Olha, não interfere mais, mas interferiu de um jeito muito fraco, porque eu sou, eu me considero muito forte nesse aspecto: aspecto emocional, mental, esses negócio. Eu me considero muito forte! Tanto que meu pai, meu pai me disse isso: tem que ser forte mentalmente, não fisicamente. E isso interferiu muito pouco, apesar de eu guardar tanto tempo assim, ficar muito magoado por isso, não demonstrar a ninguém, influenciou super pouco, não me fez fazer nada de errado depois.(...)” (E11)

“(…) Um pouquinho só. (...) Nos primeiros tempos eu não gostava muito de ficar dentro de casa sozinho (...) é por isso que eu sou assim, que eu rio a toa. Deve ser por causa disso mesmo! (...) É, porque eu devo ter medo de perder muitas amizades. Aí eu rio a toa mesmo! (E8)

“(…) Eu fiquei muito mal... na época, e tipo... interferiu na escola porque eu não queria ir... eu não... e mesmo se fosse também, ficava pensando nisso... o quê meu irmão tá fazendo?... Onde que ele tava? Foi... acho que me atrapalhou muito

nisso. (...) não dormia muito bem...” (E4)

“(...) Eu fico cansada, tem hora que eu paro, assim, na hora que eu vou pensar nas coisas. Os meninos ficam até zoando, tá saindo fumacinha! Aí, porque assim, a mente da gente é a máquina central que comanda o corpo! Então assim, a minha mente fica cansada, tem hora que eu penso as coisas, pra fazer, tipo, eu quero aquela folha, mas o corpo não deixa cê pegar ela! Aí, tem hora assim, que eu morro de preguiça pra fazer as coisas, mas, tem que acabar fazendo! (...) minha mente não é assim não! Não é igual computador que só vai registrando, abrindo a pasta lá que tá pronto não (...) eu também esqueço!” (E9)

“(...) começou a me deixar nervoso, nervoso, nervoso, eu até parei com isso, porque se eu começar a ficar nervoso eu realmente começo a passar até mal! Porque eu custo ficar nervoso, não fico nervoso com nada, nada me deixa nervoso, exceto isso! Isso também foi meio difícil poder passar! Mas não foi a mais difícil não! Lidar com o fracasso dessa prova mesmo, tentar desistir dessa prova, que foi muito difícil! (...) eu me cobro mentalmente, e isso aí, eu me coloco em uma pressão psicológica muito grande! (...)” (E11)

“(...) Quando ele foi, no primeiro dia que ele foi internado eu tive que conversar com um psicólogo, que eu tava, um caco! Eu acho que eu chorei muito mais o primeiro dia que ele foi internado do que com a morte dele. (...) Eu fiquei muito deprimida, foi nas férias. Eu não quis sair, não quis fazer mais nada porque ele era realmente a pessoa que eu mais amava. E aí foi muito ruim! (...)” (E13)

“(...) eu não aguento ficar com tudo só dentro de mim, a gente ficar com tudo, uma hora parece que a gente vai ficar meio doido! (...) a gente tem que desabafar, né! Porque é muita coisa que cê vai juntando de anos, anos, anos, anos, uma hora a gente tem que falar, né! Até dói a cabeça!” (...) Eu fico ainda pensando no que que pode acontecer, que eu acho muito difícil acontecer, depois de anos...” (E14)

“(...) foi na época da gripe suína que isso aconteceu, que eu lembro até que eu fiquei com quarenta e poucos graus de febre, aí todo mundo desesperou, achou que eu tava com gripe suína (risos)... depois foi melhorando. Parei de estudar um pouco, fiquei um tempo sem vir na escola, porque é muito, é muita coisa na cabeça! Pensar, sem saber... tipo assim, a gente não pode fazer nada, eu no caso, não poderia fazer nada! Aí só de pensar que nada aconteceu... (...) eu ficava assim, no quarto, não ia pra escola, ficava em casa...(...) aí eu tinha que me distrair mais, porque ficava só com aquilo na cabeça, toda hora: ai aconteceu isso... lembrava... lembrava e chorava, lembrava e chorava (...) eu ficava muito na minha, na época assim,” (E14)

“(...) no ano que isso aconteceu (...). Que foi quando minhas notas começaram a despencar, porque eu não tava tendo... eu não conseguia. Eu entrava na sala, o professor falava, mas eu não conseguia me ligar àquilo, porque eu tava com a cabeça cheia de coisas (...) eu me sentia um lixo! Me sentia separado daquelas pessoas. Eu estava numa sala, trinta e poucos alunos, mas se eu fosse olhar... o que a minha visão... eu não via ninguém! Me via sozinho, sentado lá no canto”.

(E7)
<p>“(...) eu acho que uma pessoa que vê outras pessoas sendo mortas e não dá a mínima pra isso, não tá certo! Né? (...) eu... vi isso e... não senti nada! Não senti nenhum remorso por isso! (...) Isso foi o que a sociedade fez comigo. Que o nosso sistema faz com todo mundo! Ainda mais quem não tem muito dinheiro, não tem muita condição. Tá acostumado a sempre ver isso. E isso não é certo! Era pra gente ter mais amor à vida! (...) Tá fora do normal!” (E1)</p> <p>“(...) eu acho que interfere diretamente, porque é uma coisa que eu tento sempre passar pras (...) pessoas que, tipo assim, muitas vezes, o que faz uma pessoa ter algum problema de cabeça, o que faz a pessoa se frustrar muito facilmente, é a falta de aceitação da sociedade. Uma sociedade que entenda e não julgue, esse tipo de coisa. Então interfere diretamente, porque muitas vezes, por exemplo, eu vou usar como um caso direto a minha ideologia. Se eu falo com uma pessoa que eu não tenho crenças, muitas vezes eu sou classificado como lixo, como escória... ou então, dependendo da pessoa, se ela for mais alienada, muito fervorosa, vai falar que aquilo ali é obra do mal. Então assim, se eu fosse, eu paro muitas vezes pra refletir, se eu fosse ter dado ouvido a tudo que falaram, hoje em dia, eu realmente... eu não estaria bem, ou estaria com problemas de cabeça. Porque foram coisas muito pesadas que eu ouvi, até de pessoas que muitas vezes a gente não espera. (...) Então eu acho que influencia diretamente porque a sociedade molda muito a nossa mente.” (E7)</p> <p>“(...) Eu fico preocupada. Porque, não só em Lagoa Santa, mas tem vários lugares do Brasil, do mundo que acontece isso! Eu fico me perguntando: onde é que vai parar isso? Mas eu tô tranquila, tô observando, fico meio assim.” (E12)</p>
TEMA: Apoio/ suporte da rede social
<p>INFERÊNCIAS: O apoio da rede formal é visto como ineficiente ou inexistente; o apoio da família e de amigos se restringe a poucos membros e se dá numa relação de amizade; ser suporte na própria rede social é importante para os jovens e isso se dá numa relação de reciprocidade. Alguns tipos de suporte valorizados em suas falas são: participação nas tarefas domésticas, responsabilizar-se pelos irmãos mais novos; ajuda financeira, engajamento político e oferecer suporte emocional; o suporte religioso é visto por alguns como muito importante; outros, mesmo não tendo crença religiosa, tematizam sobre isso, expressando que este aspecto faz parte de suas reflexões nos momentos difíceis, independentemente de sua crença.</p>
<p>CATEGORIAS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Rede de dispositivos de apoio formal: “A família que cuida de si mesma sem ajuda da coroa” 2. Relação de amizade: “suporte da família e amigos” 3. A intersubjetividade do apoio social: “cada um fazendo a sua parte tudo vai dar certo” 4: “Todo ensinamento que Deus me dá ajuda muito” X “Eu acho mais que eu mesmo posso me ajudar”
FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

Subtema: Crença religiosa

“(…) Primeiramente, é Deus! Claro! (...) É por isso que eu não me frustro assim tão fácil. (...) se eu fico triste, (...) vou lá, pô, vou lá conversar, ele sempre me mostra (...) Pra mim continuar lutando porque o único que pode me julgar é ele. E ele me ama do mesmo jeito. (...) A igreja é tipo um lugar assim, que você vai lá contar o quê que você passou no mundo (...) conta experiências! Coisas pra ajudar, estudar a bíblia (...) E lá é um lugar que eu busco Deus também (...) Ah, a segurança que Deus me passa, né. De tá comigo! Eu já me sinto seguro e confio. Isso ajuda muito (...) todo o ensinamento que Deus me dá, ajuda muito! (...) É o meu suporte. A palavra de Deus, Deus!”(E6)

“(…) Primeiramente é Deus depois é minha tia, né! Aí sempre que acontece alguma coisa (...) Ela me levou pra igreja aí eu fico bem mais calmo!” (E8)

“(…) Deus. Não consigo imaginar outra coisa, porque tá sempre em todos os lugares, eu posso contar com ele em qualquer momento, ele vai tá sempre ali comigo! Minha mãe (...) eu sempre peço ajuda pra ela, também, mas eu também nunca deixo de ir pra igreja, porque eu vejo que, lá mesmo que eu consigo o suporte direito. (...) é diferente de eu orar em casa e ir pra igreja. É muito diferente! (...) eu vou pra igreja quando tem alguma coisa muito difícil assim, que eu não consigo lidar, eu vou pra igreja. Porque eu sei assim, que a minha mãe tem os problemas dela.” (E12)

“(…) Eu pedi muito a Deus pra poder iluminar minha mente pra eu poder conseguir lidar com isso! (...) Aí eu fui na igreja domingo, e isso ele já tava um tempo já internado, já tava ruim, mesmo se ele saísse dessa, ficaria um corpo na Terra. E eu pedi pra Deus, falei: olha Deus, não deixa ele ficar preso aqui, pra libertar ele. Na terça-feira ele faleceu! (...) Aí eu, foi meio que, sabe, um consolo. Deus me ouviu e conseguiu libertar ele. (...) eu procuro sempre tá mais junto a Deus, assim!” (E13)

“(…) Assim, pra mim foi mais complicado porque desde os 12 anos que eu tenho uma postura ateuísta. Eu não tenho crença. Então, assim, pra mim foi carga maior. Porque normalmente as pessoas se apegam a Deus, então conseguem aquilo ali. E quando uma pessoa chegava em mim e se utilizava do meio religioso pra tentar me acalmar, pra mim não me acalmava! Eu me sentia assim... pô, a pessoa tá me ajudando, eu entendo, ela tá tentando, mas eu mesmo não conseguia melhorar com aquilo. (...) minha mãe (...) ela conseguiu se acalmar com as amigas, tal. Ela é católica, então ela teve ainda suporte da religião, das amigas.” (E7)

“(…) Eu não acho que um Deus pode me ajudar. Eu acho mais que eu mesmo posso me ajudar. A ver o que aconteceu, procurar a melhor saída e aplicar ela. (...) minha família é evangélica (...) E eu sou ateu! Então você já sabe o conflito!” (E1)

“(…) eu sou ateu, não acredito em Deus, não acredito em nada disso! Escola, eu não procuro ajuda em escola. Se eu tô com um problema na escola eu resolvo o

problema mas não procuro os auxiliares, tipo assim, instituição nenhuma também. No máximo, muito, em casa e amigos!” (E11)

“(…) os três cursos do dia de sábado, também foi eu que quis. (...) acho que o que mais foi empurrado mesmo foi a crisma. Minha mãe mandou eu fazer. (...) ela só ficava indo na igreja, igreja, é rezar terço, ler a bíblia. Eu acho que ela leu a bíblia de trás pra frente, de trás pra frente, e ficou só lendo, rezando (...) Nó mãe, chega! Nem o padre vai tanto na igreja igual você! Aí foi lá, pegou e falou assim: ah, mas tem que rezar, sei lá o quê. Aí eu falei assim: mãe vão sair? Vão no cinema, vão na lagoa! Aí ficava eu e meu pai, toda hora chamando ela pra sair.” (E9)

Subtema: suporte da família

“(…) só família e amigo mesmo.(…) É o que mora junto comigo família, né... mãe, padastro e vó. (...) É...que eu conto mesmo, e um primo que é muito próximo meu, mas... é normal. Eu falei... ah, aconteceu tal coisa, pô... quase morri! Minha mãe ficou desesperada, meu primo falou... nó cê deu sorte heim! Meu padastro, normal, ele falou... ah, acontece! Só isso que teve de auxílio”. (E1)

“(…) Pra mim, a minha família, eu considero, mas não converso tanto (...). Mas o foco... o foco é minha mãe. Eu tenho minha mãe e minha irmã. Elas são minha família pra mim! (...) Eu mudei, primeiro. Mas minha mãe, o tempo todo, mesmo ela ainda não tendo o mesmo pensamento que eu, digamos assim né, tal, vê a visão toda, ela ainda sempre me ajudou! Minha mãe sempre me ajudou em tudo! Minha mãe foi quem me criou, minha mãe que, tipo assim, é ela que me ensinou tudo! Então a pessoa assim... que eu confio, minha melhor amiga, que eu confio, é a minha mãe! Minha melhor amiga, mas, né, assim, não trato como amiga... é respeito (...)” (E6)

“(…) Minha mãe também. Minha mãe, ela... tipo ficou mais calma.” (E4)

“(…) Nó, quê isso! Minha família é muito... muito... tipo como eu posso falar? Unida né!(...) Tipo assim... nos problemas, sabe? Talvez... tipo assim, isso ocorre em toda família mesmo, mas... Minha família é muito unida! Muito... muito colaboradora uns com os outros! Talvez um fique com raiva do outro, porque a família é muito grande! Mas... tirando isso... a família é unida.” (E2)

“(…) Eu tenho um irmão mais velho, por parte de pai também, que ele sempre liga pra mim. (...) Fala pra mim procurar ele que ele vai me ajudar qualquer coisa. (...) Ah, eu não sou muito ligado à minha mãe não. Porque eu (...) sou mais garrado à minha tia! (...) Aí sempre que acontece alguma coisa ela (...) tenta acalmar eu. Aí... é bem mais calmo com ela! (...) Ela me dá altos conselho! Procuro mais minha tia! Minha mãe, ela fica trabalhando. (...) Sempre eu recorro à minha tia mesmo! (...) Minha vó, quando tem alguma coisa, ela procura me ajudar... minha tia e minha vó. Minha mãe sempre me deu conselho, (...) sempre percebe quando eu tô triste, aí ela tenta me ajudar sempre! Quando eu tô triste minha mãe já sabe já.” (E8)

“(…) Na minha família (...) uma família fechada, então falar sobre isso (...) traz

aquele clima, tristeza, abate. E eu busquei esse suporte, digamos, alternativo. (...) Mas da família em si, não muito. A pessoa que, digamos, que eu mais teria uma conversa é o meu primo, né, porque ele tem 20 anos, então a nossa idade é mais próxima, só que a gente, ele... não sei, talvez ele ficava sem jeito. Ele tentava evitar o assunto, também. Acho que é porque ele também não sabe tratar isso, né? (...) em outras situações sim, né. Por exemplo, (...) atualmente... com a perda do meu irmão, a gente tomou, a minha mãe, tomou partido dos 3 filhos dele. (...) Então assim, o apoio da família nesse momento é ótimo. (...) isso foi uma coisa que nós aprendemos em família mesmo, que é a questão da solidariedade. Minha família é uma família muito solidária, a gente pode ter pouco, mas o que a gente tem, se der pra ajudar alguém a gente ajuda (...).(E7)

“(...) Uma coisa que me ajuda é o conselho que nossos pais dão. Uma coisa que ajuda muito, porque eles tem mais experiência de vida que nós jovens, então eles sempre vão ajudar! (...) Na minha opinião, como diz uma música, eles são a fundação! (...) Eles são a minha base. (...) no caso dos pais, eles sempre vão falar pra gente: oh, tu até pode fazer, mas vai ter risco! Os meus pais, eu acho que eles ficam contando tanta coisa que eles tão querendo diminuir a, digamos assim, a alegria. (...) no caso, eu desabafei com minha mãe, porque ela até me ensinou um pouco, as situações podem acontecer.” (E10)

(...)Tive, tive muito suporte! A minha família, na verdade, ela é bem unida, (...). família assim, eu minha mãe e meu pai! Sou filho único! (...) por isso (risos). Mas é por causa disso também, que eu tive aquele suporte. Mas vindo dos meus avós, dos meus tios e tias, foi também, foi muito negócio. (...) Meu pai, por exemplo, todo dia: oh meu filho, cê tá com algum problema, tal! De vez em quando, as vezes ele me pergunta do nada, conversando com ele assim, pergunta se eu tô com algum problema (...) Meus pais (...) só conversaram comigo sabe, são muito compreensivos (...) A minha relação com eles é excelente! Ainda mais com o meu pai. A relação com o meu pai é muito excelente! Meu pai pra mim não é meu pai, é meu amigo! É meu irmão! (...) Eu não trato ele como pai, eu trato ele como aquele assim, eu respeito ele, mas é um respeito diferente. Não é aquele respeito de pai e filho, que é só oi filho, oi pai! Não é só isso não! Eu chego, converso, posso conversar tudo com ele, qualquer coisa! Ele chega, conversa comigo qualquer coisa também! Não tem restrição de nada!” (E11)

“(...) Meu vô, era tudo cara! Ele nunca deixou faltar nada pra mim! Pelo contrário, sempre: oh vô, nossa, tô precisando disso! Beleza, vão lá agora! (...) ele era tudo pra mim! Ele falava que só ia morrer depois que eu formasse na faculdade. E, enfim, ele me dava tudo,(...) Meu vô era a melhor pessoa do mundo!(...) Ele sempre se preocupou muito com o meu bem estar. (...) minha mãe foi, perfeita comigo, mesmo estando na mesma situação que eu! (...) Eu falei dos amigos, mas não falei da minha mãe! Que ela também me ajuda com tudo e tem, deixa claro que eu posso falar qualquer coisa com ela! (...) tenho total liberdade com ela!” (E13)

“(...) eu consigo conversar com ele, ele me liga, pergunta como foi meu dia, eu explico... minha mãe também, todo dia ela pergunta: como que foi seu dia? Que de

vez em quando eu tô estressada, se aconteceu alguma coisa aí eu fico estressada, aí minha mãe pergunta: quê que aconteceu? (...) Meus pais! Minha mãe principalmente (...). É um suporte pra mim. (...) minha mãe conversava muito comigo, que aconteceu isso, que não adianta eu ficar com essa raiva que eu tinha que não ia adiantar nada! Aí eu comecei a sair mais pra me distrair. (...) Eles ficaram mais carinhosos, dando mais afeto, né!”(E14)

“(...) o trabalho também ajuda, minha mãe em casa também, que eu sei que, vai tá sempre ali também!” (E12)

Subtema: suporte de amigos

“(...) Com amigos... mas é... tem amigos que eu não tenho. Mas é, igual mesmo, eu não vou procurar (...) manga em pé de goiaba, né! É saber procurar os lugares certos também. Mas tem, quando eu procuro. Porque eu procuro no lugar certo, né? (...) que eu pelo menos acho que é certo. (...) Amigos da igreja, que é os que nó, me ajuda muito! (...) É por causa que eu não sou muito de digamos assim, ir em muitos lugares, sabe. (...) é porque eu já tenho os lugares melhores pra ir (...)”. (E6)

“(...) Família e amigos (...) mas ainda sim... eu acho que foi o apoio (...) de amigos assim. (...)” (E4)

“(...) Se eu for falar de pessoa, especificamente, eu acho que foi mais amigos que na verdade eu não conheço nem pessoalmente. Amigos virtuais, pessoas aí... Rio, São Paulo, essas coisas. Por quê? São pessoas que... eles, por estarem de fora, eles tinham uma visão melhor pra falar, porque eles não me conheciam pessoalmente. Então eles não poderiam, por exemplo: ah cara, mas cê tem que procurar tal pessoa, fazer isso, fazer aquilo. Por eles não conhecerem eles iam direto no que eu falava e me dava uma ajuda.” (...) Eu gosto de ter uma boa relação com todas as pessoas, mas eu tenho uma escolha muito restrita às pessoas que eu vou levar como amigos.” (...) tem aqueles amigos que (...) devido a minha ideologia sobre crenças, muitos amigos já iam contra. Então assim, eu entendo. Eles cresceram pensando assim, mas há outros que mesmo tendo aquele pensamento, que eles conseguiam se desligar daquele pensamento religioso, pra me ajudar, eles também me deram muito suporte, né. Eu tenho uma amiga, por exemplo, que ela foi exemplar pra mim, né. Foi ela que me levantava nos momentos mais difíceis! Ela era aquela pessoa que eu podia contar com ela a qualquer momento. Então, ela foi assim, pra mim, um dos meus principais suportes, né, não apenas naquela questão, mas como diversas outras que ainda hoje a gente vive.” (...) eu sou uma pessoa que gosta mais de ficar em casa, se eu for sair eu só gosto de sair com os meus amigos, não gosto de sair com pessoas que eu não conheço, eu tenho, digamos assim, um círculo de relacionamentos muito fechado, muito pequeno”. (E7)

“(...) Amigos não! Porque meus amigos tão tudo nesse mundo aí agora! Muito não! (...) mexer com maconha, esses negócio. Aí eles sumiram! Nem vejo eles muito mais não! (...) muitos da escola, da rua, quando eu ficava muito na rua quando eu era pequeno (...) Aí eu tenho (...) os amigos que jogam bola comigo todo dia. (...)”

Ah... Meus primos, tem uns dois primos meu. São esses. (...). Na época eu era pequeno assim, eu não tinha muito amigo não. Tinha só um só". (E8)

"(...) Ter a gente tem, né, mas assim, não que a gente pode confiar! Confiar eu só tenho assim duas mesmo, que não estudam aqui (...) Eu acho que era mais as minhas amigas mesmo. As duas! Elas ficavam me apoiando, e tal. Elas iam lá pra casa, ficavam conversando com a minha mãe também. (...) Na escola mesmo, na hora do recreio assim, minha amiga chegava assim: quê que cê tem? Ia conversando, elas me apoiavam, falavam: não fica assim não, cê tem que dar apoio pra ela, que a gente te dá apoio! (...) Aí eu recebia apoio delas e eu tinha que apoiar ela quando chegasse em casa". (E9)

"(...) E os amigos vão sempre fazer aquela piadinha de sempre (...) eles falaram assim, boto fé, cara! Vai com tudo que tu consegue!" (E10)

"(...) Tenho, muitos amigos! Muitos, muitos mesmo! Amigos, colegas, mas eu não conto nada pra eles não! Eu sempre deixo pra mim mesmo, eles me contam, mas eu não sou tão aberto com eles assim, eu prefiro manter o meu estado mental mais pra mim mesmo. (...) É tipo assim mentira (...) alguém tem que saber! Algum amigo! Aí eu contava pra uma amiga minha, e ela também tinha alguns, certos problemas, eu contava pra ela e aí só ela só também, mais ninguém! (...) ela foi minha salvação mesmo! Quando eu contei pra ela, já foi suficiente!" (E11)

"(...) Escolho bem minhas amizades! Eu tenho amigos, mas assim, sempre sou um pé atrás. Por isso que eu não conto nada pra ninguém! Porque eu odeio fofoca, odeio esse tipo de coisa! Não gosto que ninguém conta nada meu e não conto nada de ninguém! (...) Saio pouco, muito pouco! Saio mais com amigos, de vez em quando mesmo! Mesmo assim eu escolho com quais eu saio. Não é qualquer um não! (...) Primeiro é, eu acho que a maioria dos jovens bebem, e eu acho isso muito esquisito! Procuo alguns que é mais comportado, eu procuro pessoas que não usam drogas, tipo cigarro, bebida, esse tipo de coisa assim, pessoas que são mais pensativas, que pensam antes de fazer alguma coisa, sou seletivo nisso!" (E11)

"(...) Eu tenho amigos aqui da escola, que são da igreja também, tenho amigos que, é da academia. (...) tenho poucos, que são amigos mesmo são poucos! Tenho acho que umas quatro meninas que eu converso bastante, duas são daqui da escola. E (...) tenho um amigo que não é daqui, mas ele é de outra cidade e é da igreja também. (...) O povo da igreja é muito diferente (...) eu me sinto muito a vontade lá! (...) A gente conversa bastante! Eu tenho até um grupo, eu faço um grupo no *whatsapp* pra gente conversar e a gente fica a semana inteira conversando! E, o astral é diferente! É todo mundo amigo! Não tem aquela coisa assim, ah não, não vou falar com ele não porque ele tem o cabelo esquisito! É todo mundo numa mesma união ali, na mesma sintonia." (E12)

"(...) Amizades! Eu tenho muita sorte com amizades! Porque, os meus amigos são essenciais, eles também são meus portos seguros, e também me ajudam a enfrentar todos os problemas com apoio moral, incentivo (...). Bons amigos!"

(...)Tenho dois amigos que estudam aqui, aliás, meu melhor amigo, que eu conheço ele há oito, nove anos, que ele veio pra cá porque eu vinha pra cá! (...) Eu tenho uma outra amiga também, que eu conheço ela a pouco tempo, uns três anos, que ela veio pra cá também! Aí eu tenho, bons amigos! (...) e eu tive, muito suporte! Todo mundo me deu força, meus amigos foram lá em casa... foram essenciais pra mim! Me deram força, respeitaram meu tempo, ah, não tô afim de sair! Ah, tudo bem! Foi isso!” (E13)

“(...) da minha, na época era a minha melhor amiga, que morava do lado da minha casa, ela ia pra lá, dormia lá em casa comigo... Aí a gente ficava conversando, era bom! (...) Amigos, amigos, a gente tinha né? Mas a gente se decepciona com as pessoas, aí a gente... (...) Atualmente eu tenho, duas, que são até da minha sala, que tem desde quando eu tô aqui, duas não, são 3, a L, C e D! Elas que eu confio, de verdade! Só elas! (...) colegas a gente tem mas nem todo mundo a gente pode confiar, ainda mais hoje em dia, né?” (E14)

Subtema: ser suporte

“(...) Nos primeiros tempos eu não gostava muito de ficar dentro de casa sozinho, mas depois eu fui acostumando! Pensei que eu tinha que ajudar a minha mãe (...) Fico dentro de casa, eu procuro ajudar a minha mãe. (...) quando eu chego, tipo, chegar da escola agora, eu arrumo casa pra minha avó. Aí quando a casa tá toda arrumada, aí eu saio pra casa dos meus amigos, chamo eles pra jogar bola. (...) Ah, meu irmão, ele gosta muito de mexer comigo, sabe? E ele é o caçula e a culpa assim, cai mais grande em, eu tenho que dar o exemplo, quando ele mexe comigo, pra mim não fazer alguma coisa com ele, bater nele, que eu sou o mais velho, eu vou lá pra casa da minha tia, fico lá pra não ter nenhum tipo de ignorância com ele e machucar ele. (...) quando eu tô com os meus amigos assim, que eles começam a xingar os outros que tá do meu lado eu começo a rir, brincar com eles... falo os negócio com eles pra descontrair mesmo! (...) tirar um pouquinho da tensão deles pra eles pararem de xingar uns aos outros. (...) Quando minha família tá brigando também. (...) Quando minha mãe tá meio nervosa assim, triste com alguma coisa, eu chego perto dela e começo a rir. Aí ela ri também e esquece até do negócio!” (E8)

“(...) Ah, eu ia tentar proteger minha mãe, né! Tentar proteger ela e minha tia! (...) eu ia tentar esconder elas. Me esconder também. Pra proteger elas contra esse animal!” (E8)

“(...) Aí depois, com o passar do tempo, que eu comecei a ficar sozinha em casa a partir dos nove anos. (...) Aí dos treze pra cima já comecei a lavar roupa, passar, ter que fazer comida, arrumar a casa. (...) Ano passado, mais eu que tive que dar apoio pra minha família, porque minha mãe teve câncer de mama.(...) Aí a gente teve que dar apoio assim, à minha mãe. (...) Tem que botar a moral dela lá em cima! (...) Aí eu falei assim: mãe vão sair? Vão no cinema, vão na lagoa! Aí ficava eu e meu pai, toda hora chamando ela pra sair, mas, nada! (...) eu tinha que apoiar ela quando chegasse em casa. (...) na hora que a gente via assim ela daquele jeito, a gente chorava por dentro, mas como que chora na frente dela? Não tinha como! A gente ficava rindo! Aí quando a gente saía que a gente

começava a desabafar. (...) Minha mãe chega lá, nossa! É barulho só! Aí assim, eu procuro me empenhar pra tá ajudando ela! Então, acaba que a mente da gente. Igual eu falo, o tanto de coisa que eu tenho que fazer, tenho que te ajudar. (...) Ela quer que eu gravo a senha do cartão dela, do meu pai, meu, e o trem fica só acumulando”. (E9)

“(...) É, preocupada com elas também, com elas e com a família! Quando elas tem problemas eu ajudo elas, vou na casa delas, converso com elas. (...) a gente tenta ajudar resolver, quando tá precisando de ajuda lá, a gente dá um chute, coisa assim! Um empurrãozinho!” (E9)

“(...) E eu tenho esse negócio, tipo, (...) vou ajudar quem vai precisar, sempre! Só que esse também, de acordo com a minha mãe é o meu maior defeito! Porque eu sempre vou querer ajudar, independente da situação! Porque, sei lá, mesmo sem eu saber o quê que pode acontecer eu vou querer ajudar.” (E10)

“(...) a pessoa tá com problema, eu vejo a hora que a pessoa tá com problema e pergunto, sento, procuro saber porque, ajudo a resolver, apesar de não contar os meus, eu ajudo a resolver os deles! Assim, eles me veem como, um amigo mesmo!” (E11)

“(...) eu sinto mais como apoio de outras pessoas. Tem gente na minha sala que vem pedir ajuda, pedir dica, pedir conselho... aí eu me sinto, que eu sou mais velha também, então fica aquela coisa assim... eu não me sinto, eu não me sinto muito a vontade aqui! (...) Eu sei lá, eu me vejo mais como sendo o suporte.” (E12)

“(...) Eu acho que eu sou muito amiga, eu acho que eu vivo muito a vida dos meus amigos, tipo assim, tomo os problemas deles todos, e isso não é legal! (...) Isso definitivamente não é bom! Porque eu já tenho os meus problemas, e aí vem amigo, porque eu sou uma pessoa que as pessoas falam: nó L, não faz isso, cê vai quebrar a cara! Só que eu faço e quebro a cara.(...) Então, eu gerei muito mais experiências em algumas coisas do que todos os outros amigos! Então eu sirvo meio que de aconselhadora. E aí as pessoas: oh L, tá acontecendo isso, isso e isso, aí eu tomo as dores todas, os problemas todos, olha, vamos ajudar, a passar isso com você, e tal, e às vezes eu acabo misturando os meus problemas com os problemas dos outros (...) eu não tô conseguindo pensar no que dizer mais, porque, eu preciso de alguém que diga pra mim! ” (E13)

“(...) Gosto de trabalhar, eu não consigo ficar parada, se eu tô em casa, toda hora eu tenho que fazer alguma coisa, porque quando eu era pequena, minha mãe me acostumava a arrumar a casa (...) ajudava ela no serviço, que ela (...) dava faxina, aí me levava pra ajudar, arrumava a casa, tinha que fazer tudo! Aí se eu ficar em casa eu não aguento ficar parada! Tenho que fazer alguma coisa, toda hora tem que mexer! (...) Desde cedo, tenho que fazer tudo, faço comida.. tem que fazer tudo!” (E14)

“(...) A gente pelo menos fazendo a nossa parte, a gente não fica com a consciência ruim, né! (...) Então a gente faz nossa parte e tenta fazer as outras pessoas fazer a parte deles! A gente tenta né! (...) A gente vai saber que pelo menos a gente não deixou pra lá, a gente tentou fazer! Aí a gente fica com a cabeça boa, né!” (E14)

“(...) Eu procuro a maioria das vezes ajudar a outra pessoa. Ainda mais quando eu tenho muito. Eu, por exemplo, o meu salário aqui. Meu salário todo vai mais pros outros do que comigo. Eu sempre pago as coisas pros outros quando não tem dinheiro. Eu já vivi nessa situação de não ter dinheiro nenhum, de ter que depender de amigo meu pra pagar as coisas. E agora que eu trabalho eu sempre pago pros outros.” (E1)

“(...) quando alguém que eu tô do lado é prejudicado... ah eu fico muito nervoso!” (E2)

“(...) minha mãe, (...) como ela tem diabetes, quando aconteceu, ela teve crise com a doença, então (...) uma coisa que eu sempre faço é tentar privar ela de todo quanto... o que eu posso evitar pra trazer tristeza a ela eu faço”. (E7)

“(...) Eu acho que o maior partido que a gente possa ter é a solidariedade uns com os outros. E, gosto muito de ajudar naquelas questões... por exemplo, sociedade, né. Eu quando entrei no Conselho Municipal da Juventude, foi exatamente com essa... eu evito de entrar... de ir prum meio político, porém dando suporte a ele, digamos assim. Dando suporte do lado da sociedade”. (E7)

“(...) uma coisa que nós aprendemos em família mesmo, que é a questão da solidariedade. Minha família é uma família muito solidária, a gente pode ter pouco, mas o que a gente tem, se der pra ajudar alguém a gente ajuda. (...) Lá em casa, o lado escolar sou eu que pego mais força com eles! (...) porque uma coisa que eu posso garantir a qualquer um é que os meus sobrinhos não faltam de aula! (...) Só falta realmente por causa de doença”. (E7)

Subtema: suporte formal/ institucional

“(...) Não tanto (...) porque, eu acho que... por exemplo, nas escolas... não abordam muito esses temas, sabe! Igual quando surgiu aquela época lá que tava falando muito sobre o *bullying* nas escolas...” (E2)

“(...) Minha mãe também ficava muito preocupada... mas não teve nenhum apoio... tipo... público assim! Minha mãe procurou psicólogo pra ele, mas... demorou muito... o atendimento, público. (...) Aí depois de um tempo ele foi melhorando... tipo,(...) ele teve o acompanhamento com psicólogo, mas depois de muito tempo! (...) até ele ir na psicóloga demorou muito! Minha mãe ficou muito preocupada que ele não dormia, emagreceu... minha mãe ficou com medo que ele fizesse alguma coisa. Porque ele fugia... então, tipo... não tinha como falar com ele... aí ela ficava muito nervosa...”(E4)

“(...) quando eu procurava uma coisa dessa aqui, era muito difícil (...) se eu fosse

olhar pela cidade, eu teria ficado... eu teria entrado em depressão”. (E7)

“(...) em questões assim, da família em geral, não.(...) Aí no momento, igual a gente fala, a gente tá deixando, brandar né, a gente tá conseguindo levar a nossa vida tranquila, mas se eu for parar pra pensar, de instituições, a ajuda é zeeero! (...) O que eu gosto de falar é que é aquela vida bem medieval. É a família que cuida de si mesma sem ajuda da coroa, digamos assim” (E7)

“(...) É... que vem na minha cabeça agora, não.” (E8)

“(...) Acho que não só pra mim, mas quem praticou isso, por exemplo! (...) Quem possivelmente no futuro não praticaria. Se tivesse esse atendimento desde novo, duvido que ele teria feito isso, se soubesse o quê que é a vida!” (E1)

“(...) minha mãe, (...) começou a fazer o psicólogo lá, aí começou a tomar uns florais, pra acalmar. (...) só nessa parte! Porque, fora, o resto, sabe! (...) ela precisava de mastologista. Só que o mastologista foi sair esse ano! É igual a gente falou, se fosse esperar! Teve até erro da prefeitura! (...) A médica falou que não tinha nada! (...) Como foi erro dela, a prefeitura teve que repor. (...) passagem, prefeitura que ia levar, quimioterapia, prefeitura que tava levando de carro. Aí nesse ponto aí teve apoio! (...) porque, minha mãe começou a fazer ameaças, que ia levar pra justiça, que sei lá o quê! Aí, pra evitar barulho, aí ajudava lá!” (E9)

“(...) tava com uma dor muuuito forte (...) de cabeça, tonteira (...) Fui duas vezes embora da escola por causa disso. Fui no posto duas vezes, não tinha médico! Fui em outro posto, no PAM, não tem médico! O hospital fecha, não tem médico em Lagoa Santa! Aí cê tem que procurar em Vespasiano ou Venda Nova. Aí, chegando lá eles me medicaram, foram ver que era uma enxaqueca. Voltei lá de novo, que a dor tinha permanecido. Só tinha enfermeiro! O enfermeiro falou que não podia atender (...)! Aí fiz no particular, tive que fazer exame e tal (...) saúde aqui tá precário demais! Médico aqui, nem no PAM, que eles diz que é o hospital agora, não tem! Pra você fazer um trem eles te mandam lá pra Belo Horizonte! Igual meu tio, precisava fazer uma cirurgia de apendicite, não tem. Teve que mandar ele lá pra Santa Casa de Belo Horizonte! Então assim, eu acho que aqui tá horrível!” (E9)

“(...) Na escola não porque tava nas férias, eu preferi também não mexer com nada disso: ah, vou contar pra escola, pra quê, se é uma coisa pessoal minha!” (E14)

TEMA: Autoconceito

INFERÊNCIAS: Maior parte dos jovens possuem um autoconceito positivo. Alguns deles expressaram dificuldade de falar sobre “qualidades” ou “defeitos”, conseguindo verbalizar sobre a temática no momento em que são questionados sobre como acham que as outras pessoas o veem. A relação com os outros mostra-se importante para a construção do autoconceito. A maior parte deles possuem crenças relativas à uma boa capacidade de resolver os problemas.

CATEGORIAS:

1. "Eu sempre acho que eu tô certo"
2. "Nem sempre como eu me vejo... as vezes é como eu me comporto"
3. "Defeito eu não tenho nenhum não X "Vários defeitos"
4. "Eu procuro a maioria das vezes ajudar a outra pessoa"
5. "Acho que eles me veem de um jeito muito deturpado"
6. "Eu consigo vencer qualquer coisa"

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

Características pessoais "positivas"

"(...) Gosto muito de esporte! Eu... sou bom... nos esportes que eu me dedico! (...) eu sou bastante bem humorado! Todo mundo fala isso, que eu sou bastante bem humorado... com todo mundo! Adoro conversar! Não tenho preconceito com nada, com ninguém! Eu estudo (...) eu sou um aluno bom, porquê... eu nunca tomei bomba, num fico de recuperação... sou um aluno bom (...) eu gosto de expor minhas ideias... eu gosto de expor... e tudo que... tipo assim, eu gosto de estudar sobre as coisas. (...) Talvez tipo assim, véio, na situação de brincadeira... porque... eu gosto muito de brincar! Gosto muito de rir véi! Gosto muito de rir mesmo! Eu não tenho vergonha de rir alto, baixo... se eu tiver que rir eu rio na frente de... rio de qualquer coisa! (...) Também sou, bastante espontâneo!" (E2)

"(...) Eu sou calma. (...) deixa eu ver... tímida...(...) Gosto de ler." (E4)

"(...) eu sou bondoso. Acho que bondoso é uma qualidade né? Eu não sou...egoísta, não sou, narcisista que fala né? Eu procuro a maioria das vezes ajudar a outra pessoa. Ainda mais quando eu tenho muito.(...) Bondoso... deixa eu ver... é... eu não sei se malandro é uma qualidade... (...) Esperto... conquistador... (...) Ajuda demais! Acho que você conseguir convencer as pessoas a fazer o que você quer é sempre bom! Tentar passar uma imagem boa também é bom! (...) Porque.. você saber chegar num lugar e se destacar é bom. Também saber a hora de sair, sem deixar rastro, também é bom... haha..".(E1)

"(...) isso é uma coisa que eu não faço. Falar mal dos outros (...) falar de alguém". (E1)

"(...) Eu sou uma pessoa que eu me considero 100%, apesar de muitas pessoas falarem que sempre vai ter um pouco, mas 100% sem preconceitos, né. Eu aprendi que as diferenças é o que nos traz... é o que nos torna poderosos, que nos torna especiais, são as nossas diferenças. Sejam diferenças sexuais, sejam diferenças sociais, sejam diferenças ideológicas. (...) Sou do tipo que eu aprendo muito fácil, tenho fácil absorção de informações, não tenho dificuldades em aprender. Gosto de tudo que é relativo à sociedade em geral, né. Eu gosto de saber porque tal lugar pensa assim, porque acontece isso nesse lugar. Tenho uma forma, isso foi uma coisa que nós aprendemos em família mesmo, que é a questão da solidariedade (...). Sou uma pessoa que eu evito todo tipo de alienação. Tanto que já faz quatro anos e meio que eu não assisto televisão, as notícias que eu recebo, ou eu leio no jornal, ou eu participo de diversos blogs de notícias, que é onde eu retiro essas notícias. (...) quando eu começo a conversar, a pessoa me dando liberdade, eu consigo levar uma conversa muito tranquila. (...) Eu gosto de

deslumbrar coisas novas, é... vislumbrar um mundo novo, digamos assim. (E7) E uma coisa que nasceu em mim, depois que eu perdi ele, mas que me ajuda e também me atrapalha, é a sinceridade. (...) tenho muita tranquilidade e muita facilidade de... como eu posso dizer, de... encantar as pessoas com a minha fala. Eu consigo destrinchar um texto, eu consigo conversar com tranquilidade. Meu amigo muitas vezes ele brinca que eu tenho a lábia, o poder da lábia, né..." (risos) (E7)

"(...) eu sou meio quieto eu não curto, sabe ficar saindo muuuito. (...) na escola assim, pra minha mãe, eu nunca dei trabalho pra ela não! Minha nota foi sempre boa, nunca tirei um C. (...) estudar ninguém gosta, né, mas tem que vim. Pra ser alguém na vida tem que vir na escola. Mas eu não gosto de estudar não! (...) matemática é mais difícil aí dá pra quebrar a cabeça. Aí é bom! (E8)(...) Futebol, área do futebol. Eu me vejo... quando eu tô no campo eu esqueço de tudo! (...) Ah, elas falam que eu rio a toa! Elas falam que não sabe o que acontece comigo que eu rio a toa. Se tem uns menino no campo eu começo a rir, divertir, tipo pra tirar, meio a atenção deles, assim. (...) Eu sou meio caladão, fico no escuro. (...) Tudo escuro mesmo! (...) Ficar assistindo filme! Eu chamo meu primo, aí quando o meu primo vai lá pra casa e fica jogando play. (...) Play Station".(E8)

"(...) O que eu gosto de fazer é isso. Ficar em casa, eu sou mais caseira (...) a minha qualidade eu acho que é porque eu corro atrás do que eu quero! Quando eu quero eu vou, quando eu não quero, como diz minha mãe, eu fico encostada. Porque assim, o que eu mais gosto de fazer, as vezes, é o que depender, do tempo. Aí, tipo assim, me dá uma atividade pra fazer, aí eu olho pra ela. Se eu gostei dela, eu faço, se eu não gostei, eu deixo pra lá (...) Aí eu acho que eu sou mais fechada, (...) mas eu acho que eu sou normal assim. Que do jeito que... eu não sei explicar!" (E9)

"(...) minha mãe me disse isso uma vez. Que eu sou tímido, porém quando existe algum assunto que eu ache de certa forma um tanto quanto interessante, eu começo a falar bastante! (...) eu começo a interagir mais!" (E10)

"(...) sempre fui aquele aluno exemplar (...) eles nunca precisaram vir à escola por causa de nada! O meu currículo é limpo! Não tem nada, nunca fiz nada de errado na escola! (...) Eu não sei por que, eu adoro escola! Adolescentes da minha idade não gostam de escola, eu adoro escola! Não consigo viver sem escola! Não consigo viver sem isso não! Sem aprender, eu não consigo dormir sem saber que não aprendi nada hoje! (...) eu não sou de reclamar, eu não reclamo de nada (...) eu nunca estudei pra uma prova na minha vida! Sempre tirei notas boas e nunca precisei estudar pra uma prova! (...) Me cobro muito! Me cobro muito! Se eu não consigo fazer alguma coisa, eu fico me cobrando (...) eu preciso ter um desafio, eu me cobro muito! (...) porque eu não gosto de colocar a culpa em ninguém por erro meu.(...) eu tenho muito pouca, não, eu tenho bastante autoestima sim! Sou muito calmo, não sou nervoso, não estresso com nada. (...) Gosto de mim, mesmo! Gosto de jeito que eu sou. Não queria mudar!..." (E11)

"(...) Eles me veem uma pessoa muito inteligente, muito inteligente, muito amiga.

Pelo menos eu vejo eles assim, né! Muito amigável com eles (...) não consigo fazer inimigos! Todas as pessoas que eu tenho, pelo menos que eu acho, tipo assim, eu nunca não gosto de ninguém, eu sempre gosto de todo mundo, não me incomodo com ninguém. Não sei, as pessoas pra mim não tem defeito! Não me incomodo com o defeito delas, não procuro! (...) Eu respeito, do jeito que a pessoa é! Religião, aparência, isso pra mim... a escolha delas, não me preocupo com isso! (...) Sou mais caseiro. (...) sou muito perfeccionista com algumas coisas”. (E11)

“(...) eu gosto de conversar com as pessoas assim, estudar... eu gosto de estudar... assim eu tenho as notas tudo boa, faço as coisas tudo, mas eu prefiro, eu gosto de escrever cartas, essas coisas, eu prefiro! (...) Gosto de trabalhar, eu não consigo ficar parada, se eu tô em casa, toda hora eu tenho que fazer alguma coisa (...). Ponto forte meu (...). É, bem persistente! (...) Eu me acho amigável! Quando as pessoas conversam bem comigo eu converso bem com as pessoas, trato as pessoas bem, não sou de tratar as pessoas mal, nem gosto que me tratem mal!” (E14)

“(...) eu me vejo assim, sou muito alegre, muito brincalhona, tudo eu levo numa boa, mas se eu vejo alguma coisa errada também eu não consigo ficar quieta. (...) Já me falaram muitas vezes assim: ah, todo mundo gosta da O., por isso e aquilo! (...) porque ela é linda, porque ela é toda estilosa, por isso, sabe, essas coisas? E eu sou muito carinhosa também com as pessoas. (...) gosto de tudo que eu faço! Se não gostar também, fica muito difícil de conseguir! (...) eu converso com todo mundo, numa boa (...) eu gosto de todo mundo, gosto de cada pessoa que tá em cada grupo. (...) mas fico na minha pra num envolver muito, que cê começa a envolver muito num grupo, aí o outro acaba ficando de lado, aí cê vai, se envolve, fica aquela coisa: nossa, a O., é falsa, O., é isso, O., é aquilo! (...) E eu sou apaixonada com atividade física, com exercício, sei que isso dá um bem estar muito grande pra saúde. (...) Eu fazia, eu era tipo, viciada mesmo, mas tem sete meses que eu tô parada, eu parei por causa de lesão, eu pegava muito pesado, tive que parar.” (E12)

“(...) eu sou a pessoa menos tímida do mundo! E eu consigo fazer muitas amizades muito fácil! (...) Eu sou muito extrovertida, muito alegre, muito tudo, zuo com tudo (...) Eu acho que eu sou muito amiga (...) Sou uma pessoa totalmente contra regras, eu sou totalmente contra regras! (...) Eu me sinto livre e eu gosto de ser livre. (...) E minha mãe me dá essa liberdade! Não mexo com coisa errada, essas coisas assim, liberdade as vezes associada a essas coisas (...) eu sou, direita (...) tô sempre buscando ficar em paz, com as pessoas!” (E13)

Subtema: Características pessoais que denotam incômodo

“(...) É, sou muito nervoso. (...) Xingo véi, xingo muito! (...) tem coisa que me deixa muito nervoso, sabe! Tipo quando (...) prejudica a gente assim... eu fico muito nervoso! Nó! (...) Alguma coisa que... quando alguém que eu tô do lado é prejudicado... ah eu fico muito nervoso! (E2) (...) eu fico muito nervoso com algumas situações de...como eu posso falar? Tipo roubo, sabe? Tipo algum... igual ontem quando eu tava no estádio! (risos) O juiz roubou... quê que eu fiz? Xinguei o

juiz! Eu sei que ele não estava me escutando, mas a gente se expressa assim!” (E2)

“(…) atualmente né, porque antigamente eu era uma pessoa muito mais fechada, mas atualmente, o que eu posso falar de mim. Eu sou uma pessoa que eu evito contato com muitas pessoas. Sou uma pessoa ainda fechada. (E7) (...) sinceridade (...). Muitas vezes as pessoas não estão precisando da sinceridade. Elas estão precisando do conforto”. (E7)

“(…) Defeito eu não tenho nenhum não!” (E8)

“Meu defeito, acho que é por ser ciumenta demais! (...) Ah, falam, quê isso, que eu sou impaciente, que eu não tenho paciência. Que tipo assim, tem hora que eu falo as coisa errada, aí fica: oh sua burra! Ai as vezes tem hora que eu não sei como me expressar e fico lá assim, falando bobeira!” (E9)

“(…)É porque na família, eu sou, pra família inteira, eu sou aquela criança, aquilo ainda, sabe! Aquele aluno exemplar, aquele menino que faz, que é bonzinho, não sou a ovelha negra da família. (...) eu não queria fracassar! Não queria mostrar pra eles que eu fracassei! (...) é a única dificuldade que eu tenho com eles é isso, mostrar o meu fracasso! (...) se eu começar a ficar nervoso eu realmente começo a passar até mal! Porque eu custo ficar nervoso, não fico nervoso com nada, nada me deixa nervoso, exceto isso! (...) eu não sou muito aberto (...) sou meio antissocial.(...) Bem antissocial! (...) Esse negócio de fracassar pra mim, eu não consigo colocar isso na minha cabeça! (...) Não conseguir fazer alguma coisa! Tudo que eu tento, é, tipo assim, se eu não vou, eu não consigo... sei lá, não consigo lidar com o fracasso. (...) eu sou muito preguiçoso, eu reclamo, eu mesmo reclamo muito disso, mas não consigo sair dessa vida, de preguiçoso. (...) A hora que eu acho que eu devia tá fazendo alguma coisa... eu sou muito pouco sem ação, tem hora que eu sou muito desmotivado! Me desmotivo muito fácil por coisas bobas! (...) é muito forte, as vezes eu deixo de fazer alguma coisa, por causa dela, (...) e eu não gosto disso!(...) Alguns hábitos meus eu queria mudar, mas são muito poucos! (...) a falta de motivação, isso pra mim eu acho um defeito, que é... não sei, a falta de motivação acho que é a maior que tem! Eu também queria ser mais sociável com as pessoas, isso eu acho um defeito! Eu queria ser mais aberto também, é um defeito. (E11)

“(…) sou hiperativa, agora tô: e aí? (...) tem aqueles momentos, bege, que cê senta e fica: Aff, minha vida! (...) Sou muito chata! (risos) Porque as vezes, zoando demais, hiperativa, brincando, pulando, aí as pessoas: chega L, chega! (risos). E sou muito rueira. Minha mãe fica louca comigo, porque eu quero sair todo final de semana! Agora não mais assim, não tanto mais. Mas ainda peço, pra ir na casa de todo mundo, final de semana. Nossa L, de novo, todo final de semana?” (E13)

“(…) Um defeito meu... é ruim a gente pô defeito na gente, né?” (risos) (E14)

Subtema: Dificuldades no relacionamento interpessoal

“Eu num gosto de... sabe quando a pessoa não conhece do assunto e começa a falar? (...) Eu odeio isso véi! Odeio isso! Isso me deixa nervoso! A pessoa não conhece das coisa e começa a falar sobre aquilo!” (E2)

“eu não me contento com poucas coisas, eu não me contento em simplesmente, é isso e ponto final, não me contento, por exemplo, com uma explicação muito fajuta, eu gosto que a pessoa se existe forma de explanar aquilo ali um pouco mais, eu gosto que ela faça isso. Odeio respostas, por exemplo, porque tem que ser assim!” (E7)

“o meu problema, o meu defeito é... tipo... dizem né! Que eu sempre acho que eu tô certo! (risos)”. (E2)

“(...) Vários defeitos! Um deles, por incrível que pareça, não a maioria das vezes, mas é achar que eu tô certo! Não é a maioria das vezes, mas tem hora que eu sempre vou achar que eu tô certo, porque é aquela ideia que eu tô impondo e, vai ser aquilo e acabou! (...) É, aquela ideia vai ser a melhor de todas! Porque no final eu vou até, não é que eu vou me garantir, mas eu vou ter a confiança de que vai dar certo!” (E10)

“(risos) Eu... eu sou bem, de certo modo, calminha assim, mas de vez em quando também, se for pra, se eu sei que uma coisa é uma coisa eu vou até conseguir fazer isso!” (E14)

“Às vezes, a coisa que eu mais abomino é a ignorância e eu às vezes sou ignorante. Mas eu não sou ignorante em questão de julgar alguém. Tipo assim, as vezes a pessoa fala assim: ah eu não consigo, ah eu não gosto... se eu tiver conversando com ela... as vezes eu acabo sendo ignorante, não de raiva nem nada não... eu não sei explicar... acho que sim. Eu sou meio suspeito pra falar dos meus erros. Acho que, meus defeitos é justamente com a questão da minha dificuldade.” (E6)

“(...) Ah, na hora que acontece alguma coisa que eu não gosto que eu fico meio ignorante! (...). É, isso eu não curto muito não. (...) Começo a tratar as pessoas diferente, ignorante mesmo! Quando acontece alguma coisa comigo que eu quero descontar em alguém. Isso eu tô... tirando um pouquinho.” (E8)

“Sou impaciente demais! A pessoa falou comigo alto, já fico assim... vontade de responder alto, mas cê tem que ficar calado! Impaciente! Não tenho assim, como é que eu falo, eu... a pessoa assim, faz alguma coisa com você cê sente aquela raiva, tipo um rancor, as vezes. Aí cê fica guardando aquilo lá. (...) Eu guardo, aí a pessoa vai me irritando eu vou guardando mais ainda! Aí eu vou descarrego e acaba virando ódio da pessoa! (...) minha mãe fala (...) comigo: nó cê é ignorante demais! Eu falei: isso é de família! A família do meu pai é ignorante, minha mãe, é de família! (...)” (E9)

“Eu tenho (...) não vou dizer pavio curto, eu não sou pavio curto, mas é que certas coisas me irritam, tipo, uma pessoa que critica demais, assim! Critica até onde não

tem necessidade de criticar! Eu me irrita com essa pessoa, se ela começar a botar defeito em tudo, eu irrita com essa pessoa, se ela começar, sei lá, falar coisa que não me agrada, eu me irrita com essa pessoa.” (E10)

“(…) pra alguns problemas eu não sou muito paciente não, tento resolver o mais rápido possível, pra não me atrapalhar em outras coisas, que eu tento fazer. Qualquer coisa que eu tento fazer e tiver um problema, eu tento acabar com o problema rápido pra conseguir fazer o que eu quero! Ficar livre, digamos assim, né!” (E11)

“(…) sou calma, as vezes eu me estresso e não consigo controlar, mas a maioria das vezes eu tô calma!” (E12)

Subtema: incongruência entre autoimagem e imagem que o outro supostamente tem

“(…) eu sou meio controverso, que eu (...) prego a ideia de que todos nós temos ciência do que a gente faz. Então, muitas vezes, por exemplo, falar que um traficante, (...) porque a sociedade o ensinou isso, eu não aceito! Porque eu acho que se ele quisesse, ele teria tomado outro rumo. (...) mas de uma forma ou de outra a sociedade molda muito o pensamento da gente, o quê que a gente é, o que a gente escolhe”. (E7)

“(…) Nem sempre como eu me vejo... às vezes é como eu me comporto. Mas eu luto contra mim, pra eu me comportar da forma que eu me vejo. (...) a forma que eu me vejo, é (...) uma pessoa que (...) quer muito! Fazer o bem ao próximo! (...) Quem me conhece de verdade, de verdade mesmo, quem sabe quem eu sou, sabe assim, que eu só quero ajudar, essas coisas assim... Então eu acho que às vezes... não vê tanto defeito. Eu acho... eu acho! Mas é... quem não me conhece de verdade, e conhece só às vezes e, vamos supor, conhece alguma coisa que eu falo, mas eu acabo errando na justa hora que a pessoa tá olhando... aí parece que eu sou falso. Mas eu posso ser qualquer coisa, eu posso errar, eu posso fazer bosta, mas a única coisa que eu não sou é falso! (...) Mas (...) talvez é que eu fale uma coisa que eu não vivo, entende?” (E6)

“(…) Se eu soubesse como é que eu sou mesmo eu teria resolvido os meus problemas tão fácil! Mas até eu me confundo! Sou complicado. Ajo diferente em cada situação. Dependendo da situação eu posso agir ou com seriedade ou tocando o foda-se. (...) Eu não sei definir isso em uma palavra. Mas eu vejo assim, tipo eu mudo dependendo da situação. (...) Por eu agir em cada situação de um jeito, eu acabo passando uma imagem ruim as vezes... porque a pessoa acaba assim (...) fica com uma imagem ruim de mim também. (...) Altas coisas que eu já me envolvi também! Porque acabou todo mundo sabendo, aí acaba queimando o filme. A sociedade só sabe criticar, ninguém olha pro próprio umbigo” (E1)

“(…) Porque eu, por exemplo, tentar brandar uma situação, tentar simplificar, eu posso ajudar a pessoa por instantes, mas se a situação cair pro lado dela ela vai sofrer mais do que se eu já tivesse a preparado. Então é o que me atrapalha e que muitas vezes ficam com a visão que eu sou arrogante, né. A visão, tipo: você não

é sincero, você é arrogante, não podia falar assim.” (E7)

“(…) pra ser sincero eu acho que eles me veem de um jeito muito deturpado. (...) De um jeito diferente do que eu realmente quero demonstrar, do que é. Porque, eu sou uma pessoa assim, eu sou do meu jeito, porém eu tento demonstrar que eu sou de outro jeito. Aí, eu imagino que eu faço as pessoas me verem de um jeito totalmente deturpado. (...) eu quero demonstrar que eu sou uma pessoa prestativa, que eu posso ajudar. Eu quero demonstrar também que eu sou uma pessoa, de certa forma, inteligente. Porque, na verdade, esse de certa forma por quê? Eu não sou inteligente pra caramba! Pô, eu não nasci sabendo tudo, mas eu sou inteligente! Só que, quando algumas pessoas enxergam essa parte, eles me veem de certa forma como se eu fosse exibido! (...) um modo de exibição, pra chamar atenção!” (E10)

“(…) Muito complicado responder. Que às vezes eu tenho uma visão de mim que é completamente, não é o que é! (...) Tem sempre, uma característica minha, que só as outras pessoas que percebem. E tem coisas que eu percebo e as outras pessoas não sabem. Não é todo mundo que sabe que eu sou muito extrovertida! E também não é todo mundo que sabe que às vezes eu fico muito triste. E tem coisas que as outras pessoas também percebem, que eu não sei o quê que é! Eu sei que tem mas eu não sei o quê que é também. (...) Como eu trabalho, estudo, vou na igreja ainda, faço um monte de coisa, não paro quase nunca no dia, o povo me vê como se eu fosse muito responsável, conseguisse lidar muito bem com as coisas, e muitas vezes não é isso! Eu tenho as minhas dificuldades! (...) essa coisa de todo mundo achar que eu sou muito responsável, que faço as coisas assim, muito certinha, nem sempre é isso que acontece!” (E12)

Crenças de auto-eficácia – capacidade de resolução de problemas

“(…) Ah muito! Muito! É... eu consigo vencer qualquer coisa! Qualquer coisa! (...) Olha, eu acho que assim, que eu sou capaz, sabe? Sou capaz de vencer! Mas eu só sou capaz de vencer... só porque eu tenho uma segurança que é Deus, entende? (...) Só por causa disso! Eu vejo! Se eu não tivesse eu não ia ter uma segurança e ia perder do mesmo jeito. Como é bom ter uma segurança! Como é bom! Porque... cê... entenda. Tipo, é como um namoro e cê ter segurança que essa pessoa pode estar com você, entende? Mas eu nem tenho essa segurança também, por causa que... (risos) Do mesmo jeito que ela pode errar, entende? Da mesma forma que a gente tem nossas fraquezas. É por isso que até na bíblia mesmo fala que a gente, tipo assim, fala que não é pra confiar no homem. O homem é falho também, entende? Eu posso confiar, mas eu vou confiar assim, do mesmo jeito que cê confiou, ela erra, cê pode perdoar ela. Mas eu só tenho a segurança porque Deus é perfeito. Se ele é perfeito, como ele pode errar? Então é uma segurança que é 100%. Então é por causa disso.” (E6)

“Olha, sim. Eu me acho... porque... tem uma coisa que... eu sou uma pessoa muito calma, sou uma pessoa muito tranquila pra resolver. Meu nível de tolerância é muito alto. Eu acho que isso, muitas vezes, até me atrapalhou um pouco, mas eu acho que sim, porque eu consigo rever uma situação 10, 15, 20 vezes, antes de tomar uma decisão (...) Então assim, e as minhas decisões, elas são decisões

assim, como eu posso falar... vistas por cima. Eu não... como eu posso falar assim, eu tomo a solução rápida, não a solução que a pessoa quer, a solução que a pessoa precisa, digamos assim. E uma dificuldade dentro da minha casa eu falo: pra resolver é isso! Muitas vezes pode não ser o que... por exemplo, o que minha mãe deseja, o que as minhas tias desejam. Mas pra mim, é um melhor meio. E isso tanto em problemas comigo, né, na minha vida pessoal, quanto também pra ajudar as pessoas. (...) Eu acho que as coisas, se você tem um objetivo, você consegue fazer as coisas melhor. Então, eu, por exemplo, eu falo: eu vou tentar fazer isso desse jeito, ou eu faço daquele... não! Eu acho que se você, tendo um objetivo, tendo uma ideia... eu vou fazer desse jeito, isso e isso, você pode fazer mais de um plano, você pode ter, por exemplo, dois objetivos... um objetivo, diversas formas de ir, mas desde que você cumpra aquelas formas de comportar, de verdade, porque eu acho que uma vida sem (...) Então eu acho assim... os objetivos são o que movem as pessoas. Os objetivos é que movem e moldam as nossas vidas". (E7)

"(...) Quando eu quero eu corro atrás! (...) Eu falei com o meu pai, tô doida pra fazer dezoito anos! Porque que esse trem não deixa ser quinze, dezoito anos, de maior. Porque tudo tem que ter assinatura do pai! Aí eu fui no banco do Brasil pra abrir conta, igual esses dias, não deixaram eu abrir porque eu tenho 15 anos, aí eu tinha que ter assinatura do pai. Aí eu falei, ah!Tudo! (...) pra fazer uma prova, tem que ter a assinatura do pai, fazer qualquer coisa, tem que ter a assinatura do pai! Acho que, eu me incomodo com isso! Eu falo com ele, tô doida pra chegar 18 anos. (...) Minha mãe fala: cê que passar na frente de tudo, mas cê sabe que você não pode, cê não consegue fazer isso! Aí, fazer o quê né?" (E9)

"(...) Eu diria que de certa forma eu sou determinado, porque quando eu quero alguma coisa eu procuro buscar ela". (E10)

"(...) eu adoro desafio! A vida sem desafio é meio sem graça! Cê tem que ter algum desafio! (...) Acho! Muito capaz de lidar com situações difíceis! Sempre, que nem eu te falei, sempre de uma maneira rápida e ágil. Não esperando muito, não gosto de esperar muito. Pra esse tipo de coisa sou muito paciente..." (E11)

"(...) eu acho que eu sou muito capaz de resolver alguns problemas meus. Eu acho que... todos... acho que sou capaz de resolver, tenho mais facilidade com isso!" (E13)

"(...) Eu acho, eu acho, eu gosto de resolver os problemas! (...) eu paro pra pensar no quê que eu posso fazer e como eu posso fazer! Porque se a gente começar a fazer tudo de cabeça quente, a gente não resolve nada! Igual, eu tô com um problema aqui assim agora, aí eu faço a primeira coisa que vem na minha cabeça, aí depois eu penso: nossa não deveria ter feito isso! Então é melhor a gente pensar antes de fazer do que fazer e depois pensar e ver que poderia ter feito diferente! Que é bem melhor, que a gente pensando nas coisas, resolve mais fácil, bem mais fácil!" (E14)

TEMA: Percepção sobre a "sociedade"

INFERÊNCIAS: Marcam pontos negativos da convivência em sociedade: consumismo, influência negativa da mídia, intolerância às diferenças, fofoca, *bullying* e outros.

CATEGORIAS:

1. “A gente tem uma visão fechada”
2. “Eu não sei o que que dá na cabeça da sociedade”
3. “Muita gente pensa o que quer pensar dos outros”

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

" (...) Hoje em dia todo mundo, o povo usa porque acha que é moda, né! Onde que eu moro, principalmente (...) todo mundo usa, acha que é moda usar, aí vai usar também. Mas não pensa nas consequências. Porque poderia usar de um modo certo (...) porque tem até uma doença que cê dá umas crises lá, eu vi até uma reportagem de um menininho, que ele usa isso, porque ele dá as crises dele, ele dá convulsões! (...) Muitas convulsões por dia! (...) aí ele pode usar. Porque aí é como se fosse uma coisa medicinal, que ia tá ajudando ele a não ter isso. Mas agora o pessoal usa pra ficar viajando assim... posso dizer! (...) Conheço muita gente! Nessa escola mesmo, tirou a gente lá do terceiro bloco, pôs no primeiro bloco, do terceiro ano, porque os meninos tava tudo usando droga lá debaixo no banheiro! Continua né, mas não é o terceiro ano, é o primeiro ano e eles nem pensam nisso, mas é. Eu acho que muitos vão por influência, não sabe nem o quê que tá fazendo, vai experimentar, aí o outro: vão de novo, vão de novo, aí continua indo e quando vê já não tem mais... quando vê já tá roubando, já tá fazendo isso, fazendo tudo! É assim!" (E14)

“(...) a mídia né! Porque todo mundo tem uma televisão em casa. Todo mundo chega em casa e a primeira coisa que faz, liga uma televisão. Já pensou se todas as emissoras de tv passassem conteúdo pra gente? Ao invés de coisa aleatória? A gente ia formar uma sociedade bem melhor ué! (...) Porque olha o quê que a Globo passa? A Globo é a mais, a que tem maior audiência. O quê que ela passa de interessante? Me fala uma coisa! Não passa nada! (...) Passa novela, passa programa ruim... Faustão! Casseta e Planeta! Quê que isso traz de conteúdo pra gente? Tinha que ter conteúdo ué!” (E1)

“(...) na hora lá ele pode até tá achando que é uma coisa legal, mas isso acaba destruindo ele. Tomara que seja passageiro, só de idade. Mas isso muitas vezes pode levar, assim, o cara ficar viciado, entende? E destruir a vida por causa disso! Que é uma coisa, né? Por quê? Poderia ser evitada? Poderia”. (E6)

“(...) Eu acho que tudo é droga! Tudo que altera o ser humano: álcool, tabaco, qualquer outra coisa, droga de laboratório. Tudo isso é a mesma coisa pra mim. Não tem dessa de bebida é liberado, cigarro é liberado. Acho que tudo de uma certa forma acaba um pouco com a gente. (...) Acho que a sociedade devia parar de olhar desse jeito. Olhar que tipo ah... bebida pode e maconha não pode, cocaína é errado também, crack é errado... véi, tudo é de uma forma errado. (...) por exemplo (...) bebida. Você pode ter um certo controle. Muita gente tem controle. Cigarro, eu já acho que não compensa. Eu já fumei cigarro. E ele não traz nenhuma coisa assim, de especial pra você. Maconha também. Maconha, das

outras que eu já pesquisei ela também não faz tanto mal, tanto é que vários países estão liberando e a gente tinha que parar de olhar as coisas do jeito que a televisão fala (...) que as outras pessoas falam. O menino tá crescendo... uma vez eu vi minha irmã falando. Minha irmã tem 4 anos... falando: ah, olha ali a favela (...) ali só tem bandido! Aí eu falei assim: como assim ali só tem bandido? Aí ela: só tem bandido, traficante, estuprador, homem mau. Aí eu olhei pro meu pai e falei: foi você que ensinou isso pra ela? Aí ele ficou calado... aí olhei pra minha mãe: você também? Aí ela falou: ela não tá errada não? De onde cê veio sô! Cê veio da favela também... aí... sabe... não é só sobre droga! Acabei que eu falei que era sobre droga mas é sobre tudo!" (E1)

"(...) O que a sociedade nos passa (...) através da mídia, por exemplo. É o consumo, eu vou comprar isso, comprar aquilo, comprar aquilo... vai moldando a ideia de que comprar é preciso! (...) Então assim, influencia exatamente por isso. Porque eles tornam aquelas coisas que não são elementares como coisas essenciais à sua vida. Que é... atualmente, seria consumir... seria ter um carro do ano, seria, é... ouvir certo tipo de música, gostar desse tipo de música. Então a influência diretamente é essa! É a necessidade da sociedade tentar colocar em você o quê que você deveria ser. (...) músicas que incentivavam coisas boas (...) tão sendo perdidas, tomando espaço pras músicas que tratam mais sobre o ter, o poder, e não sobre o fazer". (E7)

"(...) a gente tem uma visão fechada. O que a outra pessoa fala pra gente e a gente acredita, a televisão fala a gente acredita. Acho que é uma coisa que a gente tem que acabar. Se a gente acabasse com isso ia melhorar, ia acabar com 80% dos problemas do país". (E1)

"(...) As pessoas (...) que formam um local, tipo escola, uma rua, um bairro, as pessoas. Gostam de se juntar e sempre apontar os defeitos umas das outras. (...) E mal sabe elas que as próprias pessoas que elas apontam o defeito falam delas também". (E1)

"(...) quando vai um artista tocar tambor, esse tipo de coisa, não pode começar a tocar o tambor que já começa aquelas falas... é macumba, ah é obra pra Satã isso aqui e tal. A gente nota. Isso há muitos anos. Eu acho que desde que eu vim pra cá eu notei isso. (...) O que ensina o jovem é a família e a sociedade. Eu tive sorte que eu nasci em uma família totalmente tranquila nessa questão, mas eu tenho, por exemplo, amigos que tiveram que esconder seus pensamentos por muitos anos! Por quê? Poderia ser mandado pra fora de casa (...) então eu acho que os próprios pais não estão preparados pra essa mudança". (E7)

"(...) quando eu assumi a minha postura, ateuísta, quando eu assumi minha postura apartidária (...) o número de pessoas que conversavam comigo, diminuiu drasticamente! (...) Pessoas que eu conheço há 15 anos que, quando eu falei isso, as pessoas se afastaram. Porque tem aquela visão de que aquilo é ruim, de que aquilo faz mal pra mim, isso e aquilo". (E7)

"(...) Vários lugares aqui em Lagoa Santa, todos os lugares acontece alguma

coisa! Tem até um aplicativo, *Secret*, que o povo tava fazendo uma coisa muito, feia, que eu não gostei nada do que aconteceu, o povo fazendo muita fofoca, falando muita coisa, chamando todo mundo de piranha! Eu falei: gente, quê que é isso? Pra quê isso! Não tem necessidade essas coisas! E eu acho que o povo precisa, que é todo mundo, tá novo ainda, e como a cidade é pequena, tem aquela coisa assim de interior, que todo mundo sabe da vida de todo mundo. E todo mundo, hoje, eu vejo que com o capitalismo muito em cima, assim, todo mundo tem uma inveja muito grande do outro! Então fica fazendo fofoca, fica fazendo coisas que desagradam, não só a pessoa que tá recebendo, mas a própria pessoa, ela tá se ferindo fazendo esse tipo de coisa! Então é em todos os lugares, na outra escola que eu estudava era assim, aqui, academia, tudo quanto é lugar!” (E12)

“(…) O *bullying* é muito sério cara! Mas tem coisas que é brincadeira e tem coisa que é bullying! Não é tudo que é bullying não! (...) tem coisa que é brincadeira! Se você tem um amigo gordo, você chama ele de gordo quer dizer que é *bullying*? Não véi, isso não é bullying! Tem gente que leva na brincadeira, véi! (...) eu vejo o racismo mais como preconceito sobre cor! Pele (...) eu acho que... tipo... negro. Eu sei que eu não sou negro. Eu sei que eu sou moreno. (risos). Mas... branco, tipo... a pessoa que é branca, se você chamar ela de branquela... é melhor do que você chamar uma pessoa de preta! É muito mais forte você chamar uma pessoa de preto do que chamar uma pessoa branca de branquela! E o *bullying* véi, já é tipo... aparência, sabe? Acho que o racismo é mais cor mesmo! O *bullying* é mais aparência da pessoa!” (E2)

“(…) Até num país aí que... se todo mundo branco, sei lá. (...) Se aparecer um negro lá véi... eu não sei o quê que dá na cabeça da sociedade assim não, porque acontece muito véi! Acontece muito da pessoa tá lá de boa lá... aí... Sofrer um racismo véi, deve ser chato demais! Um momento desse assim, que não tem ninguém pra te defender, sabe? Não vai ter ninguém lá!” (E2)

“(…) porque muita gente pensa o que quer pensar dos outros! Mas essa gente não vê o que realmente há de real nelas! Muita gente vê o lado superficial de uma pessoa, ao invés de enxergar, sei lá, qualidades, mas também, a gente tem que enxergar os defeitos dela, porém, as qualidades devem vir em primeiro lugar. Por quê? Se a gente enxergar só os defeitos na pessoa, a gente vai se tornar uma pessoa muito crítica, a gente só vai olhar: não, aquela pessoa é muito chata, não quero andar com ela; não aquela pessoa ali é muito mesquinha, não vai ser legal também”. (E10)

TEMA: Percepção sobre políticas públicas

INFERÊNCIAS: No geral apresentaram uma visão negativa sobre as políticas públicas (saúde, educação, assistência social, pouca oferta de possibilidades de lazer, esportes, cultura) e a relação estabelecida com o poder legislativo (vereadores) da cidade. Com relação às propostas para a melhoria de saúde dos jovens, apontam para a criação de espaços específicos para este público que estimulem a convivência com as diferenças

CATEGORIAS:

1. “Eles não ensinam a gente a ser cidadão fora da escola não” X “Em geral foi uma boa escola para a minha formação”
2. “ A assistência social daqui é totalmente despreparada”
3. Saúde: “Não é uma segurança que cê tem!”
4. “Falta um atrativo” na cidade
5. Políticos: “não tá qualificado pra conversar com o jovem”
6. “Acho que tudo pode melhorar um pouco”

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

Subtemas: Educação e Assistência Social

“(...) Na escola que era o lugar pra gente ser educado. Tipo assim, educação vem de casa, não se aprende. Mas se a gente tá... assim... tipo... a escola é uma aprendizagem né véi! Mas eles ensinam a gente o básico... o básico do básico mesmo! (...) Não ensina a gente... tipo assim, eles ensinam a gente a viver lá dentro da escola! Depois que a gente sai do portão... eles não... tipo... não tamo nem aí pra você né! Eles não ensinam a gente a ser cidadão fora da escola não! Eles não ensinam a gente que... fora da escola... pô véi, é... vão parar aqui hoje: a aula é sobre droga! Não mexam com droga porque drogas é ruim! Fim da aula! Tipo... acabou a aula! (...) Tipo... porque que eu não vou mexer com droga? Porque que eu não vou matar? Nó véi... não vou matar! Matar é crime né! Ah bom! Deixa uma pessoa... tipo assim... fazer alguma coisa com você! (...) A pessoa devia ser educada na escola pra tudo que acontece no mundo (...) na vida dela! Não pra viver ali e aprender português e matemática! Aprendendo a falar sua língua! Não véi! (...) Eu acho que não! Pô não é tipo (...) desmerecendo isso não...longe disso! Claro que não! Muito importante mesmo! (...) Mas eu acho que eles deviam ensinar a gente primeiro a viver no mundo! Não deixar o mundo ensinar a gente a viver! (...) devia ensinar a gente a viver nesse mundo!” (E2)

“(...) A escola não tem uma estrutura... eu acho que a forma como a escola é hoje não tem uma estrutura muito boa... essas coisas assim. (...) Assim... eu acho que a escola, ela é muito... não prepara a pessoa pra vida em si. O que a gente aprende na escola a gente usa na escola e também algumas coisas, por exemplo, alguns professores... eles são muito inteligentes, tem professores que são inteligentes, mas não tem a didática pra poder dar aula. Eles não sabem como ensinar. E por exemplo, tem professor que chega na sala, passa o livro pra você e é só isso. A escola também não tem estrutura pra ter uma aula... alguma coisa diferente, então fica muito cansativo e acho que muitas pessoas desistem de estudar, alguma coisa assim, por causa disso. Porque acham que não vale a pena, pelo tempo que você passa na escola, você poderia aprender mais coisa que fosse útil, mas acaba que não tem isso pela falta de estrutura...(...) falta de professor adequado, falta de infraestrutura mesmo... da escola num... por exemplo, na minha sala lá, a quadra é do lado da sala. Então algumas aulas a gente praticamente não consegue ter aula... por causa do barulho.. (...) O barulho é muito alto, professor desqualificado... essas coisas. ”(E4)

“(...) eu tenho, o que eu posso falar é de orgulho de ter me formado lá. Por quê? Porque eu aprendi as coisas lá. A ideia de que a escola era violenta, isso e aquilo, morreu, eu posso dizer que ela morreu quando eu entrei. Porque foi quando eles

trocaram a diretora e a outra diretora tinha o pulso mais firme! Então, resolveu vários dos problemas da escola. (...) Então assim, essa escola pra mim foi boa, pra minha formação, foi aonde eu criei, o que eu chamo de amigos verdadeiros! Porque são pessoas que, digamos, moldaram a minha personalidade. E foi também onde conheci professores que assim, é... como é que eu posso falar assim, que me ensinaram muitos sentidos, muitas visões, um professor de filosofia, por exemplo, ele falava muito bem!. (...) Então assim, foi lá que eu criei muito de... vi muitos problemas, vi obviamente, isso é normal. Mas... em geral, foi uma boa escola pra minha formação. (E7)

"(...) E, então assim, o grande problema da escola é o problema que todas as escolas enfrentam, que é a falta de material pra dar aulas. (...) Eu tive professores muuuuito bons, que tentavam, por exemplo, trazer uma aula mais interativa, mas que eram barrados, porque a escola não tinha... um projetor pra utilizar, não tinha... por exemplo, inglês. Que na minha opinião, ainda é uma besteira colocar no ensino... na escola. Porque não tem livro de inglês, não tem... eles não dão aquela aula, por exemplo, pôr um sonzinho, colocar uma música em inglês pra pessoa tentar decifrar. (...) Uma aula também que o governo não dá muita... tanta importância, eu acho que era uma aula que resolveria muuuuito, muitas questões nas escolas é a aula de filosofia. E a gente vê que nem o próprio aluno se motiva. Por quê não se motiva? Porque o professor já não tem como passar aquela aula de uma forma dinâmica, porque não tem, ele não tem material necessário". (E7)

"(...) educação de Lagoa Santa é uma educação excelente! Por exemplo, não existe escola ruim, existe aluno ruim. Realmente existe alguns professores que... mais são pouquíssimos, é a minoria, muito menor mesmo, 1% de todos!" (E11)

"(...) Essa escola, ela teve, durante muitos anos, uma imagem muito negativa! Por quê? Por ela ser uma escola que fica próxima a uma grande periferia, então, acontecia muito daqueles casos, aqueles antigos casos que acontecem atualmente nas escolas que é uso de drogas, muita violência. E... só que na minha condição, era a única escola próxima a mim (...). Mas eu, quando eu entrei nessa escola, o que eu percebi foi que era mais fofoca do que realidade, o que elas falavam. É tanto que até hoje, se você for comentar com um desses meninos o nome dessa escola, eles vão falar que é uma escola violenta, isso e aquilo. (...) A gente só teve problemas no último, nos últimos anos, referente à greve de professor... mas isso não é uma coisa relativa apenas a ela". (E7)

"(...) Ano passado ele só deu um caderno e olhe lá! Deu um caderno e a gente falou: a gente vai escrever com o quê no caderno? Que só foi um caderno! (...) Falta, verba pra todas as escolas! Porque eles preocupam em passar tinta! Mas o cimento mesmo eles não estão passando! Porque hoje tem escola que tá com goteira, tá com luz quebrada, tá com tudo. Aqui, é pelo governo, então não tem como a prefeitura ajudar. Agora, as municipais também tão nessa situação! (...) Tá pior do que as estaduais! (...) Como eu estudei lá o ano passado, ano passado tava bom! Foi no Dr. Lundhi. Lá, como foi o R que começou a obra, ele só inaugurou! Colocou um auditório, colocou a quadra, sala de informática e tudo. Agora, eu acho que assim, não é porque a escola é central que as outras escolas não precisam

disso, porque do mesmo jeito que ela vai do primeiro ao nono ano, as outras também vão! Então todas tem que receber esse apoio! Porque o R começou uma obra e pretendia fazer todas, mas só que o F não deu continuidade!” (E9)

“(…) aqui na cidade a gente não tem instituição com força o bastante pra poder ajudar a população. A assistência social daqui é totalmente despreparada. (...) Nós tivemos um problema, um tempo atrás, relativo à Bolsa Família, né. Foi um problema relacionado à escola,! (...) teve um período em que a escola mandou que ele tinha faltado. E como hoje em dia tudo é integrado em sistema, não é mais aquele bom e velho "F", e tal, o que acontece? Acontece que caiu no governo que eles tinham faltado taaantos dias! Aí o quê que aconteceu, deu problema, minha mãe tentou resolver... aí falou, ah, tá resolvido. Aí o benefício não veio. Então minha mãe tentou novamente, o benefício não veio. Aí depois eles começaram... aí depois de muito tempo, minha mãe... ah, procura direto a assistente social da cidade! A qual falou que não era com ela, era com as secretárias dela, então ficou naquele jogo, vai pra um lado, vai pro outro. E aí depois, por último, eles falaram que tinha relação com o meu salário de aprendiz, sendo que eu sei que isso não tem relação direta”. (E7)

"(...) aqui na escola, eu vejo que tem muitas diferenças e o povo não sabe lidar com essas diferenças! (...) Tipo assim, tem sempre aquela coisa assim de, eu converso com todo mundo, numa boa! E quando cê tem escola, normalmente tem aqueles grupinhos fechados. (...) Se você conversa com um você não pode tá conversando com o outro”. (E12)

Subtema: Saúde

“(…) Eu, graças a Deus passo muito pouco mal. Mas eu vejo o pessoal que quando passa mal, que acontece alguma coisa de ruim e vai lá... buscar né, ajuda do hospital e tal... eu acho assim, que a empatia que o pessoal tem é muito ruim! O pessoal não se preocupa. Porque não é com eles, né? Agora, se todo mundo fosse olhar assim: não, poderia ser comigo, eu tenho certeza que seria diferente! (...) acho que todo esse desleixo de questão de saúde (...) é culpa da gente mesmo que vota nos políticos errados (...). E eu acho ruim, porque tipo assim, não é uma segurança que cê tem! Vou no hospital. Todo mundo fala: vai demorar! O povo fala, né? É o que mais acontece!” “(...) Mas do mesmo jeito, tem gente que quer ajudar e tem gente que não tá nem aí! E... tem várias questões! Acho que também falta muita coisa... igual quando o pessoal fica assim, nos corredores... Aqui eu quase nunca vou em hospital.(....) eu não entendo quando fica lotado e às vezes não dá o suporte pra pessoa, não sei porque”. (E6)

“(…) eu até que tenho uma saúde de ferro! (...) eu acho que a última vez que eu tive que passar no hospital faz uns 4 anos! (...) eu não tenho muita visão sobre a situação, mas por exemplo, eu tenho primos que tem problemas, que eles tem que ir mais vezes, ou mesmo minhas sobrinhas, quando adoecem, muitas vezes eu vou levar, eu vejo, por exemplo, uma garota de 17 anos que tá grávida. Ela vai tentar conversar, o quê que eles fazem, eles tratam ela como uma adulta. Eles tratam ela como se ela já tivesse ciência total de tuuudo que devia fazer e tudo que ela fez. (...) Então não tem um profissional pra conversar, perguntar a ela o quê que tá

acontecendo... o quê que se passa na mente dela! Psicólogos aqui na cidade, mesmo os... que eu posso dizer assim, os públicos, digamos assim, eles não tão pra conversar com a pessoa, diretamente. É... eles estão mais pra poder dar uma dica, as dicas genéricas que eles passam pra pessoa. Eles não conseguem perceber que cada um é um! E aí eles passam aquelas dicas genéricas.(...) aqui a gente não tem esse profissional capacitado. Profissional aqui tá preocupado com o idoso, tá preocupado com a gestante, mas não tem preocupado com o jovem!” (E7)

“(...) eu nunca fui no posto assim por causa de saúde não, porque sempre foi bom, machucado também nunca fui não. (...) eles foram na escola. Foi na escola fazer o negócio dos dentes, levou a gente pra olhar os dentes. Na minha antiga escola. (E8)

“(...) Esses dia eles tão...chupando bala todo dia. Eu não como muito doce todo dia. Não curto comer muito doce não. (...)Tá mais comendo é esses chips, muito chocolate. Lá em casa sempre foi meio balanceado aí eu já acostumei já. (...) Tem muitas mães hoje em dia também que não liga muito o quê que o filho tá fazendo não! Minha mãe já liga né! (...) quando eu chego em casa ela liga pra mim (...) se eu deixei o gás ligado lá em casa, cada coisa!” (E8)

“(...) Sobre isso eu não vou saber falar, porque eu nunca precisei assim, recorrer ao hospital assim, de um jeito muito urgente. A única coisa que eu precisei um dia no hospital foi tirar raio X do meu braço, que eu tinha caído em cima dele, e só enfaixar ele pra deixar ele imóvel.(...) não demorou muito, não foi aquela coisa imediata, mas não demorou muito. E eu saí de lá, não aliviado, mas saí de lá sabendo que meu braço não tava quebrado. Já era uma coisa boa!” (E10)

“(...) Olha, eu, a saúde de Lagoa Santa, como muita gente reclama, ela não é tão ruim igual as pessoas acham não! (...) Agora, a saúde deixa muito a desejar! Não são os médicos, são os auxiliares dos médicos. Por exemplo (...) eu tenho um avô que é cego (...) a gente tá há anos e anos tentando conseguir uma operação pra ele, porque é muito cara, que ele tá com catarata e, voltar a enxergar antes dele falecer. (...) Os médicos são muito competentes (...) só que os auxiliares, secretários, essas coisas assim, eu não acho competentes. (...) A parte administrativa, é ruim! (...) Pra conseguir o que a gente quer, é muito difícil! Igual, onde eu moro, tipo assim, não tem nada disso (...) Custou a ter! E mesmo assim é muito sem estrutura! É tão sem estrutura que, conta de luz e água, a gente que paga lá! Eles mesmo chegam, pedindo de casa em casa! (...) Agora parou com isso. Porque antes, não tinha. Um vereador que pagava o aluguel de lá! (...) E mesmo assim, não tava dando resultado. Não tá dando resultado até hoje! Agora pararam, não precisa mais disso, e tal, conseguiram verba, mas não tá dando resultado nenhum!” (E11)

“(...) Meu bairro é muito isolado de tudo! (...) Apesar de ser um bairro do centro, ainda é muito isolado de tudo (...) qualquer coisa é muito longe! E qualquer coisa eles redirecionam pra outro lugar! Não resolvem nada lá! Apesar de que é só um lugar de encaminhamento, mas, problemas simples, febre, por exemplo, não resolvem lá! (...) Neném com febre, alguma coisa assim, não resolvem lá. É

bastante incompetência da administração. A parte burocrática é realmente muito falha!” (E11)

“(…) Eu fiquei meio chocada, assim! Eu não imaginava o estado que tava a saúde aqui em Lagoa Santa! Pra mim tava tudo bem! Faz propaganda, que o prefeito agora é médico! Falei assim: ah, deve tá tudo bem, vou lá tranquila, tomar a vacina e vai acontece isso. Eu nunca mais fui! (…) Não fui mais não. Agora se eu for é só particular ou na aeronáutica, que meu padastro é da aeronáutica. (…) Eu consegui, mas demorou muito!” (E12)

“(…) tem duas partes da saúde que eu tenho... que é a física e a mental. Saúde física aqui é até que bem tranquila, porque a maioria das pessoas fazem academia. (…) todo mundo faz academia, todo mundo quer tá sempre bem, pelo menos os jovens que eu vejo, né, que é o povo que eu mais convivo. Saúde mental, eu acho que, eu não consigo ver, tem poucas pessoas que tem uma consciência boa das coisas que tão acontecendo, que eu vejo que tão fora da igreja. Tipo, aqui na escola essas diferenças que acontecem, isso pra mim eu não vejo que seja uma saúde muito boa, a pessoa não tá saudável pra tá fazendo esse tipo de coisa: fofoca, eu não considero como uma coisa muito saudável de fazer. E nessa parte, tá precário aqui em Lagoa Santa, porque todos os lugares tem, acontece isso, acontece briga, brigas feias, não é qualquer coisinha que acontece, então é isso!” (E12)

“(…) A saúde de Lagoa Santa é muito ruim! (…) nos postinhos de saúde (…) tem umas pessoas que atendem bem, outras atendem horrorizadamente. No Posto SD mesmo, tem um médico, que se você vai lá, ele nem te examina e já te dá um paracetamol, agora não é paracetamol mais não, agora é ibuprofeno! (…) outro dia eu cheguei lá, eu tava passando mal (…) sentindo uma dor no peito (...), que o médico mesmo disse que podia ser de exercício físico que eu tava fazendo (…) ele olhou pra minha cara, ele falou que não ia me atender, que eu tava sozinha. Ele falou assim: da próxima vez que você vier, cê traz a sua mãe ou um responsável seu! Aí ele chamou uma enfermeira... nunca teve isso lá! Aí chamou uma enfermeira pra (...) ficar junto! Aí ele falou assim, que tava passando mal, ele falando com a enfermeira, eu tô lá e ele conversando com a enfermeira, falando que o povo tava falando alto lá fora, que ele tava passando mal, e que ele não deveria tá ali, que se ninguém importa com ele, ele não importa com ninguém! (...) me atendeu com dois minutos! E me deu um ibuprofeno e me mandou embora! (...) Na hora que ele me deu a receita, eu fiquei com tanta raiva que eu rasguei a receita! Toda vez que eu vou lá eles me dão o ibuprofeno! Toda vez! (...) Ele nem me examinou, ele nem ouviu pra ver se tava chiando, alguma coisa assim, nada! Nó eu fiquei com tanta raiva desse homem! Nunca mais voltei lá, até hoje, de tanta raiva! (...) Não me senti bem recebida! No hospital também tem vez que é assim, cê fica lá tem vez, que 5 horas assim, o dia inteiro! E se deixar, não te atendem! Aí eu fui em Vespasiano na maternidade, porque eu saí da escola, que eu tava passando mal, e fui pro posto, né, que era mais perto. Aí não resolveu nada, eu fui no convênio da minha mãe, que aí foi melhor, né?” (E14)

“(…) E eu já vi, no caso da minha avó, que precisou uma vez, um médico

simplesmente falou assim: ah, não tá no meu turno, espera aí que o próximo médico vai chegar daqui a vinte minutos”. (E10)

“(…) O hospital principal de emergência de Lagoa Santa fechou! (…) Eu acho que hospitais aqui tão faltando, a Santa Casa, supria a necessidade de hospitais em Lagoa Santa”. (E13)

Subtemas: Percepção sobre políticas públicas em geral (lazer, cultura, esporte, emprego, sinalização de trânsito)

“(…) Aqui mesmo em Lagoa Santa. Não é que eu vejo assim, mas acho que tem muito pouco... tipo digamos assim, festival de música, um teatro, uma coisa mais cultural, sabe? (...) que atraia mesmo o jovem, porque às vezes talvez não tenha assim, alguma coisa que é bacana mesmo de verdade, talvez o governo possa ajudar, porque a gente paga imposto é pra isso mesmo, né? (...) É, falta isso... falta um atrativo... o que realmente importa. Eu mesmo vou no centro assim (...) eu nem vou mais, porque eu sei que não tem nada.(...) se tivesse, talvez o pessoal não ficaria, tipo buscando no lugar errado, entende? Que às vezes não tem um lugar assim, pro cara divertir, que seja uma coisa boa mesmo, de verdade. Que não atraia ele fazer coisas ruins (...) É, ter opções, entende? Aí depois não tem... vamos supor, o cara vai lá pra festa e se embebeda, entende? Uma coisa que tira o cara fora de si? Droga, alguma coisa assim.” (E6)

“(…) É igual mesmo no meu bairro (...) o pessoal fica lá, uns amigo meu... muita gente assim fica doido pra jogar bola e não tem uma quadra, entende? Construíram mesmo lá na praça uma pista de skate que ninguém usa! Eles fizeram ela, tipo errado, e lá daria uma quadra enorme!” (E6)

“(…) emprego hoje em dia, nessa idade da gente é muito difícil! Muito difícil! Aqui é muito difícil você conseguir um estágio, é muito difícil você conseguir qualquer coisa! (...) Por isso que... através do Programa... Aprendiz, a gente... além de estar arrumando o primeiro emprego... tipo... auxiliar administrativo... a gente aprende muita coisa como ser cidadão, sabe? A superar as coisas que acontecem no dia a dia... a gente ser verdadeiramente... pro lado da política, político ladrão e tudo mais, e... pra sobreviver né, de uma forma digna, sem ser, como eu falo... rebaixado... e... é... não sei dizer essa palavra... tipo... não ser fraco, sabe? É isso que eu acho! (...) Eu acho... bom, deixa eu ver... porque, na situação de... tipo... a gente aprende aqui sobre... ser cidadão!” (E2)

“(…) O Pronatec foi eu que quis né, porque igual eu pensei, eu me qualificando pro mercado eu posso ter um emprego melhor. Garantir um emprego, melhor, já que eles estão oferecendo esses cursos assim de graça plenamente. Porque hoje tem vaga de emprego mas não tem pessoas qualificadas pra trabalhar dentro dele.” (E8)

“(…) aqui em Lagoa Santa a política deixa muito a desejar no sentido de que... a coisas em relação aos jovens. Porque a gente não tem apoio questão de médico... escola também”. (E4)

“(...) Lá no meu bairro não tem muito área de lazer (...) pras pessoas que precisam não. (...) antigamente, a gente, não tinha asfalto (...) subia lá pra cima pra pracinha, lá era bem divertido! Hoje em dia tem asfalto, mas lá em cima é tudo parado! Muito parado! (...) Só uma pista de skate, só. Mas ninguém usa assim não”. (E8)

“(...) Lá no meu bairro lá é tudo meio parado, meio tranquilo. Os jovens de lá é tudo, não fica muito no bairro, fica saindo toda hora. É tudo caladão lá assim. Muito calado lá. (...) o único negócio que tem muito no bairro, tem muito bar. Bar tem em cada esquina ali que cê vê, tem um bar. Aí as pessoas vai dançar forró, esses negócio (...)” (E8)

“(...) Tem porque a gente mesmo forma, vai pro meio do mato lá, tem muito mato no meu bairro, aí nós vai pro meio do mato e forma o nosso campo, capina, forma direitinho o nosso campo lá! Aí fica bom pra nós! (...) A gente que fez o campo lá! (...) de terra mesmo, nós foi lá e capinamos, colocou trave”. (E8)

“(...) aqui não tem muita coisa pra sair, né! (...) Ali tem a lagoa, tinha o cinema, mas fechou! (...) Era a única diversão assim, que a gente pagava cinco reais, ia lá e via um filme de cinco anos atrás, mas, era um jeito de sair! (...) A única coisa que tá tendo é a lagoa e a lagoa também tá acabando, tá secando! (...) poliesportivo (...) fechou, não tem. (...) Lá era treino de vôlei, basquete, essas coisas assim. Só que hoje, não tem mais! Porque vendeu o terreno, aí só deixou um pedacinho lá pra prefeitura e, acabou! O que tinha em Lagoa Santa, tinha muita coisa! Porque, cê podia pelo menos falar, tinha aqueles parquinho assim, que cê podia, tinha o areão que, era bem assim, passeava muita gente, pra jogar, essas coisas assim. Hoje cê chega lá, não tem como! Porque lá não tem uma estrutura, pra caber assim, as pessoas. Pra gente, tá faltando lazer! Lagoa Santa não tem! O que tinha, tá sendo tomado pra colocar prédio, essas coisas! (...) lá no meu bairro não tem nada pra mim fazer, então fico mais dentro de casa”. (E9)

“(...) aqui temos o poliesportivo que era um ótimo centro, aqui na cidade, relacionado ao esporte, que por ele ser algo do estado a prefeitura (...) abandonou! Ela não fez, por exemplo... ah, o estado... pô entendo, é o estado, conversa com o estado, tenta passar ele pro município. Isso é possível!” (E7)

“(...) eu faço curso Pronatec” (E10)

“(...) a minha percepção, por mais que alguns digam que tá errada, é que o Brasil, vou falar dessa maneira, mas também não era a palavra que eu queria, tá completamente ferrado! Porque, copa do mundo tava aí. Desnecessário! Já tinha estádio, pra ser sincero não precisava reformar (...) mas hoje em dia eles estão preocupados mais no próprio dinheiro, estabilidade própria, do que ajudar os cidadãos”. (E10)

“(...) a gente vê pessoas sendo atropeladas. E eu fui atropelado o ano passado (...) no caso da sinalização que eu digo, a moto só não parou porque ela achou que o ônibus tava pegando alguém no ponto de ônibus. (...) se o cara do ônibus tivesse sinalizado pra ele que tinha alguém passando, ou o cara tivesse visto, porque lá

tem quebra-molas, se ele tivesse visto aquele quebra-molas, que eu acho que ele não viu, ele teria diminuído e esperado eu passar! (...) porque perto ali (...) tem uma rotatória. E pouca gente sabe, pelo jeito aqui que é uma rotatória, porque quando alguém tá na rotatória essa pessoa tem a preferência, e o que vai entrar na rotatória tem que esperar o cara fazer ela inteira. Já vi muita gente batendo (...) já vi, sei lá, muito motoqueiro caindo, muito carro se chocando com outro por causa daquela rotatória! Aí tem que ter a fiscalização! (...) referente à cidade, por completo, acho que falta muita coisa pra melhorar ainda!” (E10)

“(...) Eu trabalho no aeroporto, como jovem aprendiz. (...) É uma coisa muito bacana (...) vejo jovens criando mais independência e deixando de lado essa coisa mesmo de... amadurecendo!” (E12)

“(...) Eu acho que o comércio aqui em Lagoa Santa, é muito ruim! Primeiro, o preço das coisas, pra facilitar as coisas pra população. E o atendimento é ruim, se você vai em um lugar que você não se sente bem, no comércio, no supermercado, no barzinho, qualquer lugar que você não vai se sentir bem por causa do atendimento, isso vai refletir na cidade inteira! Nossa, Lagoa Santa é um lixo! Qualquer lugar que você vai todo mundo te trata como um lixo! Então acaba que isso prejudica a cidade!”. (E12)

“(...) entrou um novo prefeito aqui, e que simplesmente não fez nada! Teve a festa de agosto, que é a festa cultural daqui de Lagoa Santa, que, ano passado, ele se recusou a dar verba pra isso, então não teve shows, não teve nada. O que teve foi o que a igreja financiou. E tem também, o Expo Lagoa Santa, que ele o ano passado se recusou a dar verba, então não teve o Expo Lagoa Santa. (...) ele simplesmente tá limitando a diversão do povo de Lagoa Santa”.(E13)

“(...) Trabalho (...) auxiliar administrativo, mas Jovem Aprendiz a gente quase não, depende da empresa, a gente não tem o que fazer direito lá né, porque tem muita gente lá já. (...) o jovem hoje em dia, aqui em Lagoa Santa, não tem muito, não se interessa muito pela política. Porque também não tem incentivo, né? Aí a gente tenta fazer umas comissões pra ir nas reuniões que tem na prefeitura, a gente, a menina até montou um grupo, lá no instituto, pra gente trazer mais jovens, não só do instituto, mas de fora, pra gente poder discutir essas coisas! Porque os meninos falam: ah, pra quê, votar pra quê? Votar em ninguém não, votar pra quê? (...) Se cada um falar assim, eu não vou votar, acabou! Todo mundo, cada um tem que fazer sua parte, cada um fazendo a sua parte tudo vai dar certo! (...) fui duas vezes no Conjuve, que a primeira vez foi com o Dr. F, que tem um, esqueci o nome do moço, que vai sempre com ele, só que não deixa o Dr. F responder as coisas, cê perguntou, ele respondeu na frente (...) A gente fica assim: uai, porque que é alguém que fala por ele? A gente quer ouvir ele falando! E a outra foi aquela vez do Conjuve que também teve, que foi com o G. (...) quando a gente entra no instituto, nas outras aulas não, mas nas aulas do A., tudo é política, aí a gente começa a conversar mais né, porque a gente, até porque ele dá os trabalhos a gente tem que resolver, aí a gente tem que pesquisar, assim, as coisas e tentar né! A gente pelo menos fazendo a nossa parte...” (E14)

“(...) Quando ela veio fazer o seminário, a gente convidou todos (...) os vereadores. A gente foi lá na Câmara e entregamos. Não vieram, não foi nenhum! Aí foi o vice-prefeito, que na verdade não foi nem como.... ele falou: eu não vim aqui por ordem da prefeitura, realmente eu vim porque sou amigo de A. Mas ele também não tinha (...) carga pra debater com a gente. Não tinha metade de ideia do quê que a gente tava falando! (...) não tá qualificado pra conversar com o jovem. Na verdade políticos de Lagoa Santa, ninguém tá. A gente é desvalorizado. Cê chega na frente de um deles, apesar dele ser um servidor público, ou seja, de uma forma indireta ele tinha que me prestar importância, ele tinha que prestar respeito à minha pessoa (...) Na hora que você tá falando eles tão lendo jornal... mexendo e tal... tá muito despreparado aqui. (...) Porque muitas vezes, o que eu vejo é a pessoa tentar conversar e... eu entendo, ele fez um curso técnico, ele tem uma (...) linguagem diferente, pode ter mais conhecimento, mas eles tem que entender, se eles tão conversando com o jovem, eu tenho que conversar como jovem. Porque muitas vezes a gente chega, vai conversar, aí eles tentam dar aquelas explicações cheias de palavras complicadas... por exemplo, eu posso entender, mas a pessoa que tá do meu lado pode não entender!” (E7)

Subtema: Propostas de melhoria das políticas públicas

“(...) Pensei assim, que poderia ter... não sei se tem, também nunca... mas um psicólogo, talvez? No hospital? Pra poder ajudar o pessoal que é da minha idade? Talvez tá passando por uma dificuldade, que os amigos tratam, mas os pais são ignorantes, não sabem... poder buscar lá e ter um psicólogo pra ajudar eles. (...) Eu acho que mais aquilo que eu te falei, mais a preocupação do pessoal que trabalha lá, entende? (...) minha mãe é técnica de enfermagem. Do mesmo jeito que ela trabalha, e quer ajudar, mas ela não pode. Porque o médico, tipo assim, já tá cheio... não, a pessoa quer ajudar, mas (...) Talvez mais pessoal?(...) Mas também isso também... leva muito na questão dos políticos mesmo, né. (...) Eu acho que... políticas públicas!” (E6)

“(...) eu acho que primeira coisa seria buscar psicólogos que entendam o jovem! (...) em Lagoa Santa, o lado saúde, é ter profissional voltado ao jovem! Profissional que estudou o jovem pra poder... ainda mais que a juventude é algo tão diversificado! Tem de tudo! É a faixa etária com mais diferenças que existe. Então eu acho que é um trabalho mais difícil pro profissional, mas é o melhor caminho, que quiser tratar da saúde do jovem”. (E7)

“(...) Aumentar o número de hospitais... porque a gente vê hospital lotado o tempo todo! (...) Melhorar., ao invés de dar salário alto pra deputado dá pra médico ué! Porque se alguém ficar doente não vai ser o deputado que vai curar. Deputado não salva vida, são a maioria os médicos! Aumentar o salário deles, melhorar a infraestrutura dos hospitais. e investir mais na saúde em si. Não só nessa parte, mas na psicológica também! Por causa que, se tivesse alguém pra acompanhar mais, se tivesse mais gente pra acompanhar as pessoas... também ia ajudar bastante”. (E1)

“(...) No caso de infraestrutura e funcionamento, o hospital poderia ser maior, na minha opinião, e com mais médicos, não de plantão, porque nenhum médico gosta

de ficar mais tempo lá do que deveria, mas no caso, se ele tiver que ficar um pouco mais de tempo, que ele fique lá, porque o paciente vai tá precisando dele. (...) Aí, é uma coisa que poderia melhorar, é ter mais funcionários dentro dos hospitais”. (E10)

“(...) Leis. (...) por exemplo, deputado! Os deputados, os políticos. O salário deles são enormes não são? (...) Eu vi uma coisa sobre um deputado... um político chinês que propôs algumas coisas que causariam mudanças no governo. Primeiro investir dinheiro na educação (...) Principalmente na educação. Porque uma sociedade que pensa causarem todas as mudanças necessárias. (...) depois reduzir salário de políticos. Porque não tem necessidade deles ganharem tanto! Só ia trabalhar em política quem realmente quer trabalhar na política. É... investir em saúde e nas coisas voltadas pro povo né?” (E1)

“(...) dinheiro que recebe da população, tinha que reverter pra cidade. Então assim, diminuir um pouco os postos, porque tem muito posto pra pouco médico! (...) colocar mais praças de lazer, colocar assim, separar, tipo uma escola, publica, mas assim, ter natação, essas coisas assim, pra sociedade, pros jovens, porque até os jovens votam. Então se eles não ajudar eles, a gente é o futuro de amanhã! Eles não vão conseguir nada com a gente!” (E9)

“(...) eu acho que a primeira coisa é treinar como conversar com o jovem! (...) E isso não precisa ser só no centro de saúde. (...) conversar... ensinar o executivo, o jurídico, porque eles não sabem. (...) tentar conversar numa linguagem acessível ao jovem. (...) a primeira coisa é treinar (...) mais o lado, como conversar, eles tem que treinar também a empatia, porque é uma coisa que falta muito neles. Você vai conversar, você tenta expor um problema na sua cidade (...). Então é... a empatia, pra eles poderem entender o que a gente fala. (...) e também, o lado mais assim... vontade! A vontade de fazer!” (E7)

“(...) E se eu fosse falar na questão dum projeto, é realmente criar um centro jovem! Alguma coisa do tipo, que dentro dele tivesse músicas de vários tipos, tivesse alguma coisa que ligasse as pessoas. Eu acho que a melhor forma de tratar o preconceito numa sociedade, é você juntar todos e mostrar: somos todos iguais! (...) O poliesportivo, por exemplo, ele era um ótimo lugar pra fazer isso (...). Fazer um evento, uma vez por mês... sei lá, uma vez a cada dois meses! Algo nesse ritmo, porque reunir a cultura, reunir os gostos diferentes, a música diferente...” (E7)

“(...) tentar levar (...) pra dentro das escolas... não ensinar, mas incentivar a tolerância. Que eu acho que esse é o grande problema aqui. Não só em Lagoa Santa, mas que o país está passando. A tolerância, entender as desigualdades, porque é o grande problema que tá tendo (...). Então eu acho que é o treinamento da tolerância, realmente. Acho que esse é o ponto principal (...). Porque retirando a intolerância a gente resolve muuitos problemas! Evita conflitos, fica mais fácil... até o legislativo daqui, eu sei que alguns deles tem uma certa intolerância, que eu já notei no tom de voz, na forma que conversa. É... isso resolveria, ficaria mais fácil conversar, eles entenderiam melhor o que as pessoas procuram. (...) Eu acho que, em geral é isso. É resolver a questão da intolerância e... seja isso com eventos ou,

com palestras, ou como eu falei, tentar uma parceria com o governo pra poder fazer um evento uma vez ou outra sobre isso”. (E7)

“(…) eles podiam muito bem tentar buscar cantores da cidade, pra poder aqueles cantores mostrarem a cultura, o desejo deles. Isso diminui a intolerância. (...) Então eu acho que realmente é isso. Ensinar a ser tolerante! É pregar a tolerância! (...) Porque isso são pequenos eventos, né, coisas que a prefeitura nem gasta. Muitas vezes, o quê que esse artista quer? Espaço! Ele não tá pedindo dinheiro, ele não tá pedindo apoio, tá pedindo espaço. Porque hoje em dia você faz um evento num lugar, pode ser um evento que tá a população gostando. Se o governo não gostar, ele tira.” (E7)

“(…) seria melhor a quadra! (...) uma coisa que seria nó, muito mais aproveitada! (...) Claro! E também até uma forma de (...) desviar a atenção, no lugar certo”. (...) claro que abrange, né, não é só culpa (...) do governo né, tipo assim, mas eles poderiam ajudar em questão assim, de oferecer algo que atraia o jovem (...) Cultural... não sei, qualquer coisa! Esporte” (E6)

“(…) alguma coisa pros meninos brincarem. Podia ter uma quadra de basquete, de vôlei. No Jardim Ipê tem uma quadra de futebol. Lá onde eu morava lá em Santa Luzia tinha muito espaço, pra todo mundo brincar lá!” (E8)

“(…) tem que ser feita uma coisa a longo prazo, tipo uma ONG, uma coisa muito bacana! Que nem o jovem aprendiz, que acontece, que eu tô, que eu participo. (...) E uma coisa também que acontece dentro das igrejas, pelo menos na minha igreja católica e na igreja evangélica, eu acho muito bacana, quando tem pregação, que o cara ensina como conviver com as outras pessoas, que eu acho muito bacana! Não vejo também essa diferença de: ah, eu sô católico num vou na outra igreja! Mas eu acho que tem que tá todo mundo em comunhão, porque tudo é uma coisa só! Lagoa Santa, uma só, sem ter essa diferença. Mas é complicado pensar em alguma coisa pra resolver. Eu acho que isso não vai resolver tão simples, assim”. (E12)

“(…) Acho que melhorar também a lagoa, porque a lagoa é linda! E tá todo mundo estragando a lagoa. Se melhorar a lagoa, todo mundo vai ver a cidade de maneira diferente, vai se sentir mais agradável na cidade.” (E12)

“(…) Olha, eu acho que tudo pode melhorar um pouco. Acho que só falta vontade e disposição, e bom senso pra fazer as coisas. Eu acho que o prefeito, pequenas coisas que ele fizesse em Lagoa Santa o povo ficaria satisfeito, porque nós não somos cidadãos tão rígidos com essas coisas. A gente fica satisfeito com o simples! Então, se ele aparecesse mais, se ele: olha, vou fazer uma coisa ali no final de semana que vem, e... é isso! (...) Tem uma quadra de futebol que ninguém usa, que tá largado lá, eu não sei se usam porque eu não vou muito lá. Mas perto da minha casa não tem nada. Em geral, tem mais na lagoa, que tem feirinha aos domingos. Aliás, eu acho que em Lagoa Santa, só tem coisas mesmo na lagoa”. (E13)

“(…) o dinheiro que eles usaram pra reformar podia ter, sei lá, melhorado o salário

de funcionário público, porque eu acho uma tremenda sacanagem os cara trabalhar na rua e não receber quase nada! Eles podiam melhorar as condições dos professores, poderiam melhorar as condições dos hospitais, que a gente vê, nas notícias, a gente vê muito hospital que tá com problemas, sei lá, com muito doente e os caras não estão sabendo atender. Eles poderiam, sei lá, melhorar as estradas, que a gente vê muita estrada, sei lá, com buraco, com desvio porque tá tendo uma reforma e tá demorando, sei lá, eles poderiam fazer tanta coisa, que se eles fizessem isso o Brasil ia desenvolver de um jeito muito bom! Se os políticos, digamos assim, não fossem os políticos de hoje, que focam só em: ah, tô recebendo dinheiro, então pra quê trabalhar, né? Os caras estão votando em mim, eu falo o que eu quiser e eles compram! Se fosse diferente, se eles fossem, oh, vote em mim que eu vou mudar a cidade, vou fazer isso, e eles realmente fizessem, aí já era um ponto positivo pra eles” (E10)

“(...) é um dos pontos, sinalização! Outra coisa, a fiscalização também, no caso ainda do trânsito”. (E10)

TEMA: Avaliação da entrevista

INFERÊNCIAS: Os jovens sinalizaram a importância do diálogo. Expressaram satisfação em ter participado da pesquisa e contribuído com o estudo

CATEGORIAS:

1. “Essas perguntas não acontecem a todo momento”

FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS

“Foi boa! Foi o que eu tava imaginando mesmo! (...) Tranquilo, já falo disso... muitas vezes né! (...) Porque a gente finge, tem gente que finge que isso aí não faz parte, mas tudo isso que eu falei faz parte! Todo mundo aqui sabe que tá de frente pra uma boca! (...) Você não percebeu não? Aqui na frente é ponto de droga, naquela esquina. Você pode ver que toda hora os moleque chega ali (...) É uma realidade muito presente né! É... que a gente finge... a mídia, por exemplo, poderia mostrar também né! Tem gente aqui que não vê, mas faz parte!” (E1)

“(...) Não é igual escola que é passageiro não. Isso aí vai ser pra sempre mesmo!” (E11)

“(...) Acho que o melhor método de alterar uma sociedade é ver exatamente o que a sociedade quer! Se quer melhorar a vida do jovem, pergunta ao jovem: o quê que você faz? O quê que você sente? Exatamente como essa conversa! (...) Expor a minha opinião e também mostrar às pessoas... que muitas vezes tem muitas pessoas que tem um pensamento parecido! Tem um pensamento idêntico talvez! Mas o que acontece? Elas se fecham em seus ambientes com medo de que a sociedade a reprima. E é uma coisa que eu falo a mim mesmo. Eu não vou me esconder por causa de ninguém! Não, eu acho que a liberdade é o que me faz diferente! Então eu tenho tranquilidade de falar. (...) Então quando eu falo, eu consigo mostrar. Eu penso assim... da forma como estou falando com você agora, é a forma que eu converso com qualquer pessoa que me perguntar o quê que eu penso, o quê que eu acho das coisas. Seja que a pessoa esteja gostando ou não, eu acho que a realidade é essa!” (E7)

“(...) foi até bacana a entrevista, que eu nunca tinha tido uma entrevista assim! (...) Mas você foi bacana! Não tem isso hoje em dia, é muito difícil isso acontecer, ainda mais no Brasil mesmo! Acho muito bacana! Eu gostei muito! (...) Eu, por exemplo, é meio difícil pra mim, mas eu vejo o porquê, que é uma pesquisa, aí eu, não ligo porquê é uma pesquisa! Mas se fosse uma pessoa que eu conheço não... seria bem mais difícil! (...) Pra jovens isso, eu acho, pra um jovem vir chegar e falar isso eu acho que é muito difícil, alguns jovens, se abrir com certas pessoas.” (E11)

“Foi bom porque... tipo... essas perguntas não acontecem a todo momento, sabe? (...) é melhor do que ficar guardando (...)” (E2)

“(...) eu acho que eu falei bastante coisa. (...) foi bom! Falar tanta coisa assim... eu nunca tinha falado tanta coisa assim pra uma pessoa, tudo que eu penso! Todas as pessoas que convivem comigo não sabem que eu penso esse tanto de coisa! Foi bom, foi agradável!” (E12)

“(...) De poder falar o que eu penso e falar coisas que já aconteceram comigo e que não deram muito resultado, igual esse caso da minha tia...” (E14)

“(...) Legal. Às vezes é bom a gente falar assim pra alguém o quê que a gente quer, o quê que a gente busca... entende? Sei lá, é bacana!” (E6)

“(...) que é você poder mostrar exatamente como você pensa! (...) Eu acho que foi ótimo, porque eu consigo expressar minha opinião, da forma que eu vejo, da forma que eu vivo. Eu não só apenas expresso isso, eu vivo isso todos os dias! Então assim, é legal.” (E7)

“(...) Acho que foi, legal! (...) Ah, foi interessante, porque é uma conversa que você pode ter sem ser julgado, de certa forma. Que muita gente conversa com as pessoas mas no final acaba julgando logo depois! Aí de vez em quando é bom conversar com uma pessoa sem ser julgado pelo assunto que ela tá falando!” (E10)

“(...) acho que tudo que eu precisava de expressar eu...(...) Foi um desabafo, né! (...) Porque é a mesma coisa de tá falando, a minha vida, confiando, como se eu tivesse com uma amiga aqui, falando, acho que foi assim!” (E9)

“(...) Gostei, gostei, achei que tirou um pouco... eu gosto de conversar sobre essas coisas. (...) Acho que eu já resumi minha vida!” (E13)

“Ah, foi bem tranquilo! (...) No começo pareceu que foi difícil, mas foi bem tranquilo falar sobre isso. (...) no começo dá um branco. A gente esquece. Depois que fica mais tranquilo.” (E8)

“(...) Eu achei que foi muito rico (...). Mas não sei... eu achei que eu fiquei um pouco nervosa (...)” (E4)

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Comitê de Ética em Pesquisa
N.º Registro CEP: CAAE 23339213.9.0000.5091

Projeto: **Adolescência e Saúde: um estudo sobre comportamentos de risco no Município de Lagoa Santa-MG**
Tópico: Resiliência

Prezada,

Convidamos você a participar de uma pesquisa que tem como intuito conhecer o que o jovem percebe como elementos de proteção à sua saúde mental e quais são os recursos e estratégias utilizados no cotidiano para resolver os problemas, evidenciando assim seu processo de resiliência.

Você foi selecionada para uma entrevista porque está cursando o Ensino Médio na cidade de Lagoa Santa e sua colaboração neste estudo, consistirá em participar de uma entrevista, que abordará temas relativos ao processo de resiliência dos jovens diante das adversidades cotidianas. Os dados coletados serão utilizados apenas para fins de pesquisa e divulgados de forma geral. Ou seja, a percepção do coletivo de jovens da cidade de Lagoa Santa, o que garantirá a preservação da identidade dos entrevistados.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com qualquer instituição. Você não terá nenhum gasto e também não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.

As informações obtidas com a pesquisa são confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou de qualquer natureza, uma vez que os resultados serão sempre informados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Haverá a gravação em áudio e as falas serão transcritas preservando a sua identidade e o material gravado destruído.

Caso se perceba ameaçada ou constrangida por alguma questão, poderá se recusar a participar ou a responder qualquer uma das questões, a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão. Os resultados da pesquisa podem fornecer uma percepção dos jovens de Lagoa Santa sobre suas maneiras de lidar com as dificuldades cotidianas podendo contribuir para a discussão de ações e políticas públicas de saúde que valorizem, ampliem e potencializem os recursos que os jovens apresentam ao lidar com os riscos e problemas cotidianos. Você receberá uma cópia deste termo de consentimento no qual consta o telefone e o endereço dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto agora ou a qualquer momento.

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço e telefone institucional dos Pesquisadores:

Profa. Dra. Maria José Nogueira

Endereço: Av. Augusto de Lima, 1715, Barro Preto CEP: 30190-002, Belo Horizonte – MG - Brasil

Tel.: 55 0xx31 3349- 7734 – Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) - sala: 206

Profa. Dra. Celina Maria Modena

Endereço: Av. Augusto de Lima, 1715, Barro Preto CEP: 30190-002, Belo Horizonte – MG - Brasil

Tel.: 55 0xx31 3349-7734 – Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) - sala: 206 <http://www.cpqrr.fiocruz.br> – E-mail: celina@cpqrr.fiocruz.br

Danielle Fanni Dias Knupp

Endereço: Av. Augusto de Lima, 1715, Barro Preto CEP: 30190-002, Belo Horizonte – MG - Brasil

Tel.: 55 0xx31 3349-7734 – Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) - sala: 206

cel: 55 0xx31 8302-0775 – E-mail: danielleknupp@cpqrr.fiocruz.br

Endereço e telefone institucional do Comitê de Ética - CPqRR:/FIOCRUZ Minas - Av. Augusto de Lima, 1715 – Barro Preto - Belo Horizonte (Cep: 30190-002) -Secretária: Bernadete Patrícia Santos – TeleFax: (31) 3349 7825 e-mail: ceps-h-cpqrr@cpqrr.fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Lagoa Santa, _____ de _____ 2014

Nome da participante (letra de forma)

Assinatura da participante

Agradecemos sua colaboração e confiança.

Nome da pesquisadora (em letra de forma)

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 2
CARTA DE APRESENTAÇÃO



Belo Horizonte, 18 de Agosto 2014.

Prezado Senhor(a)

A Fundação João Pinheiro, órgão oficial de estatísticas e informações do Governo de Estado de Minas Gerais, em parceria com o centro de Pesquisas René Rachou da Fiocruz-MG e com o CONJUVE- Conselho Municipal da Juventude de Lagoa Santa, tem o prazer de convidar a Escola _____ para participar da segunda etapa da pesquisa: **Adolescência e Saúde: um estudo sobre comportamentos de risco no município de Lagoa Santa/ MG**. Na primeira etapa alguns adolescentes participaram respondendo a um questionário sobre Comportamento de Risco na Adolescência.

Na segunda etapa serão entrevistados ____ alunos matriculados nas turmas. A participação dos alunos se fará mediante aceite do convite pelo mesmo bem como apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelo pai ou responsável. Desse modo, solicito a colaboração por parte da direção no sentido de viabilizar a realização da Pesquisa em seu Estabelecimento de Ensino.

Para maiores esclarecimentos apresento as pesquisadoras Danielle Fanni Dias Knupp e Isabella Chimelli, que serão as responsáveis pela coordenação dos trabalhos na Escola. Esclareço ainda que as mesmas estão aptas a apresentarem a proposta de trabalho e elaborar juntamente com os responsáveis pela Escola um cronograma de atividades bem como o delineamento de atribuições da Escola e dos coordenadores da pesquisa.

Atenciosamente,

Maria José Nogueira – Coord. da pesquisa
Dra. em Ciência da Saúde
Fundação João Pinheiro – MG